**Edson Marques** 

# João CALVINO e o Cântico dos Salmos

Uma introdução ao pensamento de Calvino como lembrança dos 460 anos de sua morte

# João CALVINO e o Cântico dos Salmos

João Calvino e o Cântico dos Salmos: uma introdução ao pensamento de Calvino como lembrança dos 460 anos de sua morte.

Copyright © 2024 por Edson Marques, registrado na Câmara Brasileira do Livro.

Esta é uma edição comemorativa gratuita, distribuída em PDF. Não pode ser comercializada.

Sobre o autor: Edson Marques é presbítero, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano "Rev. Denoel Nicodemos Eller" e mestre (M.Div.) em teologia histórica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper/Mackenzie. É autor do livro *O uso de bebidas alcoólicas*: uma análise bíblico-teológica (e-book), *Cânticos do Senhor*: um tratado sobre a doutrina bíblica da Salmodia Exclusiva e *Guardiões*: uma defesa bíblica do uso da força e de armas. É casado com Joyce Marques e têm cinco filhos: Sarah, Livna, Nícolas, Mavie e Katrina.

# Dedicatória A todos que desejam ser realmente calvinistas na adoração

## Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 – Calvino e o Princípio Regulador do Culto	11
Capítulo 2 – Calvino e a doutrina bíblica da Salmodia Exclusiva	19
Capítulo 3 – Calvino e os hinos anexos ao Saltério	65
Capítulo 4 – Calvino e o uso dos instrumentos musicais no culto	
Considerações Finais1	01
Apêndice I – Prefácio do Saltério de Genebra - 1543 1	03
Apêndice II - Calvino, Comunhão Semanal e a Tradição Reformada Escocesa	11

### Introdução

João Calvino (1509-1564) foi o mais influente teólogo da Igreja Reformada. Ele foi reformador, pastor, mestre, e pregador incansável. Pregava com fervor as Escrituras diversas vezes na semana e escreveu excelentes comentários de quase todos os livros da Bíblia. Acima de tudo, tinha um coração humilde e submetido à soberania divina; um ardente amor à doutrina e à glória de Deus. Steven J. Lawson diz que ele "era uma força motriz tão expressiva que influenciou a formação da igreja e da cultura ocidental de um modo como nenhum teólogo ou pastor conseguiu fazer. [...] indiscutivelmente, o principal arquiteto da causa Protestante.".1

Há 460 anos, no dia 27 de maio de 1564, João Calvino morreu. E, como disse seu amigo Theodoro de Beza, "nesse dia o sol se pôs e o maior luzeiro que houve neste mundo para a direção da Igreja de Deus foi recolhido ao céu". Calvino deixou um rico legado à Igreja Cristã, contudo, nas palavras de J. H. Merle D'Aubigné, "não há, talvez, nenhuma pessoa na História mais mal compreendida do que João Calvino". 3

Há muitos equívocos sobre a vida de Calvino. Um deles, por exemplo, é seu envolvimento no caso de Miguel de Serveto. Contudo, os maiores equívocos dizem respeito a sua teologia. A tradução da obra teológica de Calvino

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> LAWSON, Steven J. *A arte expositiva de João Calvino*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2008, p. 15,16.

 <sup>&</sup>lt;sup>2</sup> BEZA, Theodoro de. *A vida e a morte de João Calvino*. Campinas-SP: LPC, 2006, p. 102.
 <sup>3</sup> Apud COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *João Calvino 500 anos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 11.

para a língua portuguesa é algo muito recente, o que pode explicar, mas não justificar, a ignorância sobre ele daqueles irmãos e igrejas que se consideram calvinistas. Pode-se dizer que Calvino é muito falado e citado, mas seu pensamento teológico ainda é pouco conhecido. E uma das coisas que ainda são desconhecidas em Calvino é seu ensino e prática do uso da música para adoração a Deus no culto. Infelizmente, a maioria dos teólogos contemporâneos apenas repete algumas coisas tidas como verdadeiras sem fazer sua própria análise e sem levar em conta os contextos históricos e teológicos. Uma das questões que é repetida com inexatidão é a prática da Salmodia por Calvino em Genebra.

Curiosamente, Calvino tem sido usado por alguns teólogos contemporâneos como argumento para justificar o uso dos mais diversos hinos e cânticos, corais, grupos de música e o uso de instrumentos musicais no culto. Isso reflete a mais nítida distorção da teologia e prática de Calvino, e um verdadeiro afastamento de seu pensamento.

Neste livro, pretendo, de forma introdutória, demonstrar qual foi, de fato, o pensamento de Calvino sobre o cântico da igreja no culto divino. Os capítulos deste livro são artigos publicados que foram atualizados e também um pequeno recorte do livro *Os Cânticos do Senhor*<sup>4</sup> que foi adaptado para este propósito. No primeiro capítulo será mostrado as convicções de Calvino sobre o que veio a ser conhecido como Princípio Regulador do Culto. No segundo capítulo será visto o uso que Calvino fez dos Salmos no culto e se ele pode ser considerado um defensor da Salmodia Exclusiva. No terceiro capítulo, será esclarecido o porquê de alguns hinos terem sido anexados ao Saltério

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> MARQUES, Edson; Marques, Joyce Carolina Braga. *Os Cânticos do Senhor*: um tratado sobre a doutrina bíblica da Salmodia Exclusiva. Recife, PE: Editora Pactuante, 2022.

de Genebra. E, por fim, no quarto capítulo será apresentada a posição de Calvino sobre o uso de instrumentos musicais no culto. Também foram inseridos dois apêndices. O primeiro é o *Prefácio do Saltério de Genebra*, escrito por Calvino em 1543. O segundo, *Calvino, Comunhão Semanal e a Tradição Reformada Escocesa*, escrito pelo Rev. Adam M. Kuehner, trata da posição de Calvino sobre a frequência em que se deve celebrar o sacramento da Ceia do Senhor. Este texto foi traduzido pelo Rev. Joelson Galvão, revisado por Flávio Costa e gentilmente cedido pela Publicações O Pacto.

Espero, com este livro, estimular o interesse por um maior conhecimento do pensamento de Calvino, sobretudo, no que diz respeito ao cântico dos Salmos. Que o Senhor conduza sua Igreja na prática da verdadeira Salmodia.

## Capítulo 1 – Calvino e o Princípio Regulador do Culto

Pelo exame de todas as determinações de Deus na Escritura que estabelecem o seu culto, pode-se identificar um princípio pelo qual o culto é regulado. Esse princípio foi denominado pela teologia reformada de *Princípio Regulador do Culto*. Pode-se dizer que esse princípio é nada mais do que o *Sola Scriptura* aplicado ao culto. O cerne desse princípio é que qualquer coisa com significado religioso que não esteja ordenada na Escritura é proibida de ser realizada no culto, e só fazemos no culto aquilo que Deus ordenou. A busca pelo culto correto e agradável à Deus parte da pergunta "o que Deus ordenou?" e não da pergunta "isto é proibido?". O culto é constituído pelo conjunto das coisas que foram ordenadas por Deus em sua Palavra.

As raízes da formulação do Princípio Regulador do Culto podem ser encontradas principalmente em João Calvino.<sup>5</sup> Para ele a verdadeira religião deve ter a Escritura como seu ponto de partida e o verdadeiro culto espiritual é estabelecido pelo próprio Deus em sua Palavra.<sup>6</sup> "Até que sejamos iluminados no conhecimento do Deus único",

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> DELIVUK, John Allen. Biblical authority and proof of the regulative principle of worship in the Westminster Confession. *Westminster Theological Journal* 58:2 (Fall 1996) 237-56, p. 238; BENNETT, Christopher J. L. O culto entre os puritanos. *Revista Os puritanos*, Ano VIII, nº 02, 2000, p. 10; BAIRD, Charles W. *A liturgia reformada*: ensaio histórico. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001, p. 21. Anglada assevera que a defesa deste Princípio não se limita aos puritanos e o denomina "Princípio Regulador do Culto Reformado" (ANGLADA, *O princípio regulador no culto*, São Paulo: PES, 1997, p. 11). <sup>6</sup> CALVINO, João. *As institutas*, vol. 1-4. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, I.2.2; II.8.17.

diz Calvino, "haveremos sempre de servir aos ídolos, com cuja dissimulação podemos encobrir nossa falsa religião. O legítimo culto divino, portanto, deve ser precedido por um sólido conhecimento". Segundo Calvino, não há adoração verdadeira sem conhecimento, nem mesmo sob a alegação de boas intenções, pois "os homens nada podem fazer senão errar, quando se deixam guiar por sua própria opinião sem a Palavra ou mandamento de Deus". §

Para Calvino, o culto não deve ter como medida os conceitos humanos e "qualquer tipo de serviço não é lícito simplesmente sobre a base de que nos é agradável". O verdadeiro culto começa com a obediência. O "Se intentarmos algo contra Seu preceito, obediência não é", diz Calvino, "pelo contrário, contumácia e transgressão". Ele afirmava que todas as formas de culto não prescritas na Palavra, que os homens inventam de si próprios, são abomináveis. Sobre a morte de Uzá (2Sm 6.1-10), ele diz:

Devemos por isso concluir que nenhuma de nossas devoções será aceitável a Deus a menos que esteja conformada à sua vontade. Tal preceito lança por terra todas as invenções humanas do assim chamado culto a Deus do papado, que é tão cheio de pompa e tolice. Diante de Deus tudo isso nada mais é que puro lixo e verdadeira abominação. Tenhamos em mente, portanto, essa inequívoca regra: querer adorar a Deus segundo as nossas próprias ideias é simplesmente abuso e corrupção. Antes, pelo contrário, precisamos ter o testemunho da sua vontade para seguirmos e submetermo-

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> CALVINO, Gálatas – Efésio – Filipenses - Colossenses. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 134.

<sup>8</sup> Idem., O evangelho segundo João, vol. 1-2. São José os Campos, SP: Fiel, 2015, p. 171.
9 Idem., Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses, 560.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Idem., Salmos, vol. 1. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, p. 44; Idem. Salmos, vol. 3, p. 289; Idem. As obras de João Calvino. São Paulo: Editora Clire, 2017 158,164.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Idem., As institutas, I.17.5.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Ibid., I.11.4; Idem. *Hebreus*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, 199; Idem. *As obras de João Calvino*, p. 158,159,164.

nos àquilo que nos tem ordenado. É assim que a adoração que prestamos a Deus será aprovada. 13

Calvino rejeitou toda pompa das cerimônias do papado e a ideia de que a Igreja tem o poder para definir questões de fé e de culto. O cristão deve se sujeitar à Igreja somente se ela permanecer na Escritura, pois o poder dela "não é infinito; antes, está sujeito à Palavra do Senhor". 14

Em sua obra *A Necessidade de Reformar a Igreja* Calvino declarou "quão difícil é persuadir o mundo de que Deus desaprova todos os modos de culto que não estejam expressamente estabelecidos por sua Palavra". <sup>15</sup> Tendo observado que a Palavra de Deus é "o teste que discrimina entre seu culto verdadeiro e aquele que é falso e corrompido", Calvino inferiu que toda forma de culto em uso geral em sua época nada mais era do que mera corrupção. Isto porque "os homens não respeitam o que Deus ordenou, nem o que ele aprova, a fim de o servirem de maneira apropriada, porém assumem para si a licença de inventar modos de culto e, depois, os impõem a Deus como um substituto da obediência". <sup>16</sup> Comentando Deuteronômio 12.32, "Tudo o que te ordeno, observarás para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás", ele diz que

nesta pequena cláusula ele ensina que não há outro serviço considerado lícito por Deus a não ser aquele que Ele deu Sua aprovação na Sua palavra, e que a obediência é a mãe da piedade; é como se ele tivesse dito que todos os modos de devoção são absurdos e infectados com superstição, quando não são dirigidos por esta regra.<sup>17</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Apud COSTA, Herminsten. O culto cristão na perspectiva de Calvino. *Fides Reformata*, vol. VIII, nº 2 (2003): 73-104, p. 80.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> CALVINO, As institutas, IV.8.4.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Idem., *As obras de João Calvino*, p. 158.

<sup>16</sup> Ibid., p. 161.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Apud COSTA, Hermisten. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 90.

Em seu comentário de Hebreus 8.5, Calvino afirma que uma das coisas que aprendemos com esta ordem divina dada a Moisés é que

são falsas e espúrias todas as formas de culto que os homens se permitem inventar, movidos por sua engenhosidade, mas que são contrárias ao mandamento de Deus. Quando Deus estabelece que tudo deve ser feito em consonância com sua norma, não nos é permitido fazer nenhuma outra coisa diferente. Estas duas sentenças têm o mesmo sentido: 'Olha que faças tudo segundo o modelo'; e: 'Vê que não faças nada além do modelo'. E assim, ao enfatizar a norma que estabelecera, Deus nos proíbe afastar-nos dela, sequer um mínimo. Por essa razão, todas as formas de culto produzidas pelos homens caem por terra, bem como aquelas coisas a que chamam sacramentos, e, contudo, não têm sua origem em Deus". 18

Os reformadores entendiam que cultuar a Deus em desconformidade com o que foi ordenado era idolatria e superstição. Idolatria é mais do que a adoração a outros deuses, como proibido no Primeiro Mandamento; é também a adoração ao Deus verdadeiro do modo errado. O Segundo Mandamento não proíbe apenas a idolatria no sentido de fazer uso de imagens para adoração ou representar qualquer uma das três pessoas da Trindade por meio de imagens. Mas proíbe também a forma de adoração não prescrita por Deus, o que também é idolatria. Este também era o entendimento de Calvino. Para ele, no Segundo Mandamento, Deus declara

ainda mais explicitamente agora de que natureza é, e com que modalidade de culto ele deve ser honrado, para que não ousemos atribuir-lhe algo sensório, Portanto, a finalidade deste

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> CALVINO, *Hebreus*, p. 199.

mandamento é que Deus não quer que seu legítimo culto seja profanado mediante ritos supersticiosos. 19

No Segundo Mandamento somos, portanto, instruídos "em relação ao seu legítimo culto, isto é, ao culto espiritual e estabelecido por ele mesmo". <sup>20</sup> Ao comentar sobre Nadabe e Abiú, que ofereceram fogo estranho no altar do Senhor e por isso foram mortos, ele argumenta que

> o crime deles foi especificado, a saber, que eles ofereceram incenso numa forma diferente da qual Deus havia designado [...] aprendamos, portanto, a dar ouvidos aos mandamentos de Deus para não corrompermos o seu culto com qualquer invenção estranha.21

Ainda sobre o culto falso descrito em Jeremias 7.30,31, Calvino comentou:

> Deus aqui, elimina qualquer oportunidade de evasivas humanas, visto que Ele condena, pela Sua própria frase, 'o que nunca ordenei', o que quer que os judeus imaginassem. Não há, portanto, nenhum outro argumento necessário para condenar superstições do que o fato de não terem sido ordenadas por Deus: porque quando os homens se permitem cultuar a Deus de acordo com as suas próprias fantasias, e não observam os Seus mandamentos, pervertem a verdadeira religião. E se este princípio fosse adotado pelos papistas, todos estes modos fictícios de culto, nos quais eles absurdamente se exercitam, cairiam por terra.<sup>22</sup>

Mesmo diante de claras declarações sobre o Princípio Regulador do Culto, alguns autores insistem em dizer

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> CALVINO, As institutas, XX.VIII.17,

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Apud SCHWERTLEY, Sola Scriptura e o princípio regulador do culto. São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 86.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Apud ANGLADA, O princípio regulador no culto, p. 32.

que Calvino não foi dogmático e nem fixou rigidamente sua liturgia.<sup>23</sup> O principal texto citado para defender esta afirmação é o comentário de Calvino do Salmo 50.14,15, onde ele diz que "ritos externos são, portanto, em si mesmos, de nenhuma importância, e deve-se mantê-los só até ao ponto em que nos são úteis na confirmação da nossa fé, de sorte que possamos invocar o nome do Senhor com um coração puro".<sup>24</sup> É necessário fazer alguns esclarecimentos quanto a essa suposta flexibilidade de Calvino.

Em primeiro lugar, neste Salmo, Calvino estava defendendo que o culto era de caráter espiritual, não mera observância das cerimônias externas, as quais eram um instrumento para o verdadeiro culto, não o culto em si.<sup>25</sup> Em segundo lugar, Calvino estava combatendo o uso inadequado de ritos em seus dias, os quais não tinham fundamento na Escritura. "O culto que não tem uma distinta referência à Palavra", disse Calvino, "outra coisa não é senão uma corrupção das coisas sacras".26 Para ele, as cerimônias têm valor quando nos selam a pura Palavra,<sup>27</sup> e assim usadas, não são condenadas por Deus, 28 mas "são descritas como sendo essencialmente conectadas à verdadeira religião",29 não podendo ser alteradas sem a prescrição bíblica. Ele entendia que a igreja tem ritos externos dados por Deus para auxiliar a piedade e, "ainda que não devamos descansar neles, tampouco devemos negligenciá-

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> COSTA, João Calvino 500 anos, p. 290; MODOLO, A música no culto protestante: convergências entre as ideias de Martinho Lutero e João Calvino. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006, p. 78; LEITH, A tradição reformada - uma maneira de ser a comunidade cristã. São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 296.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 2, p. 410.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Ibid., p. 395.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Ibid., p. 391.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Ibid., p. 402.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> Ibid., p. 407.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Ibid., p. 405.

los".<sup>30</sup> Em terceiro lugar, de fato, pode-se afirmar que Calvino não foi dogmático naquilo em que ele, obviamente, não podia ser dogmático, ou seja, em coisas não essenciais, as quais deveriam ser orientadas pela Igreja à luz da Escritura. Porém, nas coisas essenciais, Calvino foi inflexível, como deveria esperar do seu apego ao Princípio Regulador do Culto. Horton Davies afirma que Calvino

fez uma distinção entre os fundamentais e os não importantes pontos na forma do culto. Ele não vacilava por um momento de sua convicção de que todo o culto deve proceder da divina inspiração, e as tradições humanas não carregavam nenhum peso na adoração.<sup>31</sup>

No Prefácio para o Saltério, ele deixou claro seu objetivo: "todos aqueles que desejarem, saibam, de que forma os fiéis devem comparecer e se portar quando se reunirem em nome de Cristo".<sup>32</sup>

Calvino fornece três razões para o Princípio Regulador do Culto: a soberania de Deus, a pecaminosidade humana e a interseção do Espírito. Com a percepção da suficiência e autoridade da Escritura, Calvino entendeu que somente ela poderia regular o culto. Com sua percepção da corrupção humana, ele entendeu que as ideias humanas para o culto estariam sempre contaminadas pelo pecado, e o homem é completamente incapaz de cultuar a Deus corretamente. Com sua percepção da necessidade da interseção do Espírito, que nos ajuda a orar como convém, ele entendeu que o culto deveria ser sempre submetido à orientação do Espírito. Estas três ênfases teológicas de

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 2, p. 613. Calvino ainda diz que "Visto que Deus olha principalmente para o sentimento íntimo do coração, não pode haver pretexto de negligência em relação a tais ritos como a lei havia prescrito" (Ibid., p. 469).

 <sup>&</sup>lt;sup>31</sup> DAVIES, *The worship of the English Puritans*. Morgan: Soli Deo Gloria, 1997, p. 20.
 <sup>32</sup> CALVINO, João. Prefácio para o Saltério. *Revista Os Puritanos*, Ano XVII, nº 02, p. 27.

Calvino foram aplicadas de maneira lógica ao culto e adotadas pela Igreja Reformada.

Calvino também diz que "o genuíno culto de Deus não pode ser preservado em toda sua integridade enquanto a vil profanação de sua glória, que é a inseparável acompanhante da superstição, não for completamente erradicada". <sup>33</sup> Calvino afirma que tudo o que não for ordenado na Escritura para o culto, é proibido. Portanto, foi Calvino, mais do que qualquer outro Reformador, que atingiu a essência do Princípio Regulador do Culto. <sup>34</sup>

Alguns têm alegado que o modo externo como a igreja oferece seu culto a Deus é coisa secundária, cuja discussão não pode tomar contornos tão limitadores, severos, etc. Podemos concluir dizendo que o Princípio Regulador do Culto, ou seja, o modo correto e aceitável de cultuar a Deus prescrito em sua Palavra, era assunto de natureza prioritária para Calvino:

caso se inquira por quais <u>coisas principais</u> a religião cristã tem uma sólida existência entre nós e mantém sua veracidade, descobrir-se-á que as duas seguintes não só ocupam o <u>lugar primordial</u>, mas compreendem em si todas as demais partes e, consequentemente, toda a <u>essência da cristandade</u>, a saber, um conhecimento, <u>primeiramente</u>, do modo como Deus é devidamente cultuado; e, em <u>segundo lugar</u>, a fonte de onde a salvação deve ser obtida. Quando estas coisas não são consideradas, ainda que nos gloriemos no título cristão, nossa profissão [de fé] é vazia e fútil. <u>Depois disso</u>, vêm os sacramentos e o governo da Igreja. (grifo meu)<sup>35</sup>

<sup>35</sup> CALVINO. A necessidade de reformar a Igreja, p. 155.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> CALVINO, Salmos, vol. 3, p. 549.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> WILLIAMSON, G. I., The Regulative Principle of Worship. *Ordained Servant*, vol. 10, n° 04, 67-78, The Orthodox Presbyterian Church, 2001, p. 72. Disponível em: <a href="https://opc.org/OS/pdf/OSV10N4.pdf">https://opc.org/OS/pdf/OSV10N4.pdf</a>>. Acesso em: 25 mai. 2024, p. 70.

## Capítulo 2 – Calvino e a doutrina bíblica da Salmodia Exclusiva

Calvino defendeu a Salmodia Exclusiva? Alguns tem respondido negativamente alegando que o reformador de Genebra teria defendido a Salmodia Inclusiva. Até mesmo afirmações de que Calvino cantava hinos, fez composições e ofereceu cânticos a Deus têm sido feitas. Será isto verdadeiro?

Este capítulo tem como objetivo oferecer uma abordagem introdutória sobre o posicionamento musical de Calvino com base em diversos fatos e fontes, a fim de dar subsídios para uma correta resposta à pergunta. Antes, faz-se necessário definir em poucas palavras o que vem a ser Salmodia Exclusiva: é a doutrina bíblica do canto dos Salmos da Escritura no louvor a Deus, e somente estes, à capela, isto é, sem o acompanhamento de instrumentos musicais.

### O contexto da Salmodia em Calvino

Quando Calvino aceitou ao "convite" de Guilherme Farel (1489-1565) para dar continuidade a reforma na Suíça, encontrou um modelo de culto que consistia basicamente de uma oração geral, Oração do Senhor, sermão, confissão de pecados, leitura do Credo Apostólico, oração e bênção final. A primeira liturgia das Igrejas Reformadas da França, redigida por Farel em 1533, intitulada *La manière et fasson quon tient es lieux que Dieu de sa grâce a* 

visités, não trazia nenhum cântico.<sup>36</sup> Isto, provavelmente, se devia à influência de Ulrico Zuinglio (1484-1531), considerado o primeiro reformador suíço, o qual tinha eliminado a música dos serviços de culto. Contudo, em 1535, num documento intitulado *Disputation of Rive*, Farel defendeu o canto congregacional de Salmos. Neste documento ele fez críticas aos hinos latinos, tais como o *Introito* e o *Kyrie Eleison*, e argumentou que os fiéis deveriam se reunir e cantar "um Salmo" em sua própria língua.<sup>37</sup>

Em 16 de janeiro de 1537, Calvino e Farel apresentaram às autoridades de Genebra um documento intitulado *Articles concernant l'organisation de l'eglise et du culte a Genève, proposés au conseil par les ministres* contendo a exigência deles para a reforma em Genebra. A segunda parte deste documento,

diz respeito aos salmos, que desejamos ser cantados na igreja, segundo o exemplo da Igreja Antiga, e de acordo com o testemunho de São Paulo, que disse que era bom cantar na assembleia com a boca e o coração. Não podemos conceber o aprimoramento e a edificação que virão disso até depois de tentarmos. Em nossa prática atual, certamente, as orações dos fiéis são tão frias que refletem muito descrédito e confusão. Os salmos nos levariam a elevar nossos corações a Deus, e nos excitarão ao fervor em invocá-lo e em exaltar por nossos louvores a glória de seu nome. Desse modo, além disso, os homens descobririam que benefício e que consolo o papa e seus partidários privaram a Igreja, na medida em que se

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> BAUM, Jean-Guillaume. *La manière et fasson quon tient es lieux que Dieu de sa grâce a visités*: première liturgie des Eglises réformées de France de l'an 1533. Strasbourg, Treuttel et Wurtz, 1859; cf. DUEN, Orentin. *Clément Marot et le Psautier Huguenot* - Étude historique, littéraire, musicale et bibliographique. Tome Premier. Paris, À L'imprmerie Nationale, 1878, p. 274; THOMPSON, Bard. *Liturgies of the Western Church*. Meridian Books, The World Publishing Company, Cleveland, Ohio, 1980, p. 216-223.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> ZUIDEMA, Jason; VAN RAALTE, Theodore. *Early French Reform* – The theology and spirituality of Guillaume Farel. New York: Routledge, 2016, p. 85.

apropriarem dos salmos, que deveriam ser verdadeiros cânticos espirituais.<sup>38</sup>

Antes de chegar em Genebra, Calvino viveu dois anos na Basiléia (1535-1536), após sua experiência de conversão (que se deu no fim de 1533 ou início de 1534). A Basiléia tinha experimentado a Reforma principalmente por meio de João Ecolampádio (1482-1531), que já havia morrido quatro anos antes da chegada de Calvino. Ecolampádio pregou (entre 1525 e 1527) uma série de sermões expondo o livro dos Salmos e encorajou o canto congregacional deles.<sup>39</sup> É provável que as idéias de Ecolampádio, sobretudo no que diz respeito à eclesiologia, tenham exercido alguma influência em Calvino. Segundo Olaf Kuhr, "temos motivos para supor que Calvino observou a situação eclesiástica em Basiléia muito de perto". 40 Kuhr também acredita que os Artigos de Calvino propondo a organização da Igreja de Genebra em 1537, são "uma primeira indicação de que o modelo da igreja de Basileia possivelmente teve alguma influência sobre o Reformador".41

É preciso ressaltar que na Basiléia havia inúmeros hinos e hinários sendo utilizados desde 1526, inclusive hinos de Lutero e outros compositores.<sup>42</sup> Certamente Calvino conheceu estes hinos e os ouviu sendo cantados,

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> CUNITZ, Edouard; BAUM, Johann-Wilhelm; REUSS, Eduard Wilhelm Eugen, (eds.). *Joannis Calvini opera quae supersunt omnia*. Brunsvigae: C.A. Schwetschke, 1863 (Corpus reformatorum), vol. X, p. 12; BENSON, Louis Fitzgerald, *John Calvin and the psalmody of the reformed churches*. Princeton Theological Seminary, Syllabus of the Lectures on the L. P. Stone Foundation for 1906-1907, p. 11.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> MARCUS, Kennet H., "Hymnody and Hymnals in Basel, 1526-1606". In: *The Sixteenth Century Jornal*, v. 32, n° 3, 2001, p. 724.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> KUHR, Olaf. Calvin and Basel: the significance of Oecolampadius and the Basel discipline ordinance for the institution of ecclesiastical discipline in Geneva. In: *Scottish Bulletin of Evangelical Theology*, vol. 16, no 1, 1998, p. 19-33.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Cf. MARCUS, "Hymnody and Hymnals in Basel, 1526-1606".

contudo, no ano seguinte, ao propor suas exigências ao Conselho de Genebra, ele limitou-se ao cântico de Salmos, o que demonstra que havia algumas convições de Calvino que não foram influenciadas. O fato é que, conforme consta nos Artigos, ele desejou adotar a Salmodia em Genebra com base em dois fundamentos: o exemplo histórico da Igreja Antiga e o testemunho inspirado da Escritura. Além disso, ele tinha como objetivo prático o aprimoramente e a edificação dos fiéis que adviriam do canto dos Salmos. Aqui, dois anos antes de seu refúgio em Estrasburgo (do qual falaremos adiante), Calvino já havia manifestado seu forte apego à Salmodia, o que sugere que a influência que Martin Bucer (1491-1551) viria a exercer sobre ele também não foi tão forte assim, como se constuma afirmar.

A proposta de Calvino não foi aceita e, um tempo depois, ele e Farel foram expulsos de Genebra (1538). A questão do canto dos Salmos foi uma das razões de sua expulsão. Porém, quando foi solicitado a retornar a Genebra, sua aceitação estava condicionada à adoção do canto dos Salmos no culto público, o que demonstra a importância da Salmodia para Calvino. Ele deixou claro que a introdução do canto dos Salmos era essencial para a reforma da Igreja, um ponto que ele não estava disposto a ceder. Conforme diz Bushell, por meio de sua exigência, Calvino "escolheu excluir hinos e baseou seu argumento na superioridade dos Salmos sobre qualquer composição humana". 44 Como Benson notou,

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> BEEKE, Joel R.; SELVAGGIO, Anthony. *Sing a New Song*: Recovering Psalm Singing for the Twenty-First Century (Locais do Kindle 461-462). Reformation Heritage Books. Edicão do Kindle.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> BUSHELL, Michael. *Songs of Zion*: the biblical basis for exclusive psalmody. Norfolk Press, Virginia, 2011, p. 19.

Temos que lembrar que a uniformidade litúrgica acabara de ser alcançada; que o canto do salmo até agora não tinha precedentes nas igrejas de língua francesa; e que o caminho para o tornar viável não havia sido esclarecido, os materiais para empregá-lo não estavam disponíveis. Aguça uma surpresa que Calvino se refira ao seu projeto em tais circunstâncias de humilhação pessoal. Mas que, em tal crise nos assuntos da igreja, ele deveria tornar a inauguração da Salmodia a condição sine qua non de seu retorno a Genebra e a retomada de seu trabalho de edificação da Igreja Reformada ali - isso revela inconfundivelmente que a Salmodia congregacional, que para Zwinglio era para ser vista, na melhor das hipóteses, como uma mera cerimônia, era no julgamento de Calvino uma ordenança essencial para a ordem correta da Igreja de Cristo. A seriedade dessa convicção na mente de Calvino foi o fundamento da Salmodia das Igrejas Reformadas, e apesar de todas as dificuldades, ele imediatamente começou a construir sobre ela.45

A insistência de Calvino na implementação da Salmodia, a despeito dos conturbados conflitos, tumultos e crises envolvendo aspectos políticos, sociais e teológicos em Genebra, "revela de maneira impressionante a profundidade do compromisso que ele havia feito com a salmodia congregacional".<sup>46</sup>

Nesse meio tempo, antes de retornar a Genebra, Calvino aceitou o convite de Martin Bucer e, em setembro de 1538, começou a pastorear uma congregação de refugiados franceses em Estrasburgo. Naquela cidade, ele encontrou o canto congregacional como parte do culto. "As paróquias de Estrasburgo, tanto francesas quanto alemãs, desfrutavam do canto congregacional desde 1525". 47 A

45 BENSON, John Calvin and the psalmody of the reformed churches, p. 13.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> GARSIDE, JR, Charles. "The origins of Calvin's theology of music: 1536-1543". In: *Transactions of the American Philosophical Society*, vol. 69, no. 4, American Philosophical Society, 1979, pp. 1–36, p. 14.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> THOMPSON, *Liturgies of the Western Church*. p. 189.

cidade era conhecida por seus muitos músicos e poetas. Naquela ocasião, já havia em Estrasburgo inúmeras composições de hinos (inclusive os de Lutero) e alguns deles tratavam de temas como Natal, Páscoa e demais festas do calendário cristão. Segundo Hughes Old, no *Constance Hymn Book* de 1540 (a primeira publicação foi em 1536) havia mais de 150 peças, sendo a metade de salmos e a outra metade de hinos, compostas por diversos músicos de Estrasburgo e de Wittenberg. Também havia um hinário com ampla circulação em Estrasburgo, contendo os salmos, hinos e outras composições, o qual foi publicado com um longo prefácio de Martin Bucer. Em 1524, Bucer já havia publicado um documento intitulado *Grund und Urasch*, no qual ele propunha o canto de Salmos e de outros hinos, onde ele instrui:

Em seguida, toda a congregação canta vários salmos curtos ou hinos de louvor, após o que o ministro faz uma breve oração e lê para a congregação uma passagem dos escritos dos apóstolos, expondo-os o mais brevemente possível. Então a congregação canta novamente: os Dez Mandamentos ou qualquer outra coisa. O sacerdote proclama o Evangelho e faz o sermão propriamente dito. Depois disso, a congregação canta os Artigos de nossa fé.<sup>50</sup>

Após o partir e a distribuição do pão, "a congregação canta outros hinos de louvor".<sup>51</sup> Bucer teve sucesso na implementação do canto congregacional de salmos e hinos evangélicos, e ele mesmo proveu um hinário (1541) para substituir os vários hinários

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> OLD, Hughes Oliphant. *Worship*: Reformed According to Scripture. Westminster John Knox Press, Louisville, London, 2002, p. 44.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> YONG, William. "Music Printing in Sixteenth-Century Strasbourg". In: *Renaissance Quarterly*, vol. 24, n°4 (1971): 486-501, p. 488.

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 161-162.

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Ibid., p.162.

encontrados nas paróquias.<sup>52</sup> Na liturgia de Bucer, após a Absolvição, "a igreja começa a cantar um salmo ou hino em vez do Intróito; e às vezes o *Kyrie eleison* e o *Gloria in excelsis*".<sup>53</sup> Após o término do sermão, "o povo canta o Credo ou então, conforme a ocasião, um salmo ou hinos".<sup>54</sup> Após a Ceia, a igreja cantava "Gott sey gelobet" (Cântico de Simeão).<sup>55</sup> Antes de elaborar sua própria liturgia, Calvino utilizou em sua nova congregação a liturgia de Estrasburgo.<sup>56</sup>

No tempo de Calvino, sobretudo em Estrasburgo, já existiam hinos e cânticos além dos Salmos que estavam sendo cantados pelos primeiros reformadores. O. Douen cita alguns deles e diz que "Quando Calvino apareceu, cujo gênio altivo estava prestes a imprimir sua forte e dura marca na Igreja, ele julgou esses hinos insuficientes, talvez até inconvenientes, e resolveu admitir no culto apenas o canto dos salmos". <sup>57</sup> Calvino, portanto, não seguiu o modelo vigente de balancear salmos e hinos. A despeito do grande apreço de Bucer pelos hinos, aquele que considerava seu mestre e pai, Calvino seguiu apenas com os Salmos.

Calvino começou a metrificar os Salmos e a reunir versões metrificadas deles com o intuito de conseguir uma metrificação de todo Saltério. Passados poucos meses, sua congregação, já cantava alguns salmos. De acordo com Michael Bushell, Calvino deliberadamente limitou-se aos Salmos quando esteve em Estrasburgo a despeito de que ali o canto congregacional de hinos era uma ordenança

<sup>52</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 164.

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> Ibid., p. 170.

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> Ibid., p. 172.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Ibid., p. 178.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> GARSIDE, JR, The origins of the Calvin's theology of music: 1536-1546, p. 14. <sup>57</sup> DUEN, *Clément Marot et le Psautier Huguenot*, p. 278.

estabelecida.<sup>58</sup> Até mesmo Hughes Old admite que, a despeito de muitos hinos disponíveis, o Saltério de Calvino "estabeleceu-se quase exclusivamente para a salmodia".<sup>59</sup> A primeira edição francesa do Saltério de Calvino foi publicada em 1539, em Estrasburgo, contendo 19 salmos, a metrificação dos Dez Mandamentos, do Credo Apostólico e do Cântico de Simeão (*Nunc Dimittis*).

Ao retornar a Genebra em 13 de setembro de 1541, Calvino introduziu o canto congregacional de Salmos metrificados no culto. Ele se valeu de um método já utilizado em sua época, que era ensinar as crianças (uma vez que elas aprendem mais facilmente), a fim de ajudar aos adultos a aprender a cantar. Os adultos deveriam escutá-las cantar os Salmos até que pouco a pouco todos se acostumassem a cantar congregacionalmente. Era um método didático, temporário e com objetivo específico. Quando todos fossem capazes de cantar congrecionalmente, não haveria mais a necessidade de um "coral" de crianças, porque, para Calvino, o coral era a congregação toda. O cântico de Salmos em Genebra tornou-se modelo para as demais igrejas reformadas. Nas devoções particulares, nos cultos familiares e nas atividades litúrgicas do Dia do Senhor, os Salmos tornaram-se a marca essencial da adoração em Genebra. Até mesmo na Academia de Genebra, fundada por Calvino em 1559, "Os Salmos eram cantados como a única parte da música".60 A partir daí, "ser calvinista era ser um cantor de Salmos".61

O poeta Clément Marot (1497-1544) foi responsável pela tradução de vários Salmos para o vernáculo e

<sup>58</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 270.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> OLD, *Worship*, p. 45.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> FERREIRA, Wilson Castro. Calvino: vida, influência e teologia. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1985, p. 195. Na Academia de Genebra, as crianças cantavam os salmos todas as manhãs (exceto às quartas) das 11 ao meio-dia.

<sup>&</sup>lt;sup>61</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 9.

Louis Bourgeois (1510-1560) compôs boa parte das melodias. Após a morte de Marot em 1544, Calvino convocou Teodoro Beza (1519-1605) para concluir o trabalho. Finalmente, em 1562, uma edição completa do Saltério foi publicada e tornou-se conhecida como Saltério de Genebra, exercendo profunda influência nas Igrejas do Continente, sobretudo, nos puritanos da Inglaterra e Escócia, os quais praticaram e defenderam a Salmodia Exclusiva. O Saltério de Genebra se tornou "parte integrante do culto reformado por séculos", estabelecendo o padrão para saltérios posteriores. Como Hughes Old admite, "A preferência de Genebra pela Salmodia Exclusiva prevaleceu nas Igrejas Reformadas pelos duzentos anos seguintes". A Salmodia Exclusiva se tornou o modelo de culto reformado.

### A Salmodia nos textos de Calvino

Mas os opositores da Salmodia Exclusiva, não satisfeitos com a força da evidência histórica, tentam inutilmente demonstrar que Calvino não se opôs aos hinos em sua exegese bíblica. Benson, por exemplo, alega que "Calvino não deve ser contado entre aqueles que antes e depois dele mantêm o direito exclusivo dos Salmos ou dos hinos das Escrituras como o único assunto de louvor divinamente autorizado". Ele alega que para isso Calvino teria que interpretar a tríade Paulina (salmos, hinos e cânticos espirituais) como se referindo a nomes diferentes para o Saltério. Porém, na visão de Benson, a interpretação de Calvino é diferente, uma vez que em seu comentário, Calvino afirmou que sob os termos da tríade o apóstolo inclui "todos

62 BEEKE; SELVAGGIO, Sing a New Song (Locais do Kindle 518).

63 OLD, Worship, p. 46.

os tipos de cânticos" (Cl 3.16). Desta frase de Calvino, Benson conclui que ele não se limitou aos Salmos.<sup>64</sup> Semelhantemente, Filipe Fontes e João Almeida, defendendo as composições humanas, alegam que Calvino fez do Saltério a "espinha dorsal de sua proposta musical, [...] Isto não significa, entretanto, que tenha sido um exclusivista". Argumentam que os comentários de Calvino sobre Ef 5.19 e Cl 3.16 sugerem que ele "seguiu a interpretação mais clássica da expressão 'salmos, hinos e cânticos espirituais', distinguindo as palavras em referência a coisas distintas".65 Analisemos, portanto, as palavras de Calvino. Comentando Cl 3.16, Calvino diz que sob estes três termos, o apóstolo inclui "todos os tipos de cânticos" e que eles eram comumente distinguidos da seguinte maneira: "salmo é aquele que, ao ser entoado, se faz uso de algum instrumento musical juntamente com a língua; hino é propriamente um cântico de louvor, seja entoado simplesmente com a voz, ou de outra forma; enquanto que um ode não contém meros louvores, mas também exortações

e outras matérias".<sup>66</sup> O próprio Calvino explica o que ele quis dizer com "todos os tipos de cânticos". Ele tinha afirmado anteriormente que a igreja deveria recorrer ao "uso de hinos cânticos que expressem o louvor de Deus",<sup>67</sup> isto é, não somente os que tratam de ações de graças, mas também aqueles que tratam de outros temas que se ajustam ao que o apóstolo disse: "ensinando-vos e admoestando-

vos uns aos outros".68

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> BENSON, John Calvin and the Psalmody of the Reformed Churches, p. 76.

<sup>&</sup>lt;sup>65</sup> FONTES, Filipe C; ALMEIDA, João B. *A igreja local e a música no culto*: o canto calvinista e os desafios contemporâneos. Brasília, DF: Monergismo, 2020, p. 155.

<sup>&</sup>lt;sup>66</sup> CALVINO, Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses, p. 575.

<sup>67</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> Um cântico pode conter ao mesmo tempo orações e ações de graça. Por exemplo, Calvino diz que no salmo 60, orações são oferecidas por toda parte, contudo afirma que o salmo é descrito como sendo um gênero de cântico triunfal pelas vitórias obtidas sobre os sírios e outras nações aliadas.

Posteriormente, ao comentar Ef 5.19, Calvino afirma que "Não é fácil de determinar a diferença entre hinos e salmos, ou entre salmos e cânticos". <sup>69</sup> Em seu sermão sobre esta passagem, ele diz que os termos "dificilmente diferem uns dos outros. E, no entanto, não há necessidade de nos divertirmos colocando uma distinção sutil aqui". <sup>70</sup> Se Calvino estivesse se referindo a coisas tão distintas como os Salmos do Espírito e as canções humanas de sua época, não haveria dificuldades de determinar a diferença entre ambos. Por outro lado, no livro dos Salmos há aqueles cânticos que eram entoados com instrumentos, cânticos de louvor e cânticos com diversos temas, e, de fato, não é fácil determinar a diferença entre eles. <sup>71</sup>

Na primeira edição das Institutas de 1536, Calvino disse que a Igreja deveria cantar Salmos na ministração da Ceia, a qual deveria ser encerrada com ações de graças e "louvores cantados a Deus". 72 Nos Artigos de 1537, ele se referiu ao Salmos. Deve-se considerar também que em lugar algum de seus escritos Calvino fala de supostas composições dos cristãos primitivos, mas reconhece a prática da salmodia entre eles. Ao comentar sobre 1Co 14.15 ("cantarei [salmos] com o espírito, e também cantarei [salmos] com o entendimento"), Calvino afirma acreditar que os cristãos "desde o início adotaram o hábito da igreja

\_

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> CALVINO, Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses, p. 337.

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> Calvini opera, LI, p. 724 (Sermon XXXVIII).

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> O termo *psalmos* (salmos) ocorre 67 vezes nos títulos dos salmos, *hymnos* (hinos), 6 vezes, e *odes* (cânticos), 36 vezes. O Sl 65 traz no título "Salmo e Canção de Davi" (*psalmos e ode*). Esta combinação ocorre em pelo menos outros 11 salmos. O uso combinado de salmo e hino ocorre nos Sl 6 e 67. Os três termos aparecem juntos no título grego do salmo 75 (que corresponde ao salmo 76). Os três termos aparecem também no salmo 40: ele é chamado de salmo no título, porém Davi diz que é, ao mesmo tempo, "uma nova canção" e "um hino de louvor" (Sl 40.3). Certamente os salmos e hinos eram chamados de "cânticos [odes] de Sião" tanto pelos judeus quanto pelos pagãos (Sl 137.3,4). Os três termos da tríade referem-se aos vários cânticos encontrados no livro dos Salmos.

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> Calvini opera, I, 140.

judaica de cantar Salmos". <sup>73</sup> Se Calvino acreditasse que sob a tríade paulina estavam os hinos e os cânticos além dos Salmos, era de se esperar que em algum momento ele os introduzissem em sua liturgia. Mas veremos adiante que durante todo o tempo em que pastoreou a igreja em Genebra, Calvino não inclui um hino sequer além dos Salmos de Davi. Ainda deve-se considerar que em 1548, quando ele escreve seus comentários a Colossenses e a Efésios, Calvino já contava com 7 anos de prática de canto exclusivo dos Salmos em Genebra.

Como muito bem argumentou Michael Bushell, não há nada no contexto de seu comentário que negue que Calvino estivesse se referindo aos Salmos, uma vez que eles trazem estas três categorias de músicas em seus títulos.<sup>74</sup> Bushell ainda argumenta que Calvino, no comentário de Cl 3.16, está oferecendo conselhos aos cristãos sobre o uso da música em geral, não circunstâncias diretamente relacionadas ao culto. Um dos argumentos de Bushell para esta interpretação é que Calvino define o termo "salmos" como "aquele que, ao ser entoado, se faz uso de algum instrumento musical juntamente com a língua" (Cl 3.16). Como diz Bushell, e como se vê nos escritos de Calvino, ele repetida e veementemente se opôs ao uso de instrumentos musicais no culto.<sup>75</sup> De maneira que esta passagem jamais poderia ser usada para argumentar que Calvino defendia o uso de instrumentos musicais no culto. Calvino, portanto, procurou apresentar definições técnicas de termos do próprio Saltério, não de tipos de música cantados em sua época. Ao interpretar Cl 3.16,

--

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> CALVINO, João. *1 Coríntios*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 487.

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 269.

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> CALVINO, *Daniel*, vol. I. São Paulo: Parakletos, 2000, p. 193-195; idem., *Salmos*, vol. 2, p. 50,51; *Salmos*, vol. 3, p. 62,63,81,478,479,561,562; *Salmos*, vol. 4, p. 544,594,595,602,603.

Calvino considerava "todos os tipos de cânticos" do Saltério.

Não é verdade, como alegam Filipe Fontes e João Almeida, que Calvino está seguindo o que eles chamam de "interpretação mais clássica", na qual, segundo eles, prevaleceu o entendimento de que "salmos se refere às paráfrases dos salmos, hinos se refere a traduções de hinos da Igreja antiga, e cânticos a composições livres". 76 Nesta equivocada interpretação, os termos são distinguidos para significar coisas diferentes, incluindo os Salmos do Espírito e composições humanas. Calvino absolutamente não faz este tipo de associação e não inclui sob estes termos as composições humanas. Mais adiante isto será demonstrado. Além disso, Michael Bushell nota que em sua longa história de desenvolvimento, o Saltério de Genebra nunca incluiu um único hino, fora a metrificação do Credo Apostólico, o cântico de Simeão, os Dez Mandamentos e o Pai Nosso metrificados.<sup>77</sup>

## A Salmodia exclusiva no desenvolvimento do Saltério e na liturgia de Genebra

Deve-se considerar que Calvino se afastou cada vez mais de outros cânticos para uma Salmodia Exclusiva. A primeira edição do Saltério foi publicada por ele em Estrasburgo, em 1539, com o título de *Aulcuns pseaulmes et cantique mys em chant*. Continha 19 salmos metrificados produzidos por Calvino e pelo músico Clément Marot, além do Credo Apostólico, os Dez Mandamentos e o *Nunc Dimittis* (Cântico de Simeão). A primeira edição do Saltério publicada em Genebra aconteceu em 1542, a qual

77 BUSHELL, Songs of Zion, p. 270.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> FONTES; ALMEIDA, *A igreja local e a música no culto*, p. 156 (nota de rodapé 3).

continha 35 Salmos, além do Credo Apostólico, os Dez Mandamentos, o Nunc Dimittis (cântico de Simeão) e o Pai Nosso.<sup>78</sup> Foi publicada junto com a Liturgia da Igreja de Genebra que tinha o título de La Forme dês Prieres et Chantz Ecclesiastiques avec La Maniere d'administrer lês Sacraments et Consacrer Le Mariage, selon La Coustume de l'Eglise Ancienne. Nesta versão do Saltério foi introduzido um Prefácio. A segunda edição de Genebra foi publicada em 1543 e continha 49 salmos, os Dez Mandamentos e o Nunc Dimittis. Foram retirados o Credo Apostólico<sup>79</sup> e o Pai Nosso, os quais não foram mais incluídos nas edições posteriores do Saltério. Nesta edição, o Prefácio foi atualizado e foram inseridas explicações de Calvino sobre a música no culto, sobretudo, a razão da escolha dos Salmos. Em 1551 foi publicada por Theodoro de Beza uma edição com 34 salmos de sua autoria, e no ano seguinte

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> Calvino nunca deu as razões para a inserção destes hinos no Saltério, mas elas podem ser inferidas do contexto. Durante a Idade Média e mesmo durante a Reforma Protestante, os Catecismos eram construídos a partir de três pilares: As doutrinas que o homem deve crer acerca de Deus (resumidas no Credo Apostólico), os deveres que Deus requer do homem (resumidos nos Dez Mandamentos) e o culto que lhe deve ser prestado (condensado na oração do Pai Nosso e nos Sacramentos). Uma prova disto é que a primeira versão das Institutas (1536) consistia de 6 capítulos que abordavam o Credo Apostólico, Os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor e os Sacramentos. No mesmo ano da edição do Saltério (1542), Calvino também publicou o Catecismo da Igreja de Genebra, que era uma instrução na fé para crianças constituída basicamente da explicação do Credo Apostólico, dos Dez Mandamentos, da Oração do Senhor e dos Sacramentos. Na Academia de Genebra, todos os dias, de maneira alternada três alunos deveriam recitar o Credo Apostólico, Os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor. Ao que tudo indica, a intenção de Calvino com a metrificação destes cânticos adicionais aos Salmos era apenas reforçar o ensino catequético. Ver capítulo 3.

<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> Bushell nos lembra que até o tempo de Calvino tanto católicos como protestantes acreditavam que o Credo ou fora composto pelos apóstolos ou sob a autoridade deles. Calvino disse: "a mim, não vejo dúvida alguma que já desde os próprios primórdios da Igreja, com efeito, desde o próprio século dos apóstolos, tenha sido consagrado como uma confissão pública e recebido pelos sufrágios de todos, de onde quer que, afinal, tenha ele provindo de início. Nem é provável tenha sido escrito por qualquer um em particular, uma vez ser evidente que desde a mais remota lembrança foi ele de sacrossanta autoridade entre todos os piedosos" (CALVINO, *As institutas*, II.XVI.18). A partir desta versão, o Credo Apostólico foi retirado numa demonstração de que somente material do qual se tivesse certeza da inspiração poderia ser cantado no culto.

ele publicou uma edição com 83 salmos (34 de Beza e 49 de Marot). A edição final do Saltério de Genebra, publicada por Beza em 1562, continha, além dos 150 salmos canônicos, somente os Dez Mandamentos e o *Nunc Dimitts.*<sup>80</sup>

Alguns equivocadamente tentam alegar que Calvino cantou outros cânticos além dos Salmos e que ele até mesmo compôs um hino para o culto, com base na liturgia de 1545. Contudo, a liturgia de 1545 (que é uma adaptação da liturgia de Genebra de 1542, La Forme dês Prieres et Chantz Ecclesiastiques) foi produzida em Estrasburgo quatro anos após a saída de Calvino, provavelmente pelo pastor Jean Garnier, "que talvez tenha acrescentado alguns detalhes de sua autoria".81 Garnier foi sucessor de Calvino na igreja de refugiados franceses em Estrasburgo entre 1545 e 1549. Ainda que La Forme traga o prefácio "de Calvino", há dúvidas se foi de fato escrito por ele, pois há acréscimos que não estão no prefácio de Calvino do Saltério de Genebra. Os editores da Calvini Opera acreditam que seja de Garnier, não de Calvino.82 Entre os acréscimos estavam, por exemplo, o Kyrie Eleison, inserido entre as estrofes dos Dez Mandamentos.83 Somente na liturgia de Estrasburgo se canta os Dez Mandamentos após a Absolvição (a primeira parte após a Absolvição e a

<sup>80</sup> Cf. PIDOUX, Pierre. "History of the Genevan Psalter". In: Reformed Music Journal, Volume 1, N°. 1,2,3, Jan-April-July, 1989. Disponível em: <a href="https://spin-dleworks.com/library/Pidoux/History\_Genevan\_Psalter.html">https://spin-dleworks.com/library/Pidoux/History\_Genevan\_Psalter.html</a>. Acesso em 24 mai. 2024; BEEKE, Joel. A espiritualidade reformada. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014, p. 46; COSTA, Hermisten Maia. Princípios bíblicos de adoração cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 183; SILVA, A música na liturgia de Calvino em Genebra, p. 5,11; MODOLO, A música no culto protestante, p. 129; CARDOSO, Dário de Araújo. A influência do saltério de Genebra na solidificação da fé reformada. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011, p. 63.

<sup>81</sup> Calvini opera, VI, p. XVI.

<sup>82</sup> Ibid., p. XIX.

<sup>83</sup> Ibid., p. 222.

segunda parte após as palavras do ministro). Apenas em Estrasburgo o ministro vai ao púlpito e oferece orações enquanto a congregação canta a segunda parte dos 10 Mandamentos.<sup>84</sup> Na liturgia de Genebra não tem a Absolvição, nem os Dez Mandamentos, muito menos o Kyrie.<sup>85</sup> Em Genebra, após a Confissão e a oração por perdão, se canta Salmos somente.<sup>86</sup>

Na celebração da Ceia em Estrasburgo, após a Confissão se canta o Credo Apostólico antes da Ceia, como era na liturgia de Martin Bucer. 87 Em Genebra, contudo, se canta Salmos apenas. 88 Na liturgia de Estrasburgo se canta o cântico de Simeão após a distribuição os elementos da Ceia, mas somente em Estrasburgo. 89 Em Genebra, por outro lado, canta-se um Salmo ou é lida uma passagem da Escritura adequada ao significado do Sacramento. 90

Entretanto, ao longo do tempo, alguns documentos com função litúrgica foram se juntando gradativamente aos Salmos. Numa edição do Saltério de 1549, ainda com 50 Salmos, foi anexada uma Tabela contendo a ordem em que os salmos deveriam ser cantados na Igreja de Genebra, no domingo de manhã e à noite e nas quartas-feiras. Pidoux diz que a Tabela foi anexada neste exemplar, "mas com papel e tipografia diferente do restante da obra e não se pode dizer que esta foi uma adição feita regularmente a todas as edições do Saltérios de 1549 vendidos em

^

<sup>84</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 198.

<sup>85</sup> DUEN, Clément Marot et le Psautier Huguenot, p. 314.

<sup>86</sup> Calvini opera, VI, p. 174.

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 165.

<sup>88</sup> Ibid., p. 204.

<sup>89</sup> Ibid., p. 208.

<sup>&</sup>lt;sup>90</sup> Calvini opera, VI, p. 200. Pierre Pidoux apresenta tabelas do cântico mensal dos Salmos em Genebra, onde diz que na Celebração da Ceia era cantado os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão (cf. PIDOUX, Pierre. *Le Psautier Huguenot*, Vol. II. Édition Baerenreiter Bâle, 1962, p. 134).

Genebra ou se foi o proprietário desta edição que o anexou".91 Uma nova Tabela apareceu anexa aos 83 Salmos de Beza e Marot em 1553 e, geralmente era encontrada anexa às edições de 1562, quando o Saltério já estava em sua edição completa. Pela Tabela de 1562 se percebe que todos os 150 Salmos eram cantados ao longo de um semestre (25 semanas). Nesta Tabela também foram inseridas orientações para se cantar o Cântico de Simeão e os Dez Mandamentos no dia da Ceia: "No dia em que celebramos a Santa Ceia de nosso Senhor Jesus Cristo segundo sua ordenança, depois dela cantamos em ação de graças o cântico de Simeão, Lucas. 2 [...] Neste mesmo dia da Ceia do Senhor, cantam-se comumente os Mandamentos de Deus, em vez do Salmo, que deve ser cantado segundo a ordem da presente tabela. Êxodo 20. Eleve o seu coração".92 Deve-se considerar que os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão permaneceram no Saltério de Genebra de 1542 até na edição final de 1562, mas eles não aparecem em momento algum na Liturgia da Ceia de Calvino na igreja de Genebra, a qual permaneceu a mesma até a sua publicação de 1566. Por outro lado, o Credo e a Paráfrase da Oração do Senhor constavam na Liturgia de Genebra de 1542-1566 para serem recitados, não cantados (o texto da Oração do Senhor, por exemplo, apareceu na liturgia em sua forma original nas edições de 1558, 1562, 1563, 1566).93 Cotudo, estes dois hinos (Credo e Oração do Senhor) já haviam sido definitivamente retirados do Saltério desde 1543.

\_

93 Calvini opera, VI, p. 184.

<sup>91</sup> PIDOUX, Le Psautier Huguenot, Vol. II, p. 44.

<sup>&</sup>lt;sup>92</sup> Table pour trouver les pseaumes selon l'ordre qu'on les chante en l'Eglise de Geneve, tant le dimanche au matin et soir, que le mercredi jour des prie [...]. [Genève]: Jean Girard, [1549]. Musée historique de la Réformation, Genève, O6e (549) (2), Disponível em: <a href="https://doi.org/10.3931/e-rara-12767">https://doi.org/10.3931/e-rara-12767</a>>. Acesso em 24 mai. 2024.

Estas Tabelas não partiram de Calvino. Elas são resultado principalmente do pedido feito pelo músico Louis Bourgeois (1510-1559), que foi aceito pelo Conselho de Genebra. É, portanto, razoável entender que o Cântico de Simeão e Os Dez Mandamentos (sem o Kyrie) provavelmente eram cantados no culto da Ceia a partir de 1549. Porém, isto significa que estes dois hinos eram cantados apenas 4 vezes no ano (pois esta era a frequência com que se celebrava a Ceia em Genebra) enquanto todo Saltério era cantado regularmente duas vezes ao ano. Obviamente que se a Ceia fosse celebrada semanalmente no domingo, como de fato era a vontade de Calvino, estes dois hinos seriam também cantados todos os domingos. O que se deve destacar é que originalmente, até pelo menos 1549, estes dois cânticos não eram cantados no culto, e, após isto, por muito tempo, somente estes dois e mais nenhum outro foram admitidos pelo Conselho de Genebra, mas a inclusão deles não partiu de Calvino.

Diante destas diferencas entre Genebra e Estrasburgo há muita confusão e afirmações, no mínimo, duvidosas. Um exemplo disso são as afirmações de John H. Leith no livro A Tradição Reformada. Leith toma a liturgia de Estrasburgo de 1545 como modelo de liturgia calvinista, pressupondo que todos os acréscimos inseridos nela foram feitos pelo próprio Calvino, o qual teria feito uma revisão e publicado em Estrasburgo em 1545, fazendo inclusões, cujas características se deviam mais à "resistência ao puritanismo de Calvino em Genebra do que ao espírito iconoclasta da Reforma ali". 94 Leith chega a dizer que a liturgia de 1545 "pode ser considerada como a mais completa afirmação da intenção de Calvino para a

<sup>94</sup> LEITH, A tradição reformada, p. 294.

liturgia". 95 Tais afirmações não correspondem aos fatos e à aplicação prática da teologia do culto de Calvino em Genebra. Leith diz ainda que "As formas de culto, conforme escreveu Calvino a Somerset na Inglaterra, dever ser ajustadas às circunstâncias e gostos do povo" (grifo meu) e cita como referência Letters of John Calvin, 2:182-198.96 Contudo, na versão em latim publicada na Calvini Opera, o que Calvino realmente disse a Somerst foi: "portanto, as próprias cerimônias devem ser adaptadas ao uso e apreensão do povo"97 (grifo meu), e não "circunstâncias e gosto" como Leith afirmou. Calvino disse, contudo, que "as corrupções de Satanás e do Anticristo não devem ser admitidas sob esse pretexto".98 O assunto que Calvino tratava eram as muitas invenções adicionadas ao culto que faziam com que o povo não participasse efetivamente da adoração nem entendesse o que estava fazendo. Interessante que Calvino também disse na mesma carta que podemos fazer concessões em busca da paz em "assuntos mundanos", mas quanto ao governo espiritual da Igreja, este "deve estar de acordo com a ordenança da Palavra de Deus". "Nisto", ele diz,

não temos a liberdade de ceder nada aos homens, nem de nos desviar para qualquer lado em seu favor. De fato, não há nada que desagrade mais a Deus do que quando, de acordo com nossa própria sabedoria humana, modificamos, reduzimos, avançamos ou recuamos de outra forma do que Ele nos

98 BONNET, Jules. Letters of John Calvin, p. 179.

<sup>95</sup> LEITH, A tradição reformada, p. 295.

<sup>96</sup> Ibid., p. 297.

<sup>&</sup>lt;sup>97</sup> A palavras usadas em latim são *cearemonis* (cerimônia), *usum* (uso) e *captum* (captura ou apreensão). Calvino estava combatendo os acréscimos inseridos pelo catolicismo que impedia a participação e compreensão do povo. Ele não está de forma alguma defendendo um ajuste aos gostos das pessoas (cf. BONNET, Jules. *Letters of John Calvin* – Compiled from the original manuscripts and edited with historical notes. Vol, II. Edinburgh: Thomas Constable and Co., 1852, p. 179; *Calvini opera*, XIII, p. 86).

requer. Portanto, se não quisermos desagradá-lo, devemos fechar os olhos à opinião dos homens.99

Portanto, em momento algum Calvino pretendeu ajustar a liturgia aos interesses humanos.

Deve-se ainda considerar que junto à liturgia de Estrasburgo de 1545, John Garnier também publicou uma versão do Saltério de Genebra, na qual foi incluído o hino Salutation a Iesus Christ, atribuído por alguns a Calvino. Theodoro de Beza, diz que Calvino compôs um cântico em honra a Cristo em Worms, antes de seu retorno à Genebra, e que este cântico "veio à público pela importunação de um monge inquisidor de Tolosa, que o condenou antes de ser impresso". 100 O testemunho de Beza tem peso, uma vez que foi contemporâneo e sucessor de Calvino, tendo escrito uma biografia do reformador, mas fica claro que não era a intenção que o cântico fosse divulgado. Contudo, o cântico ao qual Beza se refere não é o Salutation a Iesus Christ publicado em 1545. Trata-se, na verdade, de um poema chamado Epinicion Christo Cantum, que Calvino diz ter composto e dado a alguns amigos para ser lido familiarmente. No máximo quatro cópias haviam sido feitas, "caso contrário", diz Calvino,

> eu teria pensado que ele estava enterrado ou esquecido entre meus papéis; para que eu possa me aventurar a afirmar que não há dois nesta cidade que os tenham lido até agora, eu sei. Certamente eu não tinha outro plano a não ser suprimi-lo completamente. 101

Calvino diz que monges "loucos" fizeram com que o poema ficasse conhecido ao mesmo tempo em que

<sup>99</sup> BONNET, Jules. Letters of John Calvin, p. 181.

<sup>100</sup> Calvini opera, XXI, p. 63.

<sup>&</sup>lt;sup>101</sup> Ibid., V, 421-422. Composto em 1541 e publicado em Genebra em 1544.

proibiam sua leitura. Ainda é preciso destacar que, numa carta escrita a Conrado Humberto em 19 de maio de 1557, Calvino disse: "Eu estava bastante inclinado à poesia por natureza, mas tendo sido ordenado a servir, por vinte e cinco anos não compus nada, exceto que em Worms fui induzido pelo exemplo de Philip e Sturmius a escrever por diversão aquele poema". Portanto, nunca tinha sido a intenção de Calvino que tal poema fosse destinado a ser cantado, muito menos no culto divino.

Sendo assim, com muitas e fortes razões, o hino *Salutation a Iesus Christ* tem sido atribuído por alguns a Jean Garnier, o responsável pela publicação. <sup>103</sup> Pierre Pidoux considera a autoria anônima alegando que, por razões estilísticas, parece muito improvável a autoria de Calvino. <sup>104</sup> Pidoux também entende que nas edições do Saltério de Estrasburgo, nota-se

a presença de uma tradição de Estrasburgo bastante independente da de Genebra; reflete-se na retenção de textos atribuídos a Calvino, em acréscimos de empréstimos do repertório das comunidades alemãs de Estrasburgo (repertório luterano) e em empréstimos cada vez mais extensos dos saltérios de Genebra. 105

<sup>105</sup> PIDOUX, Le Psalter Huguenot, p. VI.

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> Calvini opera, XVI, 2632, p. 487,488.

<sup>&</sup>lt;sup>103</sup> Os argumentos de que este hino deve ser atribuído a Jean Garnier e não a Calvino podem ser vistos em MYERS, Andrew. *Did John Calvin Author a Hymn?*. Disponível em: <a href="https://reformedtheologybooks.files.wordpress.com/2014/05/did-calvin-author-a-hymn-andrew-myers.pdf">https://reformedtheologybooks.files.wordpress.com/2014/05/did-calvin-author-a-hymn-andrew-myers.pdf</a>>. Acesso em: 24 mai. 2024.

<sup>104</sup> Segundo Pierre Pidoux, o hino Je Te Salue Mon Certain Redempteur é atribuído a Calvino pelos editores da Calvini opera (cf. Calvini opera, VI, p. 223) e atribuído a Jean Garnier por O. Douen (cf. DUEN, Clement Marot et Le Psautier Huguenot, p. 452), cf. PIDOUX, Le Psautier Huguenot, Vol. 1, p. 211. Curiosamente Felipe Fontes e João Almeida, ao citarem Pidoux como referência, fazem uma afirmação equivocada ao dizer que "O cântico é atribuído a Calvino pelos editores da Calvini Opera (C.O. VI, col. 223) e por Jean Garnier" (Cf. FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 159, nota de rodapé 13).

Orentin Duen atribuiu o hino a Jean Garnier. <sup>106</sup> Os editores da *Calvini Opera* não o atribui diretamente a Calvino, mas o insere junto as obras do reformador. O hino apareceu pela primeira vez nesta edição de 1545 e não mais apareceu em qualquer outra edição do Saltério, nem em Estrasburgo, muito menos em Genebra. A única cópia conhecida desta liturgia de 1545 foi destruída em 1871 durante o incêndio na Biblioteca de Estrasburgo, mas havia sido descrita pelos editores da *Calvini Opera*, contudo, eles deixaram claro que "Este cântico encontra-se na única edição de 1545. Não há nada análogo nas Coleções posteriores". <sup>107</sup> Se fosse o desejo de Calvino que este cântico (ou qualquer outro) fosse cantado na liturgia da Igreja, seria de se esperar que ele fosse mantido nas edições posteriores do Saltério; mas foi eliminado de vez.

Diferentemente da liturgia em Estrasburgo, a liturgia da igreja em Genebra publicada por Calvino em 1542 manteve-se a mesma quanto ao cântico de Salmos somente, sem estes acréscimos, até a publicação de sua edição mais amadurecida em 1566 (quando já havia também a edição completa do Saltério com os 150 salmos metrificados), e por muitos anos. Mas em outros lugares a situação era outra. Por exemplo, além do já mencionado hinário *Constance Hymn Book*, considerado "o hinário mais importante do século XVI para os suíços de língua alemã", <sup>108</sup> na Basiléia havia sido publicado em 1559 o *Christian Hymnal*. Este hinário reuniu "tantos hinos protestantes quanto possível, criando assim 'a primeira tentativa de um manual de canções da igreja evangélica' na Suíça". <sup>109</sup> Ele continha 235 hinos, "tornando-se uma das

\_

109 Ibid., loc. cit.

 <sup>106</sup> DUEN, Clement Marot et Le Psautier Huguenot, p. 452.
 107 Calvini opera, VI, p. 223.

<sup>&</sup>lt;sup>108</sup> MARCUS, "Hymnody and Hymnals in Basel, 1526-1606", p. 732.

maiores coleções de hinos impressos na Europa até então". 110 Eram os 150 salmos mais 85 hinos dos mais variados compositores da época. Enquanto em outros lugares havia uma introdução cada vez maior de hinos, a Genebra de Calvino seguiu firme na exclusividade dos Salmos. Isto significa que por cerca de 23 anos em que pastoreou a igreja em Genebra até sua morte em 1564, Calvino retirou hinos inspirados de seu Saltério (a Oração do Senhor e o Credo, o qual considerava que pudesse ter sido escrito pelos apóstolos) e não acrescentou qualquer hino à sua liturgia, a despeito do número cada vez mais crescente deles. É bem provável que Calvino tenha sido solicitado a incluir novos hinos no Saltério e na liturgia, pois havia muitos piedosos que o fizeram. Em junho de 1544, Valerand Poullain (sucessor de Calvino na igreja de refugiados franceses em Estrasburgo entre 1544 e 1545, antes de Jean Garnier), escreveu a Calvino falando sobre certos hinos e outras partes da Escritura que seria bom que fossem traduzidos para o francês e cantados de vez em quando no templo: peças sobre o Cordeiro, Eucaristia, o Espírito Santo, a penitência, a lei, a paz, para tempos de guerra, pestilência, etc. Ele desejava que algo fosse feito por Marot ou outra pessoa com o desejo que isto contribuísse para a piedade de sua igreja. 111 Orentin Duen observa que não se sabe qual foi a resposta de Calvino, "sabemos apenas que o Saltério de Estrasburgo (1545) não contém nada do que Poullain pediu, e que o reformador retirou do Saltério a Ave Maria traduzida por Marot". 112

Ainda por muito tempo após a morte de Calvino em 1564, a igreja de Genebra permaneceu cantando somente os Salmos em sua liturgia. Felipe Fontes e João

-

<sup>110</sup> MARCUS, "Hymnody and Hymnals in Basel, 1526-1606", p. 732.

<sup>&</sup>lt;sup>111</sup> Calvini opera, XI, p. 713 (Carta 550).

<sup>&</sup>lt;sup>112</sup> DUEN, Clement Marot et Le Psautier Huguenot, p. 278.

Almeida na tentativa de oferecer provas contra a exclusividade dos Salmos em Calvino alegam que

Após o ano de 1562, de acordo com as edições, o Saltério de Genebra também incluirá gradativamente, além das paráfrases dos 150 salmos, as seguintes peças: 1. Commandements; 2. Cantique de Siméon (*Nunc dimittis*); 3. Priève avant Le repas; 4. Priève après Le repas; 5. Oraison dominicale; 6. Symbole dês Apôtres / Articles de La Foy (Credo); 7. Salutation Amgélique; 8. *Magnificat*; 9. *Te Deum* / Cantique de S. Ambroise et S. Augustin; 10 *Veni creator Spiritus* (Invocação ao Espírito Santo); 11. Salutation à Jésus-Christ; 12 oraison à Dieu Le Père, Fils et St. Esprit; 13 *Cantique de Moise* (Deuteronômio 32); 14. Cantique de Zacharie (Lc 1); Seigneur entens mon orasion (Sl 102).<sup>113</sup> (grifo meu).

# O surpreendente é que eles afirmam em seguida que

É difícil responder se a inclusão desses novos hinos seria o sinal de um novo projeto ou da permissão de Calvino para que mais textos bíblicos e outros textos ortodoxos fossem musicados e unidos aos 150 salmos. Contudo, não há indicação documental de que ele tenha sido contrariado ou que não soubesse dessas inclusões.<sup>114</sup>

Há alguns absurdos nesta afirmação. Em primeiro lugar, além do Credo Apostólico e da Oração do Senhor (retirados do Saltério a partir de 1543) os únicos hinos que permaneceram no Saltério de Genebra até a morte de Calvino foram, como já dito, os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão. Em segundo lugar, não há precedente algum em Calvino para acreditar que a inclusão a que eles se referem tenha sido "um sinal de um novo projeto" do reformador. Calvino jamais sinalizou algo neste sentido.

<sup>113</sup> FONTES; ALMEIDA. A igreja local e a música no culto, p. 161.

<sup>114</sup> Ibid., loc. cit.

Os sinais encontrados em seus textos e em seu projeto para a Igreja de Genebra apontam justamente para outra direção. Em terceiro lugar, é obvio que "não há indicação documental de que ele tenha sido contrariado ou que não soubesse dessas inclusões", uma vez que ele já estava morto em 1564 e as inclusões só aconteceram nas versões posteriores a sua morte. Além disso, a prova documental de que Calvino se oporia e seria contrariado com estas inclusões está no Prefácio do Saltério de 1543 que permaneceu nas edições posteriores, no qual ele declara:

Mas o que o Santo Agostinho diz é verdade: ninguém pode cantar coisas dignas de Deus, senão aquele que as tenha recebido do próprio Deus. Porque, ao procurarmos por toda parte, buscando aqui e acolá, não encontraremos melhores cânticos, nem mais adequados a esse propósito, do que os Salmos de Davi, os quais o Espírito Santo lhe ditou e fez.<sup>115</sup>

De acordo com Pidoux, em 15 de junho de 1594, o Sínodo Nacional de Montauban, solicitou a Beza que traduzisse para a rima francesa os "Cânticos da Bíblia" para cantá-los na igreja com os Salmos. 116 Somente no Sínodo de Montpellier, em 26 de maio de 1598, a questão foi decidida da seguinte forma:

A Assembleia, depois de ter lido as Cartas da Igreja de Genebra, e ponderado as razões que contêm, e as ofertas que a referida Igreja faz a esta Assembleia, declara que não se fará nenhuma mudança na Liturgia das nossas Igrejas no canto dos Salmos, nem no Formulário dos nossos Catecismos. E quanto aos "Cânticos da Bíblia" que foram versificados pelo Sr. Beza a pedido de muitos Sínodos, poderão ser cantados nas famílias para treinar o povo e preparar para utilizá-los

<sup>116</sup> PIDOUX, Le Psalter Huguenot, vol. II, p. 167.

-

<sup>115</sup> FONTES; ALMEIDA. A igreja local e a música no culto, p. 252.

publicamente em nossas Igrejas; mas esta Portaria só terá lugar até o próximo Sínodo Nacional. 117

Portanto, até o final do século XVI, nenhuma alteração havia sido feita na liturgia de Genebra quanto ao canto dos Salmos.

Os Dez Mandamentos e o Nunc Dimittis, que alguns ainda insistem em usar como uma evidência contra a exclusividade dos Salmos, não podem jamais ser considerados um precedente para o uso de canções não inspiradas no culto. Primeiro porque ambos são metrificações de textos da Escritura, não composições humanas. Segundo porque eles não foram inseridos por Calvino na liturgia do culto em Genebra, mas posteriormente pelo Conselho de Genebra, somente na celebração da Ceia quatro vezes ao ano. Terceiro porque durante muitos anos somente estes dois e nenhum outro hino foi introduzido no culto em Genebra. De toda forma, o critério da inspiração como requisito exclusivo para a música no culto vigorou no Saltério e no culto da Igreja Reformada por muitos anos. Como conclui Michael Bushell, uma coisa é dizer que Calvino anexou ao Saltério versões metrificadas do Credo Apostólico e Oração do Senhor (retirados), e dos Dez Mandamentos e do cântico de Simeão; outra coisa bem diferente é dizer que ele favoreceu, ou mesmo que não era contra a introdução de músicas sem inspiração de modo geral. 118 Segundo observou Daniel Kok, há evidências confiáveis que nos levam a concluir que Calvino ou defendia a Salmodia Exclusiva ou, em seus últimos anos e em seu pensamento mais maduro, estava muito próximo dela. A posição da Salmodia Exclusiva "era uma espécie de 'convicção amadurecida' que ele assumiu ao longo de vários

<sup>117</sup> PIDOUX, Le Psalter Huguenot, vol. II, p. 169.

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 271.

anos". 119 Contudo, nós acreditamos que esta convicção já estava presente em Calvino desde o início de seu ministério em Genebra.

# Preferência pessoal ou convicção escriturística?

Hughes Old, opositor da Salmodia Exclusiva, a despeito de inúmeras evidencias contrárias, alega que a adoção da Salmodia Exclusiva era um assunto de preferência pessoal de Calvino, não uma regra que o reformador encontrava na Escritura. O argumento de Hughes Old é que no Prefácio do Saltério, "ao defender sua preferência pela salmodia, Calvino apela não às Escrituras, mas a João Crisóstomo (ca. 347-407) e Agostinho (354-430). Sendo esse o caso", Hughes Old conclui, "pode-se ter certeza de que Calvino não teve objeções se em outras igrejas outros hinos que não os Salmos fossem cantados. Seu uso da salmodia exclusiva era uma questão de preferência. Ele não considerou no domínio das Escrituras". 120

Em primeiro lugar, apesar de reconhecer que Calvino adotou a Salmodia Exclusiva, Hughes Old apresenta um argumento inválido e falacioso. Calvino, no Prefácio do Saltério, está defendendo o uso dos Salmos e, neste ponto, citou dois Pais da Igreja para dar força ao seu argumento. Uma vez que ele não citou a Escritura, Hughes Old quer nos persuadir a concluir, com alto grau de certeza, duas coisas: que Calvino não tinha objeções se em outras igrejas outros hinos que não os Salmos fossem cantados e que o uso de Calvino da Salmodia Exclusiva era uma questão de preferência. Nenhuma destas conclusões

-

<sup>&</sup>lt;sup>119</sup> Cf. https://purelypresbyterian.com/2016/12/30/was-john-calvin-an-exclusive-psal-modist/ e https://kingandkirk.com/kings-songs/appendices/calvin-and-exclusive-psal-mody/. Acesso em: 24 mai. 2024.

<sup>&</sup>lt;sup>120</sup> OLD, *Worship*, p. 45.

pode ser deduzida da única premissa que Hughes Old oferece. Além disso, se seguíssemos o pensamento de Hughes Old chegaríamos ao absurdo de afirmar que, todas as vezes que Calvino faz citações de qualquer autor que não seja da Escritura, ele estará "com certeza" tratando de suas preferências pessoais e não de ensinos da Escritura. Este é um pensamento totalmente desprovido de qualquer lógica.

Em segundo lugar, Hughes Old sequer considerou o peso da argumentação de Calvino ao citar estes dois Pais da Igreja. Ao citar Agostinho, Calvino expõe uma verdade que não pertence a Agostinho, mas pertence a Deus e tem sua fonte na Escritura. A verdade de que "ninguém pode cantar coisas dignas de Deus, senão aquele que as tenha recebido do próprio Deus" Agostinho expressou em seu comentário dos Salmos (p. ex. Sl 34.1; 103.2; 116.13,14, etc.) Ao comentar o Salmo 34.1, Agostinho diz:

> A ele, portanto, cante o salmo; a ele cante nosso coração, a ele cante dignamente a nossa língua; se, contudo, ele se dignar dar-nos a possibilidade de cantá-lo. Ninguém pode cantar-lhe dignamente, se dele mesmo não receber os cânticos. Finalmente, o cântico que acabamos de cantar, foi composto por seu profeta, sob inspiração do Espírito. 121

Ao citar Crisóstomo (o qual testemunhou que os Salmos de Davi eram o começo, o meio e o fim de todas as devoções de sua época), 122 a verdade que Calvino quis expor é de que todos devem cantar os Salmos "de modo que isso seja como uma meditação, associando-os à companhia dos anjos". 123 São estes Salmos de Davi, e não

<sup>123</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 253.

<sup>121</sup> AGOSTINHO, Comentário aos Salmos - Salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997 (Coleção Patrística, 9/1-3), p. 270.

<sup>122</sup> CRISÓSTOMO, João. Homilia, VI.

outras composições, que têm esta tão angelical finalidade. São estes, e não outros, que ele chama de "cânticos divinos e celestiais". 124 Hughes Old quer nos convencer que Calvino deveria ter citado textos da Escritura, enquanto na verdade ele citou verdades bíblicas ditas por Agostinho e Crisóstomo, as quais evidenciam o singular uso dos Salmos na adoração cristã e exclui os hinos.

Em terceiro lugar, no próprio Prefácio, Calvino faz diversas afirmações apelando a Agostinho, as quais não configuram preferências pessoais, pelo contrário, verdades bíblicas. Calvino tem o costume de citar escritores dos textos canônicos junto com os Pais da igreja indistintamente quando quer afirmar verdades da Escritura. Esta é uma característica presente em todos os escritos de Calvino, o que Hughes Old, para manter sua preferência pessoal pelos hinos, preferiu ignorar.

Como vimos, Calvino construiu sua defesa e prática da Salmodia sobre o exemplo histórico da Igreja Antiga e o testemunho inspirado da Escritura. Nos Artigos de 1537, ele defendeu o canto dos Salmos "segundo o exemplo da Igreja antiga, e de acordo com o testemunho de São Paulo". A *La Forme dês Prieres*, publicada em seu retorno a Genebra em 1541, trazia no próprio título "*selon La Coustume de l'Eglise Ancienne*". Ele não tomou como fundamento a prática da igreja de sua época que já cantava hinos além dos Salmos. Esta reivindicação de Calvino é claramente uma referência ao canto de Salmos de Davi. Primeiro que, para ele, os cristãos da Igreja Antiga

<sup>124</sup> FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 253.

<sup>125</sup> Ao longo do Prefácio do Saltério, Calvino apela a Agostinho para afirmar que os Sacramentos devem estar associados com a Palavra; para afirmar a verdadeira consagração dos sacramentos através da palavra da fé; para afirmar que os cânticos devem ter peso e majestade; para afirmar que se deve oferecer a Deus o que recebemos dele; para afirmar a diferença entre o cantar dos homens com entendimento e o cantar dos pássaros.

"desde o início adotaram o hábito da igreja judaica de cantar Salmos". 126 Segundo que ao defender a singularidade do canto de Salmos de Davi no prefácio do Saltério, como os únicos cânticos dignos de Deus, ele fundamentou com o testemunho da Patrística, citando Agostinho e Crisóstomo. Ele enfatizou que cantar "não é uma invenção recente. Porque desde a origem da Igreja tem sido este o caso, como a história nos mostra. E mesmo São Paulo não fala somente de orar com os lábios, mas também de cantar". 127 Nas Institutas, ele fala do

costume de cantar na igreja, não só como evidência muito antiga, mas também esteve em uso nos dias dos apóstolos, o que destas palavras de Paulo é lícito concluir: 'Cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento' [1Co 14.15]. Igualmente, aos Colossenses: 'Ensinando e admoestando-vos mutuamente com hinos, salmos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com gratidão em vossos corações' [Cl 3.16]. Ora, na primeira *dessas* passagens ele preceitua que se deve cantar com a voz e com o coração; na segunda, recomenda cânticos espirituais com os quais os piedosos se edificam mutuamente.<sup>128</sup>

# Comentando sobre os Artigos de 1537, Charles Garside Jr diz que

Calvino pretendia reconstruir tanto quanto possível o culto e a disciplina da igreja antiga, e nessa igreja, como testemunhou São Paulo, os salmos foram cantados. Tal canto, portanto, é tão integral à grande visão de Calvino de toda a vida da igreja antiga quanto era 'aquela antiga, isto é, apostólica, disciplina ou excomunhão'. A salmodia era uma prática apostólica, um fato de profunda importância para Calvino, sublinhado por sua referência à degeneração da música litúrgica

<sup>127</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, *A igreja local e a música no culto*, p. 250.

<sup>128</sup> CALVINO, As institutas, III.XX.32.

<sup>&</sup>lt;sup>126</sup> CALVINO, 1 Coríntios, p. 487.

contemporânea. Depois de séculos de abusos do papado, nem mesmo os padres entendiam o que estavam cantando. Consequentemente, os salmos deveriam ser devolvidos ao povo, a quem eles pertenciam, para serem cantados por eles em sua própria língua, como antes, com entendimento na forma de 'verdadeiros cânticos espirituais'. Juntamente com esta afirmação explícita da salmodia, Calvino também apresenta implicitamente um veredicto desdenhoso: o canto dos sacerdotes em latim no altar deveria ser totalmente eliminado do culto público, e este, de fato, seria o caso da liturgia calvinista. No espaço de meras 146 palavras, Calvino apresentou ao concílio uma declaração que constituía nada menos que o fundamento de sua teologia da música. Muito seria acrescentado a ela mais tarde, mas nenhuma das proposições que ele estabeleceu aqui seria alterada em momento algum. 129

Garside Jr considera que nos Artigos de 1537 está o ponto de origem da teologia da música de Calvino. 130 Ele também diz que, para Calvino, "O Saltério foi concebido, e sempre seria considerado por ele, como um instrumento indispensável em sua tentativa ao longo da vida de restaurar ao cristianismo o culto autêntico e não adulterado da antiga igreja". 131

Pela influência de Calvino, os hinos de composição humana foram excluídos do culto da Igreja em Genebra, e é razoável entender que uma tão cara exigência dele não podia ser sustentada em preferências pessoais, mas sim em forte conviçção bíblica. Na época de Calvino havia muitos hinos metrificados conhecidos, disponíveis e cantados congregacionalmente por outros cristãos, inclusive os de Lutero, mas Calvino se limitou aos Salmos. Assim como outros reformadores, Calvino também desejava ensinar a verdadeira doutrina e refutar os erros do catolicismo

<sup>129</sup> GARSIDE, JR, *The origins of the Calvin's theology of music: 1536-1546*, p. 10. <sup>130</sup> Ibid., p. 8.

•

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> Ibid., p. 28.

romano e sabia que a música era um instrumento eficaz para este propósito. Contudo, ele não aceitou que o critério apologético (como fizeram alguns Pais da Igreja) estivesse acima da doutrina bíblica do cântico dos Salmos. Ao contrário de Lutero, ele entendeu que somente os Salmos podiam cumprir este papel exatamente por serem eles inspirados. De acordo com o próprio Benson,

o salmo calvinista tirou sua autoridade e sua propriedade de sua inspiração divina. Deve ser a Sagrada Escritura, antes de tudo; e depois se tornou métrico apenas para facilitar sua representação congregacional. Calvino tinha decidido fazer do Saltério o livro de louvor da Igreja Reformada, e para esse fim nunca descansou até que o livro de louvor estivesse completo. 132

O que muitos como Hughes Old, Filipe Fonte e João Almeida não querem enxergar é que Calvino opôs-se aos hinos de composição humana. Nas *Institutas*, falando da propriedade e requisitos do canto na Igreja, ele diz que "todos e quaisquer cânticos que foram compostos apenas para o encanto e o deleite dos ouvidos, nem são compatíveis com a majestade da Igreja, nem se pode entoá-los sem desagradar sobremaneira a Deus". 133 Quando ele afirma que a Igreja deveria cuidar para ter cântico que não fosse "nem leviano, nem frívolo, mas que tenha peso e majestade" e ter "canções não apenas honestas, mas também santas", 134 isto demonstra o nível de impureza com que os hinos estavam impregnados. E Calvino não mediu palavras para criticar a corrupção nos hinos que estavam sendo cantados nas igrejas em sua época. Na sua obra A Necessidade de Reformar a Igreja, Calvino afirmou que

<sup>132</sup> BENSON, John Calvin and the psalmody of the reformed churches, p. 75,76.

<sup>&</sup>lt;sup>133</sup> CALVINO, As institutas, III.XX.32.

<sup>&</sup>lt;sup>134</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 250, 252.

várias partes do culto estavam corrompidas, inclusive as expressões de ações de graças, o que era confirmado "pelos hinos públicos, nos quais os santos são louvados por todas as bênçãos, justamente como se fossem parceiros de Deus". 135 Ele também disse que as canções usadas em sua época [na igreja]<sup>136</sup> eram "em parte fúteis e frívolas, em parte tolas e pesadas, em parte sujas e rebeldes e, por consequência, más e nocivas". 137 Em seu comentário sobre Cl 3.16, Calvino diz que "Em lugar de cânticos obscenos ou, pelo menos, meramente modestos e decentes, recorreis ao uso de hinos cânticos que expressem o louvor de Deus". Calvino está certo de que o apóstolo Paulo quer que "os cânticos dos cristãos sejam espirituais, não formados de frivolidades e palavreados sem valor". 138 Em seu comentário sobre salmos, hinos e cânticos em Ef 5.19, ele diz que o adjetivo "espiritual" se ajusta bem ao argumento do apóstolo, "pois a maioria dos cânticos frequentemente usados é quase sempre sobre temas frívolos, e estão longe da pureza". 139 Nos Artigos de 1537 ele diz que os Salmos são "verdadeiros cânticos espirituais". 140

No Prefácio do Saltério (1543), Calvino demonstra a diferença da natureza dos hinos e dos Salmos. O propósito do canto dos Salmos, segundo Calvino, é o benefício e "edificação comum de todos". Antes de tudo ele deixou claro que "se quisermos honrar as santas ordenanças de nosso Senhor, as quais empregamos na Igreja, o principal a saber é o que elas contêm, o que querem dizer e a

-

<sup>135</sup> CALVINO, As obras de João Calvino, p. 161.

<sup>136</sup> Calvino não diz explicitamente que estas canções estavam sendo cantadas na igreja, mas isto fica subtendido pelo contexto.

<sup>&</sup>lt;sup>137</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 253.

<sup>&</sup>lt;sup>138</sup> CALVINO, Gálatas – Efésios – Filipenses – Colossenses, p, 337.

<sup>139</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>140</sup> BENSON, John Calvin and the psalmody of the reformed churches, p. 11.

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 247.

que propósito tendem, a fim de que seu uso seja útil e salutar, e, por consequência, regulado corretamente". 142 O argumento de Calvino parte do geral para o particular. Ele entende música em duas partes: 1) letra, ou assunto e matéria; 2) o canto ou a melodia. Calvino argumenta, com base em Paulo, que até os bons costumes podem ser corrompidos pelas palavras torpes, mas quando estas corrupções na letra são acompanhadas da melodia, "elas penetram com muito mais força o coração e atingem seu interior de modo que, assim como por um funil o vinho é vertido num recipiente, assim o veneno e a corrupção são destilados até às profundezas do coração pela melodia". 143 O que Calvino está enfatizando é que se a letra das canções que a Igreja canta, se afastasse mesmo um pouco da revelação de Deus em sua Palavra, esta corrupção da verdade afastaria os fiéis da verdadeira adoração. "Então, o que devemos fazer?", pergunta Calvino. Ainda tratando a questão do ponto de vista geral, ele diz: "A resposta é que tenhamos canções não apenas honestas, mas também santas, as quais sejam como aguilhões para nos incitar a orar e louvar a Deus, a meditar em suas obras, a fim de amálo, teme-lo, honrá-lo e glorifica-lo". 144 A questão é: quais canções atendem a este propósito? Saindo do geral para o particular, Calvino responde dizendo que somente os Salmos de Davi cumprem este propósito, enfatizando assim a singularidade deles:

Mas o que o Santo Agostinho diz é verdade: ninguém pode cantar coisas dignas de Deus, senão aquele que as tenha recebido do próprio Deus. Porque, ao procurarmos por toda parte, buscando aqui e acolá, não encontraremos melhores

-

<sup>&</sup>lt;sup>142</sup> FONTES; ALMEIDA, *A igreja local e a música no culto*, p. 248.

<sup>143</sup> Ibid., loc. cit.
144 Ibid., loc. cit.

cânticos, nem mais adequados a esse propósito, do que os Salmos de Davi, os quais o Espírito Santo lhe ditou e fez.<sup>145</sup>

Ao comentar sobre estas palavras de Calvino, Garside observa que

a frase talvez seja autobiográfica. Enquanto estava em Estrasburgo, Calvino foi exposto à grande variedade de textos usados na liturgia ali, e depois de três anos testando, por assim dizer, a eficácia tanto dos cânticos sagrados e espirituais não bíblicos quanto das versões vernáculas dos salmos, ele foi confirmado em sua decisão, alcançada em 1537, de restringir sua salmodia congregacional a esta última.<sup>146</sup>

Calvino está claramente dizendo que a "a letra, ou assunto e matéria" (primeira parte da divisão que ele faz da música para o culto) se restringe aos Salmos. Somente no final do Prefácio ele volta a falar da segunda parte. "No tocante à melodia", ele diz que lhe pareceu aconselhável que fosse "sóbria [...] para comportar o peso e a majestade adequados ao assunto, e também para ser apropriada para cantar na Igreja, conforme aquilo que foi dito". 147 Devese destacar que Calvino não disse que os cânticos da Escritura eram melhores e mais apropriados, mas ele fala apenas dos "Salmos de Davi", o que revela sua adesão à exclusividade dos Salmos. Com base na inspiração dos Salmos é que Calvino afirma que "quando os cantamos, temos certeza de que Deus nos põe na boca as palavras, como se ele próprio cantasse em nós, para exaltar a sua glória". 148 Fica claro que, na visão de Calvino, oferecer a

<sup>148</sup> Ibid., p. 252,253.

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 248.

<sup>&</sup>lt;sup>146</sup> GARSIDE, JR, The origins of the Calvin's theology of music: 1536-1546, p. 23-24, nota de rodapé 134. Garside ainda observa que Calvino ofereceu de maneira confiante a resposta: os Salmos de Davi.

<sup>&</sup>lt;sup>147</sup> Apud FONTES; ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 253.

Deus qualquer cântico que não tenha sido dado por ele é atribuir-lhe indignidade. Ao associar o cântico no culto com as palavras de Agostinho, Calvino deixa claro que Deus deve ser seu autor. Ele estava convencido de que é "verdade que Deus nos supre com palavras, e se ele não o faz não conseguiremos entoar seus louvores". 149 Também fica claro que Calvino está se referindo ao ato de receber por inspiração, uma vez que ele afirma que somente correspondem a esta dignidade os Salmos de Davi, "os quais o Espírito Santo lhe ditou e fez". Colocando de outra forma, Calvino está dizendo que somente os Salmos de Davi são cânticos dignos de serem oferecidos a Deus. Todos os outros hinos e cânticos são indignos. Em suas palavras, Calvino deixa claro que o texto inspirado da Escritura era o único texto admissível no cântico do culto, e foi esta convicção que resultou na produção do Saltério metrificado. O que deve ser salientado aqui é que Calvino estabelece uma regra para o culto que submete as consciências dos adoradores e, portanto, não pode tratar-se de preferência pessoal de Calvino, como Hughes Old alega. Calvino está afirmando que nenhum cristão oferece cântico digno de Deus, a não ser que cante os Salmos de Davi. Ele não está sugerindo que cada um tem a opção de oferecer a Deus o que quiser, como se a Salmodia fosse apenas uma alternativa, mas estabeleceu um caso de consciência que está associado à dignidade divina. Ele, que veementemente condenou as imposições humanas ao culto, não estaria aqui fazendo exatamente aquilo que condena. Calvino não impôs com forte exigência a Salmodia Exclusiva em Genebra com base meramente em suas próprias opiniões ou na recente tradição. Isto seria contrário a tudo o que ele defendeu em seus escritos. Ao contrário de toda

<sup>149</sup> CALVINO, Salmos, vol. 2, p. 431.

corrupção no louvor divino, promovida pelas frivolidades dos hinos, Calvino ofereceu à Igreja os puros Salmos do Espírito.

Há em Calvino, portanto, uma nítida separação entre os Salmos de Davi e os demais hinos. Como disse Michael Bushell.

> O salmo, na visão de Calvino, é tão superior aos hinos humanos que colocar o último ao lado do primeiro só poderia ser um ato de impiedade. Uma condenação explícita de hinos não inspirados não poderia ter conseguido mais pela causa da salmodia exclusiva do que essas palavras bem consideradas e positivas [no Prefácio]. 150

O propósito de Calvino com o Saltério era que o mundo fosse "bem advertido e, em vez de canções em parte fúteis e frívolas, em parte tolas e pesadas, em parte sujas e rebeldes e, por consequência, más e nocivas, das quais faz uso até agora, acostume-se a cantar esses cânticos divinos e celestiais com o bom rei Davi". 151 Depois de apresentar as razões de sua adesão aos Salmos somente, Calvino insiste na "adoção universal dos salmos com a exclusão de todos os outros cânticos". 152 Ele estava certo que o Saltério termina com uma convocação profética para que os gentios se unam aos judeus no louvor a Deus. Ele afirma que o salmista ao dizer "tudo que respire louve ao Senhor" (Sl 150.6) está

> dando a entender que viria um tempo em que os mesmos cânticos, até então ouvidos somente em Judá, ressoariam em todos os quadrantes da criação. Nesta predição, fomos unidos

<sup>150</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 272.

<sup>&</sup>lt;sup>151</sup> Apud FONTES, ALMEIDA, A igreja local e a música no culto, p. 253.

<sup>&</sup>lt;sup>152</sup> GARSIDE, JR, The origins of the Calvin's theology of music: 1536-1546, p. 24. Garside entende que o que Calvino está propondo aqui é que mesmo fora da liturgia apenas os Salmos sejam cantados.

aos judeus na mesma sinfonia, para que cultuemos a Deus com sacrifícios de louvor permanentes, até que sejamos congregados no reino celestial, quando cantaremos com os anjos eleitos um eterno aleluia. <sup>153</sup>

Aqui Calvino não poderia ter sido mais claro quanto a Salmodia Exclusiva. Ele entendeu que a profecia da unidade do louvor da igreja do Antigo e do Novo Testamento só poderia se cumprir quando "os mesmos cânticos", e não outros, "até então ouvidos somente em Judá" ressoassem em toda terra. O próprio Saltério que Calvino ofereceu à Igreja era um instrumento desta unidade "na mesma sinfonia" com os judeus. Somente os Salmos são os "sacrifícios de louvor permanentes".

#### A suficiência da Salmodia

Filipe Fontes e João Almeida querem nos fazer acreditar que a presença no Saltério de hinos além dos Salmos, da qual já tratamos, "aponta para a concordância com a percepção antiga de que "os salmos são quase, mas não totalmente, suficientes para o culto cristão' (A. Cabaniss: The Background of Metridal Psalmody, p. 203). Provavelmente Calvino teve esta intuição e, por isso, não defendeu a exclusividade dos salmos, embora tenha dado a eles um lugar claramente central no canto congregacional". 154

Calvino, como um grande exegeta, compreendeu o sentido claro do texto dos Salmos entendendo que Davi

<sup>&</sup>lt;sup>153</sup> CALVINO, *Salmos*, vol 4, p. 603.

<sup>154</sup> FONTES; ALMEIDA, *A igreja local e a música no culto*, p. 166, nota 32. Estes mesmos autores são forçados pelas evidências a declarar que "A motivação de Calvino ao adotar o canto litúrgico dos salmos foi o retorno à simplicidade da adoração primitiva" e que "Amparado pela Escritura, pela história da Igreja e pelo testemunho comum daqueles que cantavam os salmos de coração, ele entendia não haver cânticos mais dignos de serem entoados diante do Senhor do que aqueles recebidos diretamente do Espírito Santo" (p. 122, 133).

era um tipo para Cristo e também representava os cristãos. A compreensão da suficiência dos Salmos para Calvino pode ser provada com suas próprias palavras. Ele afirmou, por exemplo, que

aquelas coisas que Davi declara acerca de si mesmo não são violentamente, nem ainda alegoricamente, aplicadas a Cristo, mas eram legitimamente um vatícinio em relação a ele [...] aquelas coisas que Davi testificou acerca de seu próprio reino são apropriadamente aplicáveis a Cristo. 155

Contudo, ele não fez imitações dos Salmos como mais tarde Isaac Watts faria, a fim de que Davi falasse como um cristão; pelo contrário, ele deu aos cristãos o Saltério metrificado para que eles cantassem como Davi. Para Calvino, o canto dos Salmos é uma gloriosa expressão de adoração que expõe a fé do cristão sob o Evangelho da cruz. Ele afirma:

ainda que os Salmos estejam repletos de todo gênero de preceitos que servem para estruturar nossa vida a fim de que a mesma seja saturada de santidade, de piedade e de justiça, todavia eles principalmente nos ensinarão e nos exercitarão para podermos levar a cruz.<sup>156</sup>

Sob a expressão "levar a cruz" (Mt 16.24; Lc 14.27) encontra-se a vida cristã em submissão à Cristo, isto é, o próprio cristianismo. Ele estava certo de que os Salmos trazem a mensagem evangélica salvadora da "graciosa remissão dos pecados", e compreendia a suficiência dos Salmos neste aspecto ao afirmar que

<sup>155</sup> CALVINO, Salmos, vol. 1, p. 53. Apenas um exemplo dos inúmeros encontrados em seu comentário dos Salmos.

<sup>156</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 1, p. 29.

aqui [nos Salmos] não só encontraremos enaltecimento à bondade de Deus, a qual tem por meta ensinar aos homens a descansarem nele só e a buscarem toda a sua felicidade exclusivamente nele; cuja meta é ensinar aos verdadeiros crentes a confiadamente buscarem nele, de todo o seu coração, auxílio em todas as suas necessidades. Mas também descobriremos que a graciosa remissão dos pecados, a qual é o único meio de reconciliação entre Deus e nós, e a qual restaura nossa paz com ele, é tão demonstrada e manifesta, como se aqui nada mais faltasse em relação ao conhecimento da eterna salvação.<sup>157</sup>

Calvino também entendeu não ser necessário que os cristãos compusessem hinos com suas próprias experiências porque os Salmos são perfeitamente suficientes, um "manual canônico de toda piedade", 158 ou, como ele mesmo afirmava, "uma anatomia de todas as partes da alma". 159 Ele argumentou que "não há sequer uma emoção da qual alguém porventura tenha participado que não esteja aí [no Saltério] representada como num espelho". 160 Também declarou que

como invocar a Deus é um dos principais meios de garantir nossa segurança, e como a melhor e mais inerrante regra para guiar-nos nesse exercício não pode ser encontrada em outra parte senão nos Salmos, segue-se que em proporção à proficiência que uma pessoa haja alcançado em compreendê-los, terá também alcançado o conhecimento da mais importante parte da doutrina celestial [...] tudo quanto nos serve de encorajamento, ao nos pormos a buscar a Deus em oração, nos é ensinado neste livro [...] uma regra infalível a nos orientar sobre a maneira correta de oferecer a Deus sacrifício de louvor [...] não há outro livro em que somos mais perfeitamente instruídos na correta maneira de louvar a Deus, ou em que

<sup>&</sup>lt;sup>157</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 1, p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>158</sup> BEEKE, *Espiritualidade Reformada*, p. 44. <sup>159</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 1, p. 27.

<sup>160</sup> Ibid., loc. cit.

somos mais poderosamente estimulados à realização deste sacro exercício. 161

Era com os Salmos que os cristãos da Reforma expressariam suas próprias devoções. Como o próprio John Leith admite,

Os salmos, postos em rima francesa por Marot e Beza e musicados por Luis Bourgeois e Cláudio Goudimel, tornaram-se um dos livros mais importantes da reforma [...] O cântico de salmos tornou-se essencial para a piedade calvinista. Os protestantes franceses, ao serem levados para a prisão ou para a fogueira, cantavam os salmos com tanta veemência que foi proibido por lei cantar salmos, e aqueles que persistiam tinham sua língua cortada. O salmo 68 era a Marselhesa huguenote. [...] o cântico dos salmos contribuiu para moldar o caráter e a piedade reformada e sua influência dificilmente poderia ser superestimada. Os salmos eram as orações do povo na liturgia de Calvino. Por meio deles, os adoradores respondiam à Palavra de Deus e afirmavam sua confiança, gratidão e lealdade a ele. 162

### Um legado de Calvino

Não há dúvidas de que as Igrejas Reformadas que seguiram a teologia calvinista tenham também adotado a Salmodia Exclusiva pelos mesmos critérios de Calvino. Nenhuma composição humana poderia ocupar na devoção cristã o lugar exclusivo dos Salmos. A Salmodia Exclusiva é uma doutrina bíblica genuinamente calvinista. Conforme atesta Palisca, "as únicas produções musicais assinaláveis das igrejas calvinistas foram as coleções de salmos, traduções métricas rimadas do *Livro dos Salmos*". <sup>163</sup>

162 LEITH, A tradição reformada, p. 299,301.

<sup>161</sup> CALVINO, Salmos, vol. 1, p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>163</sup> GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. História da música ocidental. Lisboa: Gradiva 2007, p. 282.

Até mesmo James Miller, que defende o uso de canções não inspiradas no culto, reconhece que

durante grande parte da nossa história, particularmente na história presbiteriana escocesa, a igreja manteve a posição exclusiva da salmodia. [...] Os proponentes da salmodia exclusiva certamente têm a história e um impressionante testemunho reformado do lado deles. 164

A Reforma resgatou o canto congregacional, mas foi a Reforma calvinista que resgatou o verdadeiro conteúdo do canto. A Salmodia Exclusiva foi a prática das "Melhores Igrejas Reformadas" 165 durante muitos anos após a reforma. Como atesta Michael Bushell, "Por cerca de dois séculos e meio, as igrejas reformadas, em regra, cantaram nada além dos Salmos no culto". 166 Terry Johnson, ainda que aceite os hinos não inspirados, 167 percebe o incontestável testemunho da história do uso exclusivo da Salmodia. Ele atesta que "As igrejas reformadas e presbiterianas da América cantaram exclusivamente os Salmos por quase 200 anos, desde os Pais Peregrinos, até a Era Iacksoniana, assim como os Congregacionais e Batistas". Da mesma forma, as igrejas "anglicanas e episcopais celebraram uma história de 300 anos de uso exclusivo da salmodia".168

\_\_\_

<sup>&</sup>lt;sup>164</sup> MILLER, James. Singing Hymns in Reformed Worship, (Locais do Kindle 82-85). Covenant Presbyterian Press. Edição do Kindle.

 <sup>165</sup> Esta era a maneira que os puritanos se referiam as igrejas reformadas mais puras e ortodoxas (cf. MARQUES, Edson; MATOS, Alderi S. (Orient.). *O culto puritano*: modelo teológico e histórico do culto reformado. 2017. Monografia (Magister Divinitatis) – Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper / Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

<sup>&</sup>lt;sup>166</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 261.

<sup>&</sup>lt;sup>167</sup> JOHNSON, Terry L. Onde estão os Salmos? A história do cântico dos Salmos na Igreja Cristã. In: BEEKE, *Por que devemos cantar os salmos?*, p. 47.

<sup>168</sup> JOHNSON, Onde estão os Salmos? A história do cântico dos Salmos na Igreja Cristã, p. 56,57.

O hinólogo Edmond Keith, opositor da Salmodia Exclusiva, refere-se ao puritanismo como um "movimento do povo" e, entre este movimento e o surgimento do hino moderno houve "um interlúdio de quase duzentos e cinquenta anos". O interlúdio ao qual ele se refere foi "o tempo em que a única forma de canto congregacional na Inglaterra, Escócia e América era o canto dos salmos". 169 A Igreja na América iniciou-se com a forte marca da Salmodia Exclusiva como parte essencial da adoração e "até o final do século XVIII, o salmo era cantado exclusivamente nas igrejas e capelas da América". 170 "A Igreja Presbiteriana nas colônias era, por sua herança variada e sua própria prática, uma igreja que cantava salmos". 171 Mesmo os opositores da doutrina reconhecem a evidência histórica de que os primeiros americanos só cantavam os Salmos.

Embora Louis Benson não acredite que Calvino defendia a Salmodia Exclusiva, acertadamente observou:

O precedente calvinista se tornou o princípio calvinista; o Salmo métrico tornou-se a norma e regra de louvor em toda a Igreja Reformada, com exclusão virtual de todos os hinos da composição humana. [...] A escolha de Calvino dos Salmos canônicos e sua desconsideração dos hinos latinos da igreja estavam, é claro, de acordo com seus pontos de vista sobre a supremacia das Escrituras no culto e sua completa indiferença a tais armazenamentos litúrgicos que a igreja acumulava desde os tempos primitivos. Ele desejava voltar à simplicidade primitiva, e seu estabelecimento de canto congregacional repousava sobre sua convicção de que era um instituto apostólico do qual o povo fora injustamente privado; o hino latino

KEITH, Edmond D. *Hinódia cristã*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 72.
 BUSHELL, *Songs of Zion*, p. 289.

<sup>&</sup>lt;sup>171</sup> BENSON, The english hymn its development and use in worship, p 177.

era de fato o próprio instrumento pelo qual a privação havia sido efetuada. 172

Louis Benson ainda conclui sua análise do impacto da Salmodia entendendo que o princípio do *Sola Scriptura* de Calvino aplicado na adoração, tornou-se o princípio definitivo e suficiente para a Reforma Calvinista e para as gerações que as sucederam por dois séculos. Ele ainda oferece uma contundente afirmação:

O hino de composição humana, que havia conquistado um lugar tão restrito na liturgia da Igreja Latina, que havia se desenvolvido tão fenomenalmente na Reforma Alemã, agora está excluído do culto reformado. As canções inspiradas das Escrituras, substancialmente o Saltério do Antigo Testamento, fornecem o assunto exclusivo do louvor.<sup>173</sup>

Os Salmos nas versões metrificadas tornaram-se "o manual de todas as igrejas nacionais da fé reformada, de Varsóvia a Rochelle e de Genebra a Edimburgo, e através da influência puritana eles alcançaram o mesmo uso na Igreja Anglicana. [...] o ramo reformado do protestantismo se apegava firmemente aos Salmos". <sup>174</sup> Como resume Michael Bushell,

Nossa herança calvinista, então, é uma herança que canta salmos, e nossas igrejas reformadas, na medida em que escolheram abandonar essa herança, não são mais calvinistas em sua adoração. [...] Ninguém afirma que os preceitos de Calvino na música da igreja estão certos apenas porque ele diz que estão certos. Mas aqueles que se consideram reformados e têm respeito pela Fé Reformada têm o dever de reconsiderar

<sup>174</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 9,10.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>172</sup> BENSON, John Calvin and the psalmody of the reformed churches, p. 76.

<sup>&</sup>lt;sup>173</sup> Idem., *The hymnody of the Christian Church*. Richmond: John Knox Press, 1956, p. 87.

sua própria prática à luz do padrão estabelecido para nós por João Calvino.<sup>175</sup>

#### Conclusão

A resposta a nossa pergunta inicial "Calvino defendeu a Salmodia Exclusiva?" é óbvia. Calvino propôs o cântico de Salmos para a igreja em Genebra. A despeito dos inúmeros hinos e hinários existentes, tanto na Basiléia como em Estrasburgo e em outros lugares, ele reuniu todo seu esforço na metrificação dos Salmos de Davi. Durante todo tempo de seu pastoreio na igreja de Genebra (23 anos) até o dia de sua morte, ele não inseriu nenhum hino (o Credo e Oração do Senhor foram retirados; os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão - que estava no Saltério - foram inseridos tardiamente na liturgia pelo Conselho). Tudo que encontramos em seus escritos e em sua prática na igreja de Genebra demonstra claramente que os Salmos de Davi eram o material exclusivo para o culto cristão. Qualquer outra conclusão, diante de todas as evidências e a menos que se apresentem evidências em contrário, não passa de obstinada teimosia.

<sup>&</sup>lt;sup>175</sup> BUSHELL, *Songs of Zion*, p. 267, 274.

# Capítulo 3 – Calvino e os hinos anexos ao Saltério

No capítulo anterior foram apresentadas algumas evidências de que Calvino, em seu pensamento e prática litúrgicos, adotou a Salmodia Exclusiva. Contudo, há um ponto que ainda merece uma consideração. É que, além dos Salmos de Davi, quatro hinos foram anexados em edições do Saltério: os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor, o Credo Apostólico e o Cântico de Simeão. E alguns tomam este fato como uma evidência de que o reformador de Genebra teria adotado a Salmodia Inclusiva, a fim de usá-lo como precedente e justificativa para a inclusão das mais diversas composições humanas no culto.

Neste capítulo, pretendo trazer algumas evidências que nos permitem sustentar a tese de que a manutenção destes hinos junto ao Saltério servia ao propósito catequético do programa de reforma de Calvino em Genebra e não representa qualquer problema para a doutrina bíblica da Salmodia Exclusiva.

## Os hinos que Calvino manteve no Saltério.

Em 1537, Calvino e Farel apresentaram ao Conselho de Genebra seu programa de Reforma, o qual não foi aceito, e os reformadores foram expulsos da cidade. Calvino refugiou-se em Estrasburgo e, a convite de Martin Bucer, pastoreou uma igreja de refugiados franceses. Em 1539, ele publicou a primeira edição do Saltério para servir a igreja que pastoreava. Este Saltério, que recebeu o título

de Aulcuns pseaulmes et cantique mys em chant, continha 19 salmos metrificados, os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico e o Cântico de Simeão.

Após seu retorno à Genebra, Calvino publicou, em 1542, a segunda edição do Saltério (que seria a primeira de Genebra), agora contendo 35 salmos, e além dos Dez Mandamentos, do Credo Apostólico e do Cântico de Simeão, foi inserida a Oração do Senhor.

No ano seguinte, Calvino publicou a segunda edição de Genebra que já contava com 49 salmos, contudo, somente foram anexados os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão; foram retirados o Credo Apostólico e a Oração do Senhor. <sup>176</sup> Nesta edição também foi anexado um Prefácio de Calvino, no qual ele demonstra a razão de sua adesão à Salmodia nas seguintes palavras:

Mas o que o Santo Agostinho diz é verdade: ninguém pode cantar coisas dignas de Deus, senão aquele que as tenha recebido do próprio Deus. Porque, ao procurarmos por toda parte, buscando aqui e acolá, não encontraremos melhores cânticos, nem mais adequados a esse propósito, do que os Salmos de Davi, os quais o Espírito Santo lhe ditou e fez.<sup>177</sup>

Em todas as edições posteriores, Calvino não acrescentou qualquer hino, e somente estes dois (os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão) permaneceram junto ao

<sup>&</sup>lt;sup>176</sup> Até o tempo de Calvino tanto católicos como protestantes acreditavam que o Credo ou fora composto pelos apóstolos ou sob a autoridade deles. Calvino disse: "a mim, não vejo dúvida alguma que já desde os próprios primórdios da Igreja, com efeito, desde o próprio século dos apóstolos, tenha sido consagrado como uma confissão pública e recebido pelos sufrágios de todos, de onde quer que, afinal, tenha ele provindo de início. Nem é provável tenha sido escrito por qualquer um em particular, uma vez ser evidente que desde a mais remota lembrança foi ele de sacrossanta autoridade entre todos os piedosos" (CALVINO, *As institutas*, II.XVI.18).

<sup>&</sup>lt;sup>177</sup> FONTES; ALMEIDA, *A igreja local e a música no culto*, p. 252.

Saltério de Genebra até sua edição completa com os 150 salmos, publicada em 1562 por Theodoro de Beza.<sup>178</sup>

# O uso destes hinos na liturgia da Igreja de Genebra

A liturgia da igreja de Genebra não continha hinos, mas somente Salmos. Juntamente com sua primeira edição do Saltério de Genebra, Calvino também publicou uma liturgia ou ordem de culto, chamada de *Forma de Orações e Cânticos Eclesiásticos*. <sup>179</sup> Esta liturgia sofreu algumas revisões nos anos posteriores, contudo, sua estrutura se manteve a mesma até alguns anos após a morte de Calvino: <sup>180</sup>

17

<sup>178</sup> Cf. PIDOUX, Pierre. "History of the Genevan Psalter". In: *Reformed Music Journal*, Volume 1, №. 1,2,3, Jan-April-July, 1989. Disponível em: <a href="https://spin-dleworks.com/library/Pidoux/History\_Genevan\_Psalter.html">https://spin-dleworks.com/library/Pidoux/History\_Genevan\_Psalter.html</a>>. Acesso em 24 mai. 2024; WITVLIET, John D. "The spirituality of the Psalter: metrical psalms in liturgy and life in Calvin's Geneva". In: *Calvin Theological Journal*, 32, 1997, p. 276; BEEKE, *A espiritualidade reformada*, p. 46; COSTA, *Princípios bíblicos de adoração cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 183; SILVA, Jouberto Heringer da. A música na liturgia de Calvino em Genebra. *Fides Reformata* 7/2 (2002), p. 5,11; CARDOSO, Dário de Araújo. *A influência do saltério de Genebra na solidificação da fé reformada*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011, p. 63.

<sup>&</sup>lt;sup>179</sup> O título original é *La Forme dès Prieres et Chantz Ecclesiastiques avec La Maniere d'administrer lès Sacraments et Consacrer Le Mariage, selon La Coustume de l'Eglise Ancienne* 

<sup>&</sup>lt;sup>180</sup> THOMPSON, Bard. Liturgies of the Western Church. Meridian Books, The World Publishing Company, Cleveland, Ohio, 1980, p. 204-208; GIBSON, Jonathan; EARN-GAY, Mark. Reformation Worship: Liturgies from the past and the present. Greensboro, NC: New Growth Press, 2018, p. 306; Christian Grosse afirma que A Forma de Orações e Cânticos Eclesiásticos de Genebra de 1542 sofreu algumas alterações nas edições posteriores, nas quais Calvino procedeu a adaptação de textos litúrgicos. Contudo, após 1552, "sofreu uma espécie de canonização". Grosse diz que "Colocada nas mãos de todos os fiéis capazes de ler desde o momento em que foi massivamente distribuída com o saltério de 1562, ao qual foi sistematicamente integrada, conheceu, até finais do século XVII, apenas variantes muito pontuais" (GROSSE, Christian. "Liturgia reformata semper reformanda. La dissolution de la tradition liturgique calviniste au XIXe siècle". In: Bulletin de La Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève, 40, 2010, p. 69).

#### LITURGIA DA PALAVRA LITURGIA DA CEIA

Sentença da Escritura (Sl	Sentença da Escritura (Sl	
124.8)	124.8)	
Exortação	Exortação	
Confissão	Confissão	
Oração por Perdão	Oração por Perdão	
Cântico do Salmo	Cântico do Salmo	
Oração para Iluminação	Oração para Iluminação	
Leitura da Escritura	Leitura da Escritura	
Sermão	Sermão	
Intercessões	Intercessões	
Paráfrase da Oração do Se-	Paráfrase da Oração do	
nhor	Senhor	
Benção	Oração de Preparação	
	Credo Apostólico	
	Palavras de Instituição	
	Longa Exortação	
	Distribuição dos elemen-	
	tos	
	Cântico do Salmo ou lei-	
	tura da Escritura	
	Oração de Ação de Gra-	
	ças	
	Benção	

No mesmo ano em que Calvino publicou sua ordem de culto, Pierre Brully, sucessor de Calvino na igreja em Estrasburgo, supervisionou a publicação de uma edição da liturgia sob o título *La Manyère*. Esta edição difere da ordem de culto de Genebra porque, entre outras coisas, "o Decálogo é cantado em duas partes e o Credo dos

Apóstolos é musicado". <sup>181</sup> Também em Estrasburgo, em 1545, Jean Garnier publicou uma adaptação da liturgia de Genebra, inserindo acréscimos, provavelmente de sua autoria, dentre eles a inclusão do *Kyrie Eleison* entre as estrofes dos Dez Mandamentos. <sup>182</sup> Estas modificações das liturgias de Estrasburgo não se aplicavam à liturgia em Genebra.

Na Liturgia de Genebra, após a confissão e oração de perdão, se cantava Salmos. Somente na liturgia de Estrasburgo se exigia o cântico dos Dez Mandamentos. Na liturgia de Genebra não tinha a absolvição, nem os Dez Mandamentos, muito menos o Kyrie. 183 Na celebração da Ceia em Estrasburgo, após a confissão e antes da Ceia se cantava o Credo Apostólico. 184 Em Genebra, contudo, se cantava Salmos apenas. 185 Na estrutura da liturgia de Calvino, a "Ceia do Senhor deve ser administrada após o sermão, e os salmos devem ser cantados ou as Escrituras devem ser lidas durante a própria celebração". 186 Na liturgia de Estrasburgo se cantava o Cântico de Simeão após a distribuição dos elementos da Ceia, mas somente em Estrasburgo. 187 Em Genebra, por outro lado, cantava-se

<sup>&</sup>lt;sup>181</sup> GREEF, Wulfert de. *The writings of John Calvin*: an introductory guide. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1993, p. 129.

<sup>&</sup>lt;sup>182</sup> Calvini opera, VI, p. XVI,XIX,222.

<sup>&</sup>lt;sup>183</sup> Ibid., VI, p. 174; GREEF, The writings of John Calvin, p. 129; SELDERHUIS, Herman J. The Calvin Handbook, trans. Henry J. Baron, Judith J. Guder, Randi H. Lundell, and Gerrit W. Sheeres. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 410; THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 198; DUEN, Clément Marot et le Psautier Huguenot, p. 314.

<sup>&</sup>lt;sup>184</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 165.

<sup>&</sup>lt;sup>185</sup> Ibid. p. 204.

 <sup>&</sup>lt;sup>186</sup> GREEF, The writings of John Calvin, p. 127; SELDERHUIS, The Calvin Handbook, p. 415.
 <sup>187</sup> THOMPSON, Liturgies of the Western Church, p. 178,208; SELDERHUIS, The Calvin Handbook, p. 411.

um Salmo ou era lida uma passagem da Escritura adequada ao significado do Sacramento.<sup>188</sup>

Numa edição do Saltério de 1549, ainda com 50 Salmos, foi anexada uma tabela contendo a ordem em que os salmos deveriam ser cantados na Igreja de Genebra, no domingo de manhã e à noite e nas quartas-feiras. Pierre Pidoux diz que a tabela foi anexada neste exemplar,

mas com papel e tipografia diferente do restante da obra e não se pode dizer que esta foi uma adição feita regularmente a todas as edições dos Saltérios de 1549 vendidos em Genebra ou se foi o proprietário desta edição que o anexou. 189

Uma nova tabela apareceu anexa aos 83 Salmos de Beza e Marot em 1553 e, geralmente era encontrada anexa às edições de 1562, quando o Saltério já estava em sua edição completa. Pela tabela de 1562 se percebe que todos os 150 Salmos eram cantados ao longo de um semestre (25 semanas). De acordo com Pierre Pidoux, essas tabelas, que tinham função litúrgica, traziam a seguinte orientação:

No dia em que celebramos a Santa Ceia de nosso Senhor Jesus Cristo segundo sua ordenança, depois dela cantamos em ação de graças o cântico de Simeão [...] Neste mesmo dia da Ceia do Senhor, cantam-se comumente os Mandamentos de Deus, em vez do Salmo, que deve ser cantado segundo a ordem da presente tabela. 190

<sup>190</sup> PIDOUX, *Le Psautier Huguenot*, p. 134; Cf. Table pour trouver les pseaumes selon l'ordre qu'on les chante en l'Eglise de Geneve, tant le dimanche au matin et soir, que le mercredi jour des prie [...]. [Genève]: Jean Girard, [1549]. Musée historique de la Réformation, Genève, O6e (549) (2), Disponível em: <a href="https://doi.org/10.3931/e-rara-12767">https://doi.org/10.3931/e-rara-12767</a>>. Acesso em 24 mai. 2024.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>188</sup> Calvini opera, VI, p. 200. Pierre Pidoux apresenta tabelas do cântico mensal dos Salmos em Genebra, onde diz que na Celebração da Ceia era cantado os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão (cf. PIDOUX, *Le Psautier Huguenot*, Vol. II, p. 134).

Essas tabelas, que foram sugeridas pelo músico Louis Bourgeois (1510-1559) e não por Calvino, foram aceitas e aprovadas pelo Conselho de Genebra e, portanto, é razoável entender que o Cântico de Simeão e Os Dez Mandamentos (sem o Kyrie) provavelmente eram cantados no culto da Ceia, que ocorria apenas quatro vezes ao ano. Contudo, é também o próprio Pierre Pidoux que nos informa que mudanças nesta liturgia com respeito ao cântico dos Salmos somente ocorreram no final do século XVI. Em 15 de junho de 1594, o Sínodo Nacional de Montauban solicitou a Beza que traduzisse para a rima francesa os "Cânticos da Bíblia" para cantá-los na igreja com os Salmos. 191 Somente no Sínodo de Montpellier, em 26 de maio de 1598, a questão foi decidida da seguinte forma:

> A Assembleia, depois de ter lido as Cartas da Igreja de Genebra, e ponderado as razões que contêm, e as ofertas que a referida Igreja faz a esta Assembleia, declara que não se fará nenhuma mudança na Liturgia das nossas Igrejas no canto dos Salmos, nem no Formulário dos nossos Catecismos. E quanto aos "Cânticos da Bíblia" que foram versificados pelo Sr. Beza a pedido de muitos Sínodos, poderão ser cantados nas famílias para treinar o povo e preparar para utilizá-los publicamente em nossas Igrejas; mas esta Portaria só terá lugar até o próximo Sínodo Nacional. 192

Deve-se, contudo, observar que os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão (que permaneceram no Saltério de Genebra de 1542 até à edição final de 1562) não aparecem em momento algum na Liturgia da Ceia de Calvino na igreja de Genebra, inclusive na publicação de

<sup>192</sup> Ibid., p. 169.

<sup>&</sup>lt;sup>191</sup> PIDOUX, Le Psalter Huguenot, vol. II, p. 167.

1566, conforme quadro acima. Por outro lado, o Credo Apostólico e a Paráfrase da Oração do Senhor constavam na Liturgia de Genebra de 1542-1566 para serem recitados, não cantados (o texto da Oração do Senhor, por exemplo, apareceu na liturgia em sua forma original nas edições de 1558, 1562, 1563, 1566). 193 Contudo, estes dois hinos (Credo Apostólico e Oração do Senhor) já haviam sido definitivamente retirados do Saltério desde 1543. Isto significa que, por cerca de 23 anos em que pastoreou a igreja em Genebra até sua morte em 1564, Calvino retirou hinos inspirados de seu Saltério (a Oração do Senhor e o Credo Apostólico, o qual considerava que pudessem ter sido escritos pelos apóstolos) e não acrescentou qualquer hino à sua liturgia, a despeito do número cada vez mais crescente deles na época.

Resumindo, o Credo Apostólico e a Oração do Senhor eram recitados na liturgia de Genebra, sendo que as metrificações do Credo Apostólico e da Oração do Senhor que haviam sido inseridas no Saltério em 1542, não foram mais inseridas nele nas edições posteriores. A metrificação dos Dez Mandamentos e do Cântico de Simeão permaneceram nas edições do Saltério, mas foi somente após 1549 (mais provavelmente em 1562) que, a pedido do músico Louis Bourgeois, o Conselho autorizou cantá-los no culto de Ceia, que acontecia apenas quatro vezes ao ano.

A questão que precisa ser respondida é: Se Calvino defendeu a Salmodia Exclusiva, por que ele anexou estes hinos ao Saltério? Ele nunca manifestou suas razões, porém elas podem ser inferidas do contexto. Apresentarei a seguir alguns dados que demonstram que esta exceção de Calvino não significou uma abertura para a inclusão de outros hinos no culto, mas serviu especificamente ao

<sup>&</sup>lt;sup>193</sup> Calvini opera, VI, p. 184.

propósito de catequização, não afetando em nada sua adesão à exclusividade do cântico dos Salmos de Davi no culto.

#### O ensino catequético de Calvino

No tempo da Reforma, tanto católicos quanto protestantes tinham grande interesse na instrução de crianças e jovens, entendendo que uma sociedade cristã piedosa se constrói a partir de uma adequada educação deles. Isto não foi diferente em Genebra no século XVI. O Consistório de Genebra se esforçava para que cada cidadão soubesse, pelo menos, "recitar a Oração do Senhor e o Credo dos Apóstolos".<sup>194</sup>

Durante a Idade Média, e mesmo durante a Reforma Protestante, os catecismos eram construídos a partir de três pilares: As doutrinas que o homem deve crer acerca de Deus (resumidas no Credo Apostólico), os deveres que Deus requer do homem (resumidos nos Dez Mandamentos) e o culto que lhe deve ser prestado (condensado na Oração do Senhor e nos Sacramentos). Porém, no romper da Reforma, o que se observava é que havia uma ignorância generalizada sobre estes tópicos. Lutero afirmou que encontrou uma condição "deplorável e miserável" nas paróquias que ele visitou na Saxônia, sendo essa a principal razão para a elaboração de seu Catecismo Menor em 1529. Ele diz que

A cena era muito miserável: o homem simples, especialmente nas vilas, não tem conhecimento algum da doutrina cristã, aliás, infelizmente muitos pastores são muito incapazes e incompetentes para ensinar. Ainda assim, todos são chamados

<sup>&</sup>lt;sup>194</sup> WATT, Jeffrey R. *The Consistory and social discipline in Calvin's Geneva*. Rochester, N.Y.: Boydell & Brewer, University of Rochester Press, 2020, p. 69.

de cristãos, foram batizados e receberam o santo sacramento, embora não conheçam o Pai-Nosso, o Credo nem os Dez Mandamentos e vivam como o pobre gado e os porcos irracionais". 195

Lutero desejava que aos jovens fossem ensinados os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico e a Oração do Senhor para que pudessem "recitá-los e memoriza-los". 196 Quem não estivesse disposto a aprendê-los não seria considerado cristão e não poderia participar do sacramento, podendo até mesmo ser banido de sua vila. 197 O Catecismo de Lutero se destinava a instrução particular e familiar e se tornou o mais influente catecismo de sua época. 198 Os elementos da estrutura dele tornaram-se os "elementos-padrão" dos catecismos protestantes posteriores. 199

Dentro do contexto luterano, os catecismos eram usados na igreja, sobretudo, nas classes, para instrução de crianças. Segundo D. F. Wright, "Eram transformados em cartilhas, diálogos, hinos e quadros a serem usados com as crianças". <sup>200</sup> D. F. Wright também diz que

Desde cerca de 1530, um catecismo para jovens era considerado uma marca saliente do rompimento entre o movimento da Reforma e o passado, e era regularmente uma das primeiras inovações dos estados e das cidades reformadas. Tudo isto pode ser observado na reforma em Genebra.<sup>201</sup>

<sup>195</sup> LUTERO, Martinho. Martinho Lutero: uma coletânea de escritos. São Paulo Vida Nova, 2017, p. 251.

<sup>197</sup> Ibid., p. 252-253.

<sup>&</sup>lt;sup>196</sup> Ibid., p. 252.

<sup>&</sup>lt;sup>198</sup> ELWELL, Walter (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã* (EHTIC), vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 249.

<sup>199</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>200</sup> Ibid., p. 250.

<sup>201</sup> Ibid., loc. cit.

Para Calvino, o saudável progresso da Igreja dependia vitalmente de uma adequada instrução cristã das crianças e jovens. Escrevendo ao duque Somerset sobre esta vital tarefa, Calvino diz:

A igreja de Deus nunca se preservará sem um Catecismo, pois é como a semente para evitar que o bom grão morra e faça com que ele se multiplique de geração em geração [...] pode mostrar-lhes brevemente, e em nível de linguagem para sua tenra idade, em que consiste o verdadeiro cristianismo.<sup>202</sup>

O trabalho catequético de Calvino teve início com sua primeira edição das Institutas, publicada em 1536. O objetivo inicial de Calvino com esta publicação era que a obra servisse de "catecismo evangélico para a educação e reforma das igrejas". 203 Sua estrutura tinha evidente semelhança com a estrutura de outros catecismos da época<sup>204</sup> e seu propósito básico era catequético.<sup>205</sup> Como observou Alister McGrath, "É evidente que a primeira edição das Institutas foi inspirada na obra de Lutero, O Catecismo Menor, de 1529". 206 De acordo com Carter Lindberg, "a forma catequética da obra não é acidental", uma vez que Calvino estava familiarizado com o "Pequeno Catecismo de Lutero". Lindberg ainda nos informa que no tempo de Calvino, institutio era sinônimo e catechismus. A edição de 1536 era análoga ao catecismo de Lutero, e consistia de "seis capítulos sobre lei, credo, oração do Pai Nosso, sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, argumentos contra sacramentos católicos ainda praticados e uma

<sup>&</sup>lt;sup>202</sup> Apud SELDERHUIS, *The Calvin handbook*, p, 206.

<sup>&</sup>lt;sup>203</sup> LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 286.

<sup>&</sup>lt;sup>204</sup> SELDERHUIS, *The Calvin Handbook*, p. 201, 208.

 $<sup>^{205}</sup>$  GEORGE, Timothy. Teologia~dos~reformadores. 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 209.

<sup>&</sup>lt;sup>206</sup> MCGRATH, Alister. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 161.

discussão sobre liberdade cristã".<sup>207</sup> Segundo Wulfert de Greef,

Formalmente, as Institutas assemelham-se a um catecismo. Calvino segue o *Der kleine Catechismus* de Lutero de 1529 no design do livro, particularmente na sequência dos primeiros quatro capítulos. Nesses capítulos, Calvino dá, como de fato era costume na Idade Média, uma explicação da lei, do Credo Apostólico, da Oração do Senhor e dos sacramentos.<sup>208</sup>

Como observa W. Walker, na edição das Institutas de 1536, "Calvino segue a velha ordem de instrução religiosa popular que já havia servido a Lutero em seu Catecismo Menor de 1529. A ordem adotada é a dos ensinos elementares que, por séculos, toda criança cristã deveria aprender de cor". <sup>209</sup>

Em 1536, Calvino e Farel apresentaram às autoridades de Genebra uma Confissão destinada à instrução na fé de crianças. Em 1538 uma Instrução da Fé foi traduzida para o Latim como Instituição da Religião Cristã da Igreja de Genebra. Em 1542, ao retornar a Genebra, publicou o Catecismo da Igreja de Genebra em perguntas e respostas, que era uma instrução na fé para crianças constituída basicamente da explicação do Credo Apostólico, dos Dez Mandamentos, da Oração do Senhor e dos Sacramentos.<sup>210</sup>

Calvino estava convencido de que "a melhor maneira de instruir as crianças é expor de forma clara, breve e simples os temas centrais da doutrina piedosa, segundo

<sup>&</sup>lt;sup>207</sup> LINDBERG, História da Reforma, p. 286.

<sup>&</sup>lt;sup>208</sup> GREEF, The writings of John Calvin, p. 197.

<sup>&</sup>lt;sup>209</sup> WALKER, Williston. *John Calvin* – The organiser of Reformed Protestantism 1509-1564. G. P. Putnam's Sons. New York and London. The Knickerbocher Press, 1906, p. 136,137.

<sup>&</sup>lt;sup>210</sup> GROSSE, "Liturgia reformata semper reformanda", p. 67.

a ordem da lei, do credo, da oração e dos sacramentos". <sup>211</sup> A expectativa era que "os pais fossem os primeiros professores de seus filhos, usando os tópicos do Catecismo para instruí-los". <sup>212</sup> Cabia aos pastores interrogar e examinar as crianças sobre seus conhecimentos destes tópicos e auxiliá-los nos pontos em que ainda não tinham clareza. Randall C. Zachman reforça que o

Catecismo segue um método de ensino *loci communes*, no qual os rudimentos da doutrina piedosa são apresentados de acordo com tópicos distintos, ordenados em uma série coerente, centrada em breves exposições da lei, do Credo, da Oração do Senhor e dos sacramentos.<sup>213</sup>

#### Ele ainda diz que

a resposta quádrupla da criança – que se deve confiar em Deus, obedecê-lo, invocá-lo e reconhecê-lo como a fonte de todas as coisas boas – fornece a estrutura teológica para entender os quatro componentes principais do catecismo: o Credo (confiar), a lei (obedecer), a Oração do Senhor (invocar) e os sacramentos (reconhecer).<sup>214</sup>

Nos Artigos de 1537 concernentes à organização da Igreja e do culto de Genebra, Calvino já havia manifestado sua preocupação com a catequização das crianças,

que sem dúvida devem fazer uma confissão de sua fé na igreja. Para este propósito, nos tempos antigos, um catecismo definido era usado para iniciar cada um nos fundamentos da religião cristã; e esta pode ser uma fórmula de testemunho, que cada um poderia usar para declarar o seu cristianismo. As

<sup>213</sup> Ibid., p. 136.

<sup>&</sup>lt;sup>211</sup> ZACHMAN, Randall C., *John Calvin as teacher, pastor and theologian*: the shape of his writings and thought. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006, p. 135.

<sup>&</sup>lt;sup>212</sup> Ibid., p. 135.

<sup>&</sup>lt;sup>214</sup> Ibid., p. 141.

crianças eram ensinadas individualmente a partir deste catecismo e tinham que testemunhar a fé deles diante da igreja, os quais não puderam fazer testemunho no seu batismo. Pois, vemos que a Escritura sempre uniu a confissão com a fé; e nos disse que, se realmente cremos com o coração, é certo que devemos, também, confessar com a boca essa salvação que cremos. Mas, se esta ordenança foi adequada e apropriada, ela é mais do que nunca necessária agora, em vista da negligência da Palavra de Deus que percebemos na maioria das pessoas e do desprezo dos pais em instruir os seus filhos no caminho de Deus, a partir do qual se vê uma perceptível grosseria e grande ignorância que é totalmente intolerável na igreja de Deus. A ordem que aconselhamos aqui é que haja um breve e simples resumo da fé cristã, e que seja ensinado a todas as crianças, e assim, em certas épocas do ano, eles se aproximem dos ministros para serem interrogados e examinados e receberem as explicações mais amplas, de acordo com a necessidade e a capacidade de cada um deles, até que provem serem suficientemente instruídos. Mas, pode ser do seu agrado ordenar aos pais que se esforcem e sejam diligentes para que seus filhos aprendam esse resumo e que se apresentam diante dos ministros no tempo designado.<sup>215</sup>

#### Segundo Jean Francesco A. L. Gomes,

Por meio da catequese, os pastores genebrinos queriam garantir que todas as crianças da comunidade pudessem repetir de memória um conjunto de resumos básicos da fé: o Credo Apostólico, os Dez Mandamentos, e a Oração do Senhor.<sup>216</sup>

Mas os pais também tinham a responsabilidade de instruir os filhos, o que exigia da família momentos reservados à devoção, nos quais o catecismo era lido, ensinado e memorizado, além da leitura da Escritura e de orações.

21

<sup>&</sup>lt;sup>215</sup> Calvini opera, X, p. 12-13.

<sup>&</sup>lt;sup>216</sup> GOMES, Jean Francesco A. L. Reforming the church, home and school. In: *Fides Reformata*, XXIV, n° 1, (2019): 87-108, p. 96.

Deve-se destacar ainda o papel fundamental da escola nesta instrução. Na Academia de Genebra, todos os dias, de maneira alternada, três alunos deveriam recitar o Credo Apostólico, os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor. Wulfert de Greef diz que

Aos sábados, os alunos passavam um período revisando o que lhes era ensinado e estudando o material do catecismo para o domingo seguinte. Cada dia de instrução começava com a oração incluída no catecismo especialmente para a escola. A oração e o canto de salmos tinham um lugar fixo no horário de ensino. O aluno também aprendia a recitar o Pai Nosso, o Credo Apostólico e os Dez Mandamentos.<sup>217</sup>

O Catecismo era estudado no colégio durante a semana e, nos domingos à tarde, havia nas igrejas uma instrução teológica no catecismo promovida pelos pastores. Os jovens deveriam memorizar algumas perguntas, devendo ser preparados para o exame da profissão de fé, a fim de que fossem admitidos à comunhão da Ceia. Jeffrey R. Watt esclarece que

Em Genebra, crianças e adultos eram obrigados a conhecer o básico do catecismo antes de poderem comungar. Não havia idade fixa em Genebra para iniciar o catecismo, assim como não havia idade mínima fixa para comungar; para participar da Ceia, as crianças tinham que atingir a "idade da discrição", que geralmente se entendia por volta dos dez anos. Os que frequentam o catecismo podem ter apenas cinco ou seis anos, mas podem ter dez, doze ou até mais. As aulas catequéticas eram realizadas em todas as três igrejas, aos domingos, ao meio-dia, e essas sessões eram, na verdade, tanto um serviço religioso quanto uma aula em si. Tinha uma liturgia própria, pela qual os catecúmenos aprendiam, às vezes cantando, os Dez Mandamentos, as orações, o Credo dos Apóstolos e

<sup>&</sup>lt;sup>217</sup> GREEF, The Writings of John Calvin, p. 54.

assim por diante. O catecismo em Genebra e em outros lugares ainda dependia da memorização de respostas a perguntas específicas, e o envolvimento ativo dos pastores assegurava que os jovens fossem expostos às crenças e práticas religiosas desejadas. Pode-se argumentar com razão que a forte ênfase de Calvino no catecismo na verdade significava que a responsabilidade da educação religiosa dos jovens estava mudando da casa para a igreja.<sup>218</sup> (grifo meu)

Nas Ordenanças Eclesiásticas de 1561, Calvino trata da ordem a ser obedecida quanto às crianças pequenas. Os pais deveriam levar seus filhos, aos domingos, ao meio-dia, para serem instruídos no estudo do catecismo, a fim de entendê-lo e memorizá-lo. Quando já estivessem suficientemente instruídos, estariam prontos para fazerem sua pública profissão de fé e serem admitidos à Ceia do Senhor.<sup>219</sup> Segundo Greef,

Em 1551, o livreto *L'ABC françois* apareceu em Genebra. Este livrinho destinava-se a ser utilizado na escola para a catequese dos mais novos, que aprenderiam não só o alfabeto, mas também o Pai Nosso, o Credo Apostólico e os Dez Mandamentos. [...] Além disso, o livreto contém uma breve explicação de Calvino sobre o que as crianças que desejam participar da ceia do Senhor precisam saber: um grande número de versículos bíblicos, bem como vinte e uma perguntas e respostas que Calvino elaborou com vista à participação na comunhão.<sup>220</sup>

Percebe-se, portanto, que a metrificação destes quatro hinos e sua eventual inclusão em edições do Saltério, tem uma conexão direta e imediata com a

<sup>&</sup>lt;sup>218</sup> WATT, The Consistory and social discipline in Calvin's Geneva, p. 78.

<sup>&</sup>lt;sup>219</sup> *Documentos da tradição das igrejas reformadas*: segundo a forma de governo e a doutrina dos ofícios da Igreja de Genebra, do Sínodo de Dordt e da Assembleia de Westmisnter. Tradução, introduções e notas por Ewerton B. Tokashiki. Eusébio: Editora Peregrino, 2020, p. 78.

<sup>&</sup>lt;sup>220</sup> GREEF, *The writings of John Calvin*, p. 133.

catequização dos cristãos da igreja em Genebra. Como meio de auxiliá-los na obrigação de conhecer, entender, memorizar e recitar os tópicos básicos exigidos no testemunho individual da fé cristã, é que a utilização destes hinos deve ser entendida.

#### A conexão da catequese com a liturgia

Segundo John D. Witvliet, desde antes da Reforma houve uma interação entre catequese e liturgia, com o objetivo de ensinar leigos a Oração do Senhor, o Credo Apostólico e os Dez Mandamentos. Ele constata que os reformadores "perseguiram essa interação com intensidade, forjando uma cultura imersiva de participação litúrgica interligada e formação catequética". <sup>221</sup> Em sua visão, esta interação era uma característica proeminente entre os reformados no século XVI e, mesmo em Genebra, onde a Salmodia era a "prática dominante", "os vínculos catequéticos com a música litúrgica ainda eram fortes". 222 Ainda segundo Witvliet, os Dez Mandamentos e o Credo, "correspondem à seções-chave de catecismos emergentes e podem ter sido cantados em conjunto com a instrução catequética". 223 (grifo meu). Robert Kingdon também ressalta que a classe de catecúmenos era o lugar ideal para combinar a instrução no conteúdo destes documentos com o cântico deles. 224 Para Witvliet, "Cantar o Decálogo ressoou com muitos outros usos do texto em Genebra, reforçando a

\_

<sup>&</sup>lt;sup>221</sup> WITVLIET, John D. The interplay of catechesis and liturgy in the sixteenth century - Examples from the Lutheran and Reformed Traditions. In: MCNUTT, Jennifer P.; LAUBER, David. *The people's book*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2017, p. 93,94.

<sup>&</sup>lt;sup>222</sup> Ibid., p. 102.

<sup>&</sup>lt;sup>223</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>224</sup> KINGDON, Robert M., "Use of the Psalter in Calvin's Geneva," in *Der Genfer Psalter und seine Rezeption* (Tübingen: Niemeyer, 2004), 27.

interação entre liturgia e vida, aprendizado e adoração". <sup>225</sup> O objetivo da metrificação dos Dez Mandamentos era claramente catequético. Segundo Robert Weeda, "Os Dez Mandamentos distinguem-se por um belo design pedagógico": a primeira estrofe anunciava "Ouçamos a Lei", seguida por dez estrofes, uma para cada mandamento, e uma décima segunda estrofe com a conclusão. <sup>226</sup>

Quanto à Oração do Senhor, Witvliet diz:

Certamente houve muitos usos da oração em Genebra para ajudar os genebrinos a aprendê-la. A oração era recitada nas escolas e na abertura das reuniões do consistório, explicada nas sessões de categuese e recomendada para uso doméstico. Todas as semanas, na liturgia, os fiéis de Genebra encontravam a Oração do Senhor duas vezes: logo antes do sermão no final da oração pela iluminação e logo após o sermão na paráfrase de Calvino. A Oração do Senhor teceu de maneira bastante penetrante tanto na liturgia quanto na vida. Foi tão difundida que sua frequência chegou a preocupar Calvino. Em 1549, Calvino respondeu a um pedido dos magistrados para que o Pai Nosso fosse recitado com mais frequência, dizendo que já era recitado duas vezes na liturgia, mais um tempo adicional nos serviços de catequese. Calvino ficou preocupado que as pessoas tratassem a oração de maneira supersticiosa, o que de fato se tornou um problema em várias outras cidades e vilas.<sup>227</sup> (grifo meu)

Na Liturgia de Genebra, após as intercessões, se fazia a Oração do Senhor na paráfrase de Calvino, "um texto que guarda alguma semelhança com as porções dos catecismos do século XVI dedicados à exposição da

<sup>&</sup>lt;sup>225</sup> WITVLIET, The interplay of catechesis and liturgy in the sixteenth century, p. 105. <sup>226</sup> WEEDA, Robert, "Calvin and the Church Music in Strasbourg". In: Matthieu Arnold (Org.), *John Calvin – The Strasbourg Years* (1538-1541). Eugene: Wipf & Stock, 2016, p. 50-60, p. 55.

<sup>&</sup>lt;sup>227</sup> WEEDA, "Calvin and the Church Music in Strasbourg", p. 106.

Oração do Senhor", <sup>228</sup> e que apareceu em sua forma original na liturgia nas edições de 1558, 1562, 1563, 1566. <sup>229</sup> Como descreve Gregg R. Alisson, "Então, se <u>repetia</u> uma paráfrase da oração do Senhor, seguido pela congregação <u>recitando</u> o Credo Apostólico". <sup>230</sup> (grifo meu)

Os autores John D. Witvliet e Nathan Bierma, especialistas no estudo de João Calvino, afirmam que, na liturgia de Calvino, "Os adoradores se levantavam para a oração pública, recitando, em francês e não em latim, a Oração do Senhor e o Credo Apostólico". 231 (grifo meu). Ainda com respeito a função catequética destas recitações no culto, estes especialistas dizem que "A importância da oração era em parte catequética", uma vez que conhecer o Credo Apostólico e a Oração do Senhor de cor era um sinal pelo qual o Concílio de Genebra observava que um adorador conhecia a doutrina básica; e não saber de cor podia ser motivo de excomunhão. 232

Quanto ao cântico de Simeão, o que podemos afirmar é que Calvino não tinha dúvidas de que Simeão "possuía o Santo Espírito e o dom da profecia" e era controlado pelo Espírito de tal maneira que suas palavras não eram "como palavras de meros mortais". Calvino entendeu que Simeão tinha o dom singular de profecia, e isso se deu para confirmar nossa fé no testemunho que ele traz – "um testemunho a ser aceito reverentemente e sem reservas, visto que vem do próprio Deus". Simeão nos ensina que Jesus "foi enviado para que todos pudessem olhar para ele e buscar nele a salvação". Simeão "não recebeu o Espírito de Deus apenas para seu uso pessoal, mas, acima

\_

<sup>&</sup>lt;sup>228</sup> SELDERHUIS, *The Calvin handbook*, p. 411.

<sup>&</sup>lt;sup>229</sup> Calvini opera, VI, p. 184.

<sup>&</sup>lt;sup>230</sup> ALLISSON, Gregg R. *Teologia histórica*: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 796.

<sup>&</sup>lt;sup>231</sup> SELDERHUIS, *The Calvin handbook*, p. 413.

<sup>232</sup> Ibid., loc. cit.

de tudo, para que ele nos levasse e nos guiasse ao próprio Filho de Deus. Dessa maneira, a salvação foi posta diante de todos os povos".<sup>233</sup>

Para Calvino, "o Senhor exibe sua figura e imagem" nos elementos pão e vinho, "como se desse certos penhores e senhas para que o contemplássemos com nossos olhos".<sup>234</sup> Ao que tudo indica, o Cântico de Simeão servia ao propósito de ajudar os catecúmenos a entender este aspecto do sacramento e poderem testemunhar como Simeão: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação" (Lc 2.29,30).

Como vimos, o cântico de Simeão começou a ser inserido na liturgia em Genebra, possivelmente a partir de 1549, não pela vontade de Calvino, contudo, ao que parece ele não deixou pública qualquer objeção quanto a isto. Uma vez que para ele, a Ceia do Senhor é a Palavra visível rica em promessas, posta diante de nossos olhos, o uso do cântico de Simeão também tinha uma função catequética quanto ao significado do sacramento. Para Witvliet, "Esta justaposição litúrgica do Cântico de Simeão com a Ceia do Senhor é ao mesmo tempo catequética e doxológica". Witvliet conclui que

No geral, na Genebra de Calvino, cada parte do catecismo apontava para o engajamento litúrgico: o Credo dos Apóstolos era usado nas liturgias do batismo e da Ceia do Senhor; a Oração do Senhor foi usada <u>textualmente</u> em orações para iluminação e <u>em paráfrase</u> como parte da oração de intercessão póssermão; os Dez Mandamentos foram <u>cantados em serviços catequéticos e nos serviços da Ceia do Senhor</u>; as porções do

<sup>235</sup> WITVLIET, The interplay of catechesis and liturgy in the sixteenth century, p. 108.

<sup>&</sup>lt;sup>233</sup> CALVINO, João. *Cânticos da natividade*: sermões selecionados sobre Lucas 1 & 2. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019, p. 210,211, 216,217,231.

<sup>&</sup>lt;sup>234</sup> Idem., *As institutas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, IV.XVII.1.

catecismo sobre o batismo e a Ceia do Senhor foram repetidas em exortações em cada sacramento. Não é exagero pensar na abordagem de Calvino ao catecismo como catequese litúrgica, preparando crianças e adultos para uma participação litúrgica robusta. Por outro lado, não é exagero pensar na liturgia de Calvino como uma espécie de representação performativa dos elementos do catecismo em um modo doxológico. A interação é penetrante e forte. Assim como na tradição luterana, há outras camadas nessa interação catequético-litúrgica que estão além do escopo deste capítulo: o papel dos sermões, palestras e debates públicos no avanço do conhecimento bíblico e dos temas catequéticos; o papel das escolas no ensino do catecismo e da salmodia; o papel dos editores que publicavam juntos o catecismo, o Saltério, a liturgia e a Bíblia; e o papel das teologias explicativas da liturgia que reforçaram essa interação - incluindo descrições da fiel participação litúrgica dentro do catecismo (veia o comentário do catecismo sobre os quatro primeiros mandamentos), bem como outros relatos teológicos da participação litúrgica de Calvino que insistem em adorar "com entendimento" e abordando as assembleias litúrgicas como uma "escola de fé".236

### O testemunho histórico da publicação de hinos anexos aos Saltérios

É de fundamental importância destacar o fato histórico de que era comum a publicação de material anexado às edições dos Saltérios que não tinham o objetivo de serem usados no culto público, mas nas devoções particulares ou na instrução catequética.<sup>237</sup>. Isto porque, já no século XVI, os saltérios haviam sido popularizados, de maneira que era possível encontrar um exemplar em cada casa, como

WITVLIET, The interplay of catechesis and liturgy in the sixteenth century, p. 110.
 JULIAN, Jon. A Dictionary of Hymnology: Setting forth the Origin and History of

<sup>&</sup>lt;sup>237</sup> JULIAN, Jon. *A Dictionary of Hymnology*: Setting forth the Origin and History of Christian Hymns of all Ages and Nations. Volume II, P to Z. New York: Dover Publication, Inc., 1957, p. 1023-1024.

atestam John D. Witvliet e Nathan Bierma sobre o saltério genebrino:

Os adoradores cantavam de seu Saltério, que traziam de casa, onde também podem tê-lo usado nas devoções diárias. Até os pobres e crianças sob cuidados de hospitais receberam Saltério (Olson, Calvin and Social Welfare, 54, 74, 237). De fato, se o pobre cidadão genebrino tinha algum livro, era tão provável que fosse um Saltério quanto uma Bíblia ou catecismo.<sup>238</sup>

Segundo Christian Grosse, a Ordem de Culto de Genebra foi sistematicamente integrada com o Saltério e publicados juntos a partir de 1562, sendo massivamente distribuídos e colocados "nas mãos de todos os fiéis capazes de ler". Além disso, "a partir do final da década de 1540, era costume imprimir juntos o saltério, a forma litúrgica e o catecismo". <sup>239</sup> Uma vez que o Saltério era um livro tão acessível a todos, anexar estes hinos à sua publicação era a maneira mais prática e eficaz de deixá-los disponíveis para o uso a que se destinavam nos diversos momentos de instrução catequética.

Quanto aos saltérios escoceses, Millar Patrick afirma que não há evidência de que os hinos a eles anexados tenham sido cantados publicamente, e é "razoável inferir que se destinavam ao uso privado, em devoção ou para instrução".<sup>240</sup> Luis Benson insiste que não se pode afirmar que os hinos anexados aos saltérios escoceses (o

<sup>238</sup> SELDERHUIS, *The Calvin handbook*, p. 413.

<sup>240</sup> PATRICK, Millar. *Four Centuries Scottish Psalmody*. Geoffrey Cumberlege - Oxford University Press. London-Glasgow-New York, 1949, p. 210.

<sup>&</sup>lt;sup>239</sup> GROSSE, "Liturgia reformata semper reformanda", p. 69; Idem., Que tous cognoissent et entendent ce qui se dict et faict au temple". Prières en français et usages liturgiques à Genève après la Réforme (1530-1570), J.-F. Cottier (dir.), La prière en latin, de l'Antiquité au XVIe siècle: formes, évolutions, significations, Turnhout, Brepols, 2007, p. 369.

que se aplica também aos ingleses) tenham sido alguma vez usados em qualquer igreja escocesa, e que foram anexados de maneira aleatória nas diversas edições, e nem sempre eram os mesmos hinos.<sup>241</sup> Neil Livingston ao falar sobre a inclusão de cânticos nos saltérios anteriores e posteriores ao de 1564/65, argumenta que "parece haver um bom fundamento para a conclusão de que foram usados apenas para fins privados".<sup>242</sup>

A mera presença de hinos na publicação dos saltérios não implicava em uso no serviço de culto da Igreja. Isto porque, provavelmente, os apêndices de hinos eram impressos pela liberdade dos editores, não pela vontade da liderança eclesiástica, embora haja um silêncio dela sobre as publicações. Conforme esclarece Michael Bushell, "Muitos dos impressores tomaram para si a liberdade de introduzir elementos que não tinha autorização da Assembleia por trás deles". 243 Para ele, "Os hinos e cânticos anexados não causaram nenhuma disputa e não foram contestados, simplesmente porque eles nunca foram seriamente considerados como um suplemento ou substituição dos salmos".244 A variação de conteúdo e o lugar no Saltério em que eram inseridos são indícios de que estas mudanças ocorriam pelo arbítrio dos editores e não por necessidade ou ordem das autoridades eclesiásticas.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>241</sup> BENSON, Louis F. *The english hymn its development and use in worship.* Philadelphia: The Presbiterian Board of Publication, 1915, p. 35,36.

<sup>&</sup>lt;sup>242</sup> LIVINGSTON, Neil. *The Scottish metrical psalter of 1635*. Printed from Stone, by Maclure & Macdonald, Lithographers to the Queen, Glasgow, 1864, p. 4. As razões apresentadas por Livingston são: "(1.) Nas instruções para adoração pública, batismo, casamento etc. que precedem o Saltério, o canto de salmos é repetidamente prescrito, mas em nenhum caso a existência de qualquer outra composição para tal propósito é sugerida. (2.) Entre todos os exemplos de canto congregacional mencionados pelo historiador Calderwood e outros, nenhum caso de canto de hinos parece ocorrer. (3.) Há razão para pensar que três dessas peças em todos os eventos foram destinadas principalmente para a instrução dos jovens".

<sup>&</sup>lt;sup>243</sup> BUSHELL, *Songs of Zion*, p. 284.

<sup>&</sup>lt;sup>244</sup> Ibid., p. 287.

Conforme atesta Benson, era comum na época colocar em forma métrica e musicada conteúdo doutrinário para uso do povo,

em parte com o objetivo de fornecer cânticos religiosos e em parte para ajudar a memória a reter coisas consideradas desejáveis para o povo saber, e era independente da questão do que deveria ser cantado na igreja. [...] não houve hesitação por parte dos compiladores dos primeiros Salmos em juntar às versões dos Salmos matérias destinadas a esse uso privado.<sup>245</sup>

Benson ainda diz que "É então óbvio que a presença desses hinos no Saltério Inglês não implica por si só, seja na intenção ou de fato, seu uso nos serviços da igreja".<sup>246</sup> Como resultado de sua análise, Benson conclui:

apesar das aparências, os hinos anexados aos Saltérios ingleses e escoceses devem ser considerados como um episódio, e sem grande significado, na história da salmodia, ao invés de um elo na continuidade do desenvolvimento do Hino Inglês. Sua relação com o culto na igreja é indeterminada. Eles não se tornaram o núcleo de um hinário. Eles dificilmente foram proféticos sobre as linhas em que o Hino se desenvolveu; pois a demanda por hinos surgiu de longa experiência em cantar salmos metrificados, e não de qualquer satisfação no uso de hinos anexados.<sup>247</sup>

Se é verdade que isto pode ser dito dos saltérios dos seguidores de Calvino tanto na Inglaterra quanto na Escócia, podemos inferir que isto pode ter acontecido na Genebra de Calvino alguns anos antes. Sendo assim, e com base no que já foi demonstrado até aqui, é legítimo

<sup>&</sup>lt;sup>245</sup> BENSON, *The English Hymn*, p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>246</sup> Ibid., p. 30. O mesmo pode ser dito do Saltério Escocês.

<sup>&</sup>lt;sup>247</sup> Idem., *The English Hymn*, p. 36,37.

concluir que os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor, o Credo Apostólico e o Cântico de Simeão, foram anexados não com o objetivo de que fossem cantados no culto público e não constituíam um concorrente ou substituto para os Salmos.

#### Considerações finais

Os Dez Mandamentos e o Cântico de Simeão, que alguns ainda insistem em usar como uma evidência contra a exclusividade dos Salmos, não podem jamais ser considerados um precedente para o uso de outras canções no culto, muito menos canções de mera composição humana. Primeiro, porque ambos são metrificações de textos da Escritura, não composições humanas. Segundo, porque eles não foram inseridos por Calvino na liturgia do culto em Genebra, mas posteriormente, pelo Conselho de Genebra, somente na celebração da Ceia, quatro vezes ao ano. Terceiro, porque durante muitos anos, somente estes dois, e nenhum outro hino, a foi introduzido no culto em Genebra. Como conclui Michael Bushell, uma coisa é dizer que Calvino anexou ao Saltério versões metrificadas do Credo Apostólico e Oração do Senhor (retirados), e dos Dez Mandamentos e do Cântico de Simeão; outra coisa bem diferente é dizer que ele favoreceu, ou mesmo que não era contra a introdução de músicas sem inspiração de modo geral.248

Havia inúmeros hinos disponíveis na época de Calvino, mas ele se valeu apenas destes quatro: os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico, a Oração do Senhor e o Cântico de Simeão. Ele poderia ter utilizado inúmeros outros que estavam à disposição, inclusive o *Benedictus*, o

-

<sup>&</sup>lt;sup>248</sup> BUSHELL, Songs of Zion, p. 271.

Magnificat, o Te Deum, etc., amplamente conhecidos e utilizados em sua época. É preciso reconhecer que houve uma escolha específica, deliberada e restrita destes quatro hinos e nenhum outro. Calvino não estava tencionando incorporar tantos cânticos quanto fossem possíveis ao seu projeto catequético, mas o menor número quanto fosse possível que atendesse à específica finalidade de auxiliar a instrução na fé, seu aprendizado e memorização.

# Capítulo 4 – Calvino e o uso dos instrumentos musicais no culto

A Igreja Cristã de modo geral, especialmente a Igreja Reformada, rejeitou o uso de instrumentos musicais no culto por entender que eles foram destinados ao tempo da infância da Igreja. Inúmeros eruditos defenderam que os instrumentos não têm lugar no culto neotestamentário e sua reintrodução representaria exatamente um ato de imaturidade e desobediência.

João Crisóstomo (c.347-407) afirmou que "Os instrumentos musicais (como os sacrifícios) eram permitidos aos judeus por causa do peso e dureza de coração". Para ele "Deus cedeu a essa fraqueza, porque fazia pouco tempo que tinham sido arrancados da adoração aos ídolos". Nesta mesma linha, Teodoreto da Síria (423-466) entendia que o acompanhamento musical, assim como dançar e bater palmas, é próprio da infância e "por esta razão o uso desse tipo de instrumento e de outros agradáveis às crianças é removido das canções nas igrejas, restando simplesmente o canto". Ele também entende que Deus permitiu o uso de instrumentos

não que ele se deliciasse com a harmonia, mas que pouco a pouco poderia acabar com a decepção dos ídolos. Pois se ele lhes tivesse oferecido leis perfeitas imediatamente após a libertação do Egito, eles teriam sido rebeldes e empurrados para

<sup>&</sup>lt;sup>249</sup> Apud SPURGEON, Os tesouros de Davi, vol. 2, p. 758.

<sup>&</sup>lt;sup>250</sup> Apud SCHWERTLEY, Musical instruments in the public worship of God, p. 54.

fora do freio, e teriam voltado rapidamente à sua antiga ruína.<sup>251</sup>

A mente dos crentes na infância da Igreja era incitada à alegria espiritual por meio dos instrumentos musicais. Contudo, conforme observou o calvinista alemão David Paraeus (1548-1622)

Na igreja cristã, a mente deve ser incitada à alegria espiritual, não por tubos, trompetes e tamborins, com os quais Deus antigamente cedeu a seu povo antigo por causa da dureza de seus corações, mas por salmos, hinos e cânticos espirituais.<sup>252</sup>

Por dureza de coração entende-se aqui a imaturidade, e foi assim também que se expressou Tomás de Aquino (1225-1274) ao dizer que os instrumentos eram usados no AT a fim de tocar os sentidos do "povo mais duro e carnal". O puritano escocês David Dickson (c.1583-1663), comentando os salmos 33.2; 81.2 e 150.3, também argumentou que os instrumentos faziam parte da "pedagogia da igreja" e, portanto, cessaram. Semelhantemente, o puritano John Cotton (1585-1652), comentando o Sl 71.22, disse que os instrumentos eram apenas

uma solenidade externa de adoração, adequada ao bem-estar dos sentimentos externos de filhos de menor idade, como eram os israelitas no tempo do Antigo Testamento (Gl 4.1-3). Mas, agora, na idade adulta dos herdeiros do Novo Testamento, essas solenidades pomposas externas cessaram e nenhuma adoração externa foi reservada, a não ser as que mantêm simplicidade e gravidade. Hoje também nenhuma voz deve ser ouvida

<sup>&</sup>lt;sup>251</sup> Apud SCHWERTLEY, *Musical instruments in the public worship of God*, p. 55. <sup>252</sup> Ibid., p. 56.

<sup>&</sup>lt;sup>253</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, vol. 3 (Questão 91, Art. 2). São Paulo: Ecclesiae, 2016, p. 571.

<sup>&</sup>lt;sup>254</sup> DICKSON, David. A brief explication o the others fifty psalms. London: Printed by T. R. & E. M. for Ralph Smith, 1653, p. 247.

na igreja de Cristo, senão aquela que é significativa e edificante por sua significação (1Co 14.10,11,26), na qual a voz dos instrumentos não se encaixa.<sup>255</sup>

O puritano Cotton Mather (1663-1728) afirmou que os instrumentos não foram usados na adoração nas sinagogas, apenas no templo, e que faziam parte da pedagogia cerimonial que foi abolida. Para ele, a música instrumental na adoração foi apenas uma invenção e corrupção que apareceu tardiamente na igreja do Novo Testamento.<sup>256</sup> O ministro batista John Gill (1697-1771) também defendeu a rejeição dos instrumentos musicais na Igreja e afirmou que "A dispensação do Antigo Testamento era vistosa, berrante e pomposa, adequada ao estado então infantil da igreja".[11] O pastor batista Andrew Fuller (1754-1815) disse:

Quanto mais eu penso sobre a música instrumental, ela parece, com crescente evidência, ser completamente inadequada ao espírito da dispensação do Evangelho. Havia um brilho, se posso assim expressá-lo, que caracterizava até mesmo as recomendações divinas do judaísmo. Um tempo imponente, ornamentado com ouro e prata, e pedras preciosas, candelabros de ouro, altares dourados, sacerdotes ricamente vestidos, trombetas, címbalos, harpas; tudo adaptado a uma era e dispensação quando a igreja estava em um estado de infância. Mas quando chega a substância, é o momento em que desaparecem as sombras.<sup>257</sup>

Até mesmo o pastor batista Charles Spurgeon (1834-1892), embora não achasse que o uso de instrumentos fosse ilícito e nem recusasse o uso privado deles, afirmou que os instrumentos foram usados para ajudar Israel

<sup>256</sup> Apud SCHWERTLEY, Musical instruments in the public worship of God, p. 59,60.

<sup>257</sup> Apud SPURGEON, Os tesouros de Davi, vol. 2, p. 759.

<sup>&</sup>lt;sup>255</sup> COTTON, Singing of Psalmes a Gospel Ordinance, p. 5

enquanto "estava na escola e usava coisas infantis para ajudá-lo a aprender". <sup>258</sup>

Essa era a posição de Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Eusébio de Cesaréia, Agostinho, Tomás de Aquino, Samuel Rutherford, Thomas Goodwin, Cuthbert Sydenhan e muitos outros.<sup>259</sup>

Mas, para o propósito deste livro, é o pensamento de Calvino sobre o cântico dos Salmos e os instrumentos musicais que nos interessa. Seu pensamento foi a base teológica adotada e desenvolvida pelas igrejas reformadas e pressuposto das definições confessionais da Assembleia de Westminster.

Calvino entendia que somente pela voz humana o nome de Deus pode ser adorado de maneira apropriada. Ele admite que os instrumentos musicais foram utilizados pela Igreja mediante ordem divina, mas apenas como recursos adicionais dados por Deus para estimular os crentes do AT a cultuá-lo com mais fervor.<sup>260</sup> Para ele, estes instrumentos serviram de "educação" e "pueril instrução da lei" necessários para ajudar o povo "ainda fraco e rude de conhecimento". Ao comentar sobre 1Co 14.15, Calvino afirma que o apóstolo Paulo "preceitua que se deve cantar com a voz e com o coração".<sup>261</sup> Comentando 2Sm 2.6, Calvino diz:

Não seria nada além de mimetismo se seguíssemos Davi hoje cantando com címbalos, flautas, pandeiros e saltérios. De fato, os papistas estavam seriamente enganados em seu desejo de adorar a Deus com sua inclusão pomposa de órgãos,

<sup>259</sup> Para um estudo sobre os instrumentos musicais na história da igreja, ver MAR-QUES, Edson; MARQUES, Joyce, *Os Cânticos do Senhor*, p. 329-365.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>258</sup> SPURGEON, Os tesouros de Davi, vol. 2, p. 684.

<sup>&</sup>lt;sup>260</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. II, p. 50,51; vol., III, p. 476-479; idem. *Daniel*, vol. I. São Paulo: Parakletos, 2000, p. 194.

<sup>&</sup>lt;sup>261</sup> Idem., As institutas, III.XX.32.

trombetas, oboés e instrumentos semelhantes. Isso só serviu para divertir as pessoas em sua vaidade e para afastá-las da verdadeira instituição que Deus ordenou. Em uma palavra, os instrumentos musicais eram da mesma classe que sacrifícios, candelabros, lâmpadas e coisas semelhantes. Aqueles que adotam essa abordagem estão revertendo para uma espécie de judaísmo, como se quisessem misturar a Lei e o Evangelho, e assim enterrar nosso Senhor Iesus Cristo. Quando nos é dito que David cantou com um instrumento musical, lembremo-nos com cuidado de que não devemos fazer uma regra disso. Pelo contrário, devemos reconhecer hoje que devemos cantar os louvores de Deus em simplicidade, uma vez que as sombras da Lei já passaram, e já que em nosso Senhor Iesus Cristo temos a verdade e a incorporação de todas essas coisas que foram dadas aos antigos pais no tempo de sua ignorância ou pequenez de fé.<sup>262</sup>

#### Comentando Daniel 3.2-7, Calvino diz:

Quanto aos instrumentos musicais, reconheço que eles foram usados pela Igreja de Deus e, aliás, por ordem divina. Entretanto, o povo de Deus tinha uma maneira e os caldeus outra. Pois a despeito de os judeus usarem trombetas e alaúdes e instrumentos musicais nos louvores a Deus, eles não estavam impingindo isso sobre o Senhor como um rito inerentemente santo. Havia um outro propósito nisso - Deus desejava levantá-los de qualquer maneira quando se mostravam preguicosos (pois sabemos que nosso interesse na santidade é sempre frio, a não ser quando somos espicaçados). Deus, portanto, usou esses estímulos para fazer com que os judeus o adorassem com zelo mais fervoroso. Contudo, os caldeus pensavam que satisfaziam a Deus quando reuniam muitos instrumentos musicais. Porquanto, como é habitual, avaliaram Deus conforme sua própria intuição. Seja o que for que nos agrade, cremos que será também do agrado de Deus. Daí aquela grande quantidade de cerimônias no papado. Nossos

<sup>&</sup>lt;sup>262</sup> Apud *Instrumentos Musicais – uma sombra de lei cerimonial.* Disponível em: <a href="https://iprbsp.com/2019/02/25/instrumentos-musicais-uma-sombra-da-lei-cerimonial">https://iprbsp.com/2019/02/25/instrumentos-musicais-uma-sombra-da-lei-cerimonial</a>/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

olhos se enchem com tal esplendor e cremos haver cumprido nossa obrigação para com Deus, como se sua alegria fosse assim, no que tange ao alaúde, à trombeta e aos outros instrumentos musicais com os quais Nabucodonosor ornamentou a adoração de seu ídolo, não há dúvida de que faziam parte dos erros.<sup>263</sup>

#### Comentando o Salmo 33.2, Calvino diz:

É evidente que o salmista neste ponto expressa o veemente e ardente afeto que os fiéis devem nutrir ao louvarem a Deus, quando ordena que instrumentos musicais sejam empregados com este propósito. Não se deve omitir nada pelos crentes que se inclinam a animar a mente e a emoção dos homens, cantando os louvores de Deus. O nome de Deus, sem dúvida, só pode, propriamente falando, ser celebrado mediante a articulação da voz; mas não foi sem motivo que Davi acrescenta a isto aqueles auxílios pelos quais os crentes costumavam estimular-se ao máximo para este exercício; especialmente considerando que ele estava falando ao antigo povo de Deus. Entretanto, há uma distinção a ser observada aqui, a saber, que não podemos indiscriminadamente considerar aplicável a nós cada coisa que antigamente foi ordenada aos judeus. Não tenho dúvida de que tocar címbalos, harpa e violino, bem como todo gênero de música que é tão frequentemente mencionada nos Salmos, era uma parte da educação; ou seja, a pueril instrução da lei: falo do ministério fixo do templo. Porque mesmo agora, se os crentes decidissem recrear-se com instrumentos musicais, creio que não deveriam nutrir o objetivo de dissociar sua jovialidade dos louvores de Deus. Mas quando frequentam suas assembleias sacras, os instrumentos musicais para a celebração dos louvores divinos não seriam mais adequados que a queima de incenso, o acender das lâmpadas e a restauração das outras sombras da lei. Os papistas, pois, insensatamente tomaram isto por empréstimo dos judeus, bem como muitas outras coisas. Os homens que são amantes da pompa externa podem deleitar-se com esse ruído; mas a simplicidade que Deus nos recomenda, através do apóstolo, lhe

<sup>&</sup>lt;sup>263</sup> CALVINO, *Daniel*, vol. 1, p. 193-195.

é muito mais deleitável. Paulo só nos permite bendizer a Deus na assembleia pública dos santos numa língua conhecida [1Co 14.16]. A voz humana, ainda que não entendida pela generalidade, indubitavelmente excede a todos os instrumentos inanimados de música: e ainda vemos o que Paulo determina concernente o falar numa língua desconhecida. O que, pois, diremos da cantilena que não enche os ouvidos com outra coisa senão com sons vazios? Quem objetará que a música é utilíssima para despertar as mentes dos homens e comover seus corações? Eu mesmo; mas devemos sempre tomar cuidado para que não se introduza nenhuma corrupção, a qual tanto pode macular o puro culto de Deus como também envolver os homens na superstição. Além do mais, visto que o Espírito Santo expressamente nos adverte, pelos lábios de Paulo, quanto a este perigo, ir além do que ele nos autoriza é, eu diria, não só um zelo inadvertido, mas ímpia e perversa obstinação.264

#### Comentando o Salmo 71.22, Calvino diz:

Ao pretender empregar *o saltério* e *a harpa* em tal exercício, sua alusão é ao costume geralmente prevalecente de seu tempo. Cantar os louvores de Deus ao som da harpa e do saltério inquestionavelmente formava uma parte do aprendizado da lei e do serviço de Deus sob aquela dispensação de sombras e figuras; mas não devem agora ser usadas nas ações de graças públicas. Nós, aliás, não somos proibidos de usar, em particular, instrumentos musicais, mas eles são banidos das igrejas pelo claro mandamento do Espírito Santo, quando Paulo, em 1 Coríntios 14.13, estabelece como regra invariável que devemos louvar a Deus e orar a ele tão-somente em língua conhecida <sup>265</sup>

#### Comentando o Salmo 81.2,3, diz:

<sup>&</sup>lt;sup>264</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 2, p. 50,51.

<sup>&</sup>lt;sup>265</sup> Idem., *Salmos*, vol. 3, p. 62,63.

Com respeito ao tamborim, harpa e saltério, já observamos anteriormente, e julgamos necessário simplesmente repetir a mesma observação, a saber: que os levitas, sob a lei, eram iustificados ao fazer uso de música instrumental no culto divino; que seu intuito era treinar seu povo, enquanto eram ainda imaturos e semelhantes a crianças, necessitando de tais rudimentos, até a vinda de Cristo. Mas então, quando a lídima luz do evangelho já dissipou as sombras da lei, e já nos ensinou que Deus deve ser servido numa forma mais simples, estaremos agindo como tolos e equivocados imitando aquilo que o profeta ordenou somente aos de seu próprio tempo.<sup>266</sup>

#### Comentando o Salmo 92.3, diz:

No quarto versículo, ele prontamente se dirige aos levitas, os quais foram designados ao ofício de cantores, e os convoca a empregar seus instrumentos musicais - não como se fossem em si mesmos necessários, mas só eram úteis como um auxílio elementar ao povo de Deus nos tempos antigos. Não devemos imaginar que Deus prescreveu a harpa como se sentisse, como nós, deleite na mera melodia dos sons; porém os judeus, que já estavam sob o peso dos anos, se restringiam ao uso de elementos tão infantis. O propósito deles era estimular os adoradores e incitá-los a mais ativamente exercer a celebração do louvor divino de todo o coração. Devemos lembrar que o culto divino nunca dever ser tomado como que consistindo em tais servicos externos, os quais só eram necessários para ajudar um povo fervoroso, porém ainda fraco e rude de conhecimento, no culto espiritual celebrado a Deus. É preciso observar a diferença, neste aspecto, entre seu povo sob o Velho e sob o Novo Testamento; pois agora que Cristo já se manifestou, e a Igreja já alcançou a plena maturidade, se introduzíssemos as sombras de uma dispensação expirada só iríamos sepultar a luz do evangelho. Disto transparece que os papistas, como tive ocasião de mostrar em outro lugar, ao empregarem música instrumental, não se pode dizer que imitam a prática do antigo povo de Deus, mas o imitam de uma maneira insensata e absurda, exibindo um tolo deleite

<sup>&</sup>lt;sup>266</sup> CALVINO, Salmos, vol. 3, p. 81.

naquele culto do Velho Testamento que era figurativo e que foi extinto com a vinda do evangelho.<sup>267</sup>

#### Comentando o Salmo 98.4,5, diz:

Ao falar de instrumentos musicais, a alusão é evidentemente à prática da Igreja naquele tempo, sem qualquer intenção de jungir os gentios à observância das cerimônias da lei. A repetição é enfática e implica que as mais ardentes tentativas que os homens fizessem em celebrar a grande obra da redenção do mundo esmaeceriam diante das riquezas da graça divina. Isso é realçado ainda mais vividamente no que vem em seguida, onde se atribui sentimento às coisas inanimadas. A passagem como um todo já foi explicada em outro lugar, e se torna desnecessário insistir mais nela.<sup>268</sup>

Comentando o Salmo 144.9, diz: "No tocante a *na-blum* e *saltério*, em outra passagem observei que faziam parte daquele sistema de educar da época da lei ao qual a Igreja estava sujeita, em sua infância".<sup>269</sup> Comentando o Salmo 149.3 diz: "Os instrumentos musicais que o salmista menciona eram peculiares a esta infância da Igreja, e não devemos imitar insensatamente uma prática que se destinava somente ao antigo povo de Deus".<sup>270</sup> Comentando o Salmo 150.3, diz:

Não insisto quanto às palavras hebraicas que expressam instrumentos musicais. Permita-me o leitor apenas lembrar que este salmo menciona diferentes e variados tipos de instrumentos, utilizados sob a administração da lei, para ensinar, de modo mais enérgico, aos filhos de Deus que eles não podem se aplicar diligentemente ao louvor divino - como se ele lhes ordenasse que aplicassem, de modo incansável, todas as suas

<sup>&</sup>lt;sup>267</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 3, p. 478,479.

<sup>&</sup>lt;sup>268</sup> Ibid., p. 561,562.

<sup>&</sup>lt;sup>269</sup> Ibid., vol. 4, p. 544.

<sup>&</sup>lt;sup>270</sup> Ibid., p. 594,595.

energias a este serviço e se dedicassem totalmente a ele. [...] O salmista, ao exortar os crentes a transbordarem toda a sua alegria nos louvores divinos, enumera, um após outro, todos os instrumentos musicais que estavam em uso naquela [vigência da lei] e recorda-lhes que todos devem consagrar-se totalmente ao culto divino.<sup>271</sup>

#### Calvino diz no Comentário de João:

Outrora, incenso, luminárias, vestes sacras, altares e cerimônias desse gênero agradavam a Deus e a razão consistia em que nada é mais precioso ou aceitável a Deus do que a obediência. Agora, desde a vinda de Cristo, tais questões mudaram inteiramente. Devemos, pois, considerar o que nos impõe sob o evangelho, para que não sigamos à risca o que *os Pais* observaram sob a lei, pois o que naquele tempo era uma observação santa do culto divino agora seria um chocante sacrilégio.<sup>272</sup>

Embora Calvino não nomine os instrumentos, fica evidente que eles estão incluídos no que ele chama de "cerimônias deste gênero" e que o uso deles no culto cristão se constitui em "chocante sacrilégio". Ele afirma em outro lugar que tais cerimônias, outrora úteis, não estão agora de acordo com o tempo da nova aliança e "são agora não apenas supérfluas, mas também perversas e absurdas". <sup>273</sup>

Pode ser observado que Calvino solidificou o canto congregacional dos Salmos no culto sem acompanhamento de instrumentos musicais, o que se tornou parte integrante do culto de muitas igrejas reformadas. Os puritanos da Escócia, Inglaterra e Nova Inglaterra foram os principais seguidores do pensamento de Calvino quanto à música no culto público.

<sup>272</sup> Idem., *O evangelho segundo João*, p. 169.

<sup>&</sup>lt;sup>271</sup> CALVINO, *Salmos*, vol. 4, p. 602,603.

<sup>&</sup>lt;sup>273</sup> Idem., As obras de João Calvino, p. 189,190.

### Considerações Finais

Como afirmamos na Introdução, o pensamento de Calvino sobre o cântico do Salmos no culto ainda é, em geral, desconhecido. Em algumas situações, é distorcido para se adequar aos interesses contemporâneos. Mesmo alguns que se dizem especialistas em João Calvino demonstram não compreender adequadamente a teologia e prática da salmodia calvinista em Genebra. Muitos cristãos têm apenas repetido informações tidas como verdadeiras só porque foram apresentadas por teólogos de renome. Mesmo estes precisam passar pelo escrutínio dos fatos e das fontes.

O assunto, portanto, precisa ser conhecido através de pesquisa acadêmica séria, que investigue bem os fatos e as melhores fontes. Além disso, é necessário não apenas repetir conceitos tidos como certos, mas tentar chegar o mais perto possível do verdadeiro pensamento de Calvino. Mesmo mal compreendido, Calvino tem sido reivindicado pelos cristãos, especialmente os reformados, como fundamento, argumento ou autoridade para justificar os mais diversos conceitos teológicos e práticas cristãs da igreja contemporânea. Mas, se Calvino fosse realmente compreendido, muitos conceitos e práticas chamados atualmente de calvinistas, seriam abandonados.

Como vimos, ainda que de maneira introdutória, Calvino defendeu e praticou o cântico de Salmos no culto sem acompanhamento de instrumentos musicais e sem a presença permanente de corais e grupos de música. A igreja reunida é o grande coro que entoa os Salmos com voz solene e graça no coração. Essa convicção de Calvino estava em pleno acordo com o Princípio Regulador do Culto que ele de forma maestral desenvolveu e que foi adotado pela Igreja Reformada.

Portanto, precisamos não apenas ter a correta compreensão do pensamento teológico de Calvino, mas a coragem de romper com práticas incompatíveis com esse pensamento, se quisermos continuar afirmando que somos reformados em nossa adoração. Como conclui Michael Bushell,

Nossa herança calvinista, então, é uma herança que canta salmos, e nossas igrejas reformadas, na medida em que escolheram abandonar essa herança, não são mais calvinistas em sua adoração. [...] Ninguém afirma que os preceitos de Calvino na música da igreja estão certos apenas porque ele diz que estão certos. Mas aqueles que se consideram reformados e têm respeito pela Fé Reformada têm o dever de reconsiderar sua própria prática à luz do padrão estabelecido para nós por João Calvino.<sup>274</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>274</sup> BUSHELL, *Songs of Zion*, p. 267, 274.

# Apêndice I – Prefácio do Saltério de Genebra - 1543

Uma das coisas mais necessárias na cristandade, e mesmo indispensável, é que cada fiel cuide e mantenha a comunhão da Igreja, frequentando as assembleias que se reúnem tanto aos domingos como em outros dias para honrar e servir a Deus; é também oportuno e razoável que todos conheçam e entendam o que se diz e se faz no templo, para que disso recebam frutos e edificação. Pois nosso Senhor instituiu a ordem que devemos manter, ao nos reunimos em seu nome, não apenas para entreter o mundo oferecendo-lhe um espetáculo para assistir: mais do que isso, ele quis que a reunião beneficiasse todo o seu povo, como São Paulo testifica, ordenando que tudo o que se fizer na Igreja esteja ligado à edificação comum de todos. Esse servo não daria tal ordem se esta não fosse a intenção do Mestre. Mas isso só pode ser feito se formos instruídos a ter o entendimento de tudo o que foi ordenado para o nosso proveito. Pois dizer que podemos ter devoção, seja em oração, seja nas cerimônias, sem nada entender, é um grande escárnio, como se diz normalmente. A afeição para com Deus não é algo inerte ou bruto, mas é um movimento vivo, procedente do Espírito Santo, quando o coracão é tocado corretamente e o entendimento, iluminado.

E, de fato, se alguém pudesse ser edificado pelas coisas que vê, sem saber o que significam, São Paulo não proibiria tão rigorosamente que se falasse em línguas estranhas, e não empregaria tal argumento, de que não há edificação, exceto onde haja doutrina. Dessa forma, se

quisermos honrar as santas ordenanças de nosso Senhor, as quais empregamos na Igreja, o principal é saber o que elas contêm, o que querem dizer e a que propósito tendem, a fim de que seu uso seja útil e salutar, e, por consequência, regulado corretamente.

Ora, existem três coisas que nosso Senhor nos ordenou observar em nossas assembleias espirituais, a saber, a pregação da sua Palavra, as orações públicas e solenes e a administração dos seus Sacramentos. Por hora, vou me abster de falar sobre pregação, especialmente por não ser ela o tópico em questão. No tocante às duas outras partes restantes, temos o mandamento expresso do Espírito Santo de que as orações sejam feitas em língua comum e conhecida do povo. E o Apóstolo afirma que o povo não pode responder "Amém" à oração feita em língua estranha. Como ela é feita em nome de todos, cada um deve ser dela participante. Por esta razão, consideramos uma grande impudência introduzir a língua latina nas igrejas, onde poucas pessoas a compreendiam. E não há sutileza ou preciosismo que possa lhes desculpar ou fazer com que essa forma não seja perversa e desagradável a Deus. Pois não se deve presumir que seja agradável a ele aquilo que se faz diretamente contra a sua vontade, para de alguma forma desafiá-lo. Mas nada poderia contrariá-lo mais do que ir assim de encontro ao que ele proibiu, e gloriar-se nessa rebelião como se fosse coisa santa e muito louvável.

Quanto aos Sacramentos, se considerarmos bem a sua natureza, perceberemos ser um costume perverso celebrá-los de tal maneira que as pessoas não tenham nada dele a não ser a visão, sem a exposição dos mistérios neles contidos. Porque, se eles são palavras visíveis, como Santo Agostinho os nomeia, não deve haver apenas um espetáculo exterior, mas que a doutrina seja conjugada a eles,

para oferecer o entendimento. E também nosso Senhor, ao instituí-los, demonstrou isso claramente. Pois ele diz serem esses os testemunhos da aliança feita conosco, que ele confirmou com sua morte. É necessário, portanto, para que possam ocorrer, que saibamos e conheçamos o que ali está dito. De outro modo, seria vão que nosso Senhor abrisse a boca para falar se não tivéssemos ouvidos para ouvir. No entanto, não é necessário discutir longamente este ponto, pois, quando a questão é julgada de forma ponderada, não haverá quem não confesse tratar-se de puro charlatanismo quando as pessoas são entretidas com sinais, cujo significado não é explicado. Assim, fica claro que os Sacramentos de Jesus Cristo são profanados quando administrados sem que o povo entenda as palavras que lhe são ditas. E, de fato, vemos as superstições que decorreram disso. Pois é comum pensar que a consagração, tanto da água do Batismo como do pão e do vinho da Ceia de nosso Senhor, são como uma espécie de encantamento. Isto é, que quando alguém sopra e pronuncia as palavras, as criaturas insensíveis delas recebem virtude, ainda que os homens não entendam como isso se deu. Assim, a verdadeira consagração é aquela que se faz pela palavra da Fé, quando ela é declarada e recebida, como diz Santo Agostinho. Isso é claramente entendido nas palavras de Jesus Cristo. Porque ele não diz ao pão que se torne seu corpo, mas dirige sua palavra à companhia dos fiéis, dizendo: Tomai e comei, etc. Se, portanto, quisermos celebrar bem o Sacramento, devemos possuir a doutrina pela qual aquilo que é significado nos seja declarado. Eu bem sei que isso soa muito estranho àqueles que não estão acostumados, como acontece com todas as coisas novas. Mas, de fato, se somos discípulos de Jesus Cristo, que prefiramos sua instituição ao nosso costume. E não devemos considerar como algo novo aquilo que ele instituiu desde o princípio.

Se isso não pode ainda entrar no entendimento de cada um, devemos orar a Deus, para que ilumine os ignorantes, para fazê-los entender o quanto ele é mais sábio que todos os homens da terra, a fim de aprenderem a não mais se ater aos seus próprios sentidos, nem à sabedoria louca e enfurecida dos seus guias, que são cegos. No entanto, para o uso de nossa Igreja, pareceu-nos aconselhável publicar uma espécie de formulário das orações e dos Sacramentos, a fim de que cada um reconheça o que dizer e fazer na assembleia cristã. Quanto a este livro, ele não só beneficiará às pessoas desta igreja, mas também a todos aqueles que desejam saber qual deve ser a forma da oração dos fiéis quando se reúnem em nome de Jesus Cristo.

Nós reunimos, de modo resumido, o modo de celebrar os Sacramentos e santificar o casamento, bem como as orações e os louvores de que nos servimos. Falaremos mais tarde a respeito dos sacramentos. Quanto às orações públicas, elas são de duas espécies. Umas são feitas com simples palavras; outras, com canto. E esta não é uma invenção recente. Porque desde a origem da Igreja tem sido este o caso, como a história nos mostra. E mesmo São Paulo não fala somente de orar com os lábios, mas também de cantar. E, de fato, sabemos por experiência que o canto tem grande força e vigor para mover e inflamar o coração dos homens, para invocar e louvar a Deus com um zelo mais veemente e ardente. Devemos sempre cuidar para que o canto não seja nem leviano, nem frívolo, mas que tenha peso e majestade, como diz Santo Agostinho. E, assim, que haja grande diferença entre a música feita para alegrar os homens à mesa e em sua casa e entre os salmos que se cantam na Igreja, na presença de Deus e de seus anjos.

Assim, se alguém se dispõe a julgar a forma aqui exposta, esperamos que ela seja encontrada santa e pura, posto estar simplesmente destinada para a edificação sobre a qual falamos, embora o uso do canto se estenda para além disso. É que, mesmo nas casas e nos campos, ele nos seria um incentivo e um instrumento para louvar a Deus e elevar a Ele nossos corações, para nos consolar na meditação sobre a sua virtude, bondade, sabedoria e justiça, o que é mais necessário do que se possa dizer.

Primeiramente, não é sem motivo que o Espírito Santo nos exorta tão cuidadosamente pelas Sagradas Escrituras a nos regozijarmos em Deus e que toda a nossa alegria esteja nele reduzida ao seu verdadeiro fim, pois Ele sabe o quanto estamos inclinados a nos deleitar de modo fútil. Enquanto nossa natureza nos atrai e nos induz a buscar todos os meios de prazer insensato e vicioso, nosso Senhor, pelo contrário, para nos afastar-nos e desviar-nos das seduções da carne e do mundo, apresenta-nos todos os meios possíveis, a fim de ocupar-nos nessa alegria espiritual que tanto nos recomenda. Ora, entre as coisas que são próprias para recrear o homem e lhe proporcionar prazer, a música é ou a primeira ou uma das principais, e temos de estimá-la como um dom de Deus destinado a esse uso. Portanto, mais ainda devemos nos guardar para não abusar dela, corrompê-la e contaminá-la, fazendo com que se converta em instrumento de nossa condenação aquela que está destinada a ser utilizada em nosso benefício e salvação. E isso deveria bastar para incitar-nos a fazer bom uso da música, para fazê-la servir a toda honestidade e para não dar ocasião de nos levar à dissolução ou de nos afeminar em suas delícias ilícitas, e para que não seja instrumento de licenciosidade ou de qualquer impudicícia.

Mas ainda há mais, pois mui dificilmente há neste mundo algo mais capaz de mudar ou distorcer os costumes dos homens, como Platão prudentemente considerou. E, de fato, nós experimentamos que ela tem um poder secreto e quase inacreditável de mover os corações de um modo ou de outro. Por esta razão, devemos ser ainda mais diligentes para regulá-la, de tal modo que nos seja útil, nunca perniciosa. Por esta causa, os antigos Doutores da Igreja, muitas vezes queixavam-se de que as pessoas de seu tempo eram dadas a canções impuras e impudicas, as quais, não sem razão, consideraram e chamaram de veneno mortal e satânico para corromper o mundo. Ora, falando agora sobre a música, eu a entendo em duas partes: em primeiro lugar, a letra, ou assunto e matéria. Em segundo lugar, o canto ou a melodia. É verdade que todas as palavras torpes (como afirma São Paulo) corrompem os bons costumes, mas quando a melodia as acompanha, elas penetram com muito mais força o coração e atingem seu interior de modo que, assim como por um funil o vinho é vertido num recipiente, assim o veneno e a corrupção são destilados até as profundezas do coração pela melodia.

Então, o que devemos fazer? A resposta é que tenhamos canções não apenas honestas, mas também santas, as quais sejam como aguilhões para nos incitar a orar e louvar a Deus, a meditar em suas obras, a fim de amálo, temê-lo, honrá-lo e glorificá-lo. Mas o que Santo Agostinho diz é verdade: ninguém pode cantar coisas dignas de Deus, senão aquele que as tenha recebido do próprio Deus. Porque, ao procurarmos por toda parte, buscando aqui e acolá, nós não encontraremos melhores cânticos, nem mais adequados a esse propósito, do que os Salmos

de Davi, os quais o Espírito Santo lhe ditou e fez. Por este motivo, quando os cantamos, temos certeza de que Deus nos põe na boca as palavras, como se ele próprio cantasse em nós, para exaltar a sua glória. Assim, Crisóstomo exorta tanto a homens como a mulheres e criancinhas a que se acostumem a cantá-los, de modo que isso seja como uma meditação, associando-os à companhia dos anjos.

Quanto ao restante, devemos lembrar do que diz São Paulo, que os cânticos espirituais não podem ser bem cantados se não o forem de coração. Ora, o coração requer inteligência. E nisso (diz Santo Agostinho) está a diferença entre o canto dos homens e o dos pássaros. Pois um pintarroxo, um rouxinol ou um papagaio cantam bem, mas farão isso sem entendimento. No entanto, o dom próprio do homem é o de cantar sabendo o que diz. Depois da inteligência, deve seguir-se o coração e a afeição, o que não pode existir a menos que tenhamos o cântico impresso em nossa memória, para que nunca paremos de cantar.

Por estas razões, o presente livro, seja por esta causa, ou pelo restante do que foi dito, deveria ser uma recomendação singular a todos os que desejam desfrutar honestamente e segundo Deus, para seu próprio bem-estar e proveito do seu próximo. E, assim, não necessita absolutamente de minhas recomendações, já que em si mesmo carrega seu valor e sua glória. Simplesmente que o mundo esteja bem advertido e, em vez de canções em parte fúteis e frívolas, em parte tolas e pesadas, em parte sujas e rebeldes e, por consequência, más e nocivas, das quais faz uso até agora, acostume-se a cantar esses cânticos divinos e celestiais com o bom Rei Davi.

No tocante à melodia, pareceu-nos aconselhável que fosse sóbria, como é o caso desta coletânea, para

comportar o peso e a majestade adequados ao assunto, e também para ser apropriada para cantar na Igreja, conforme aquilo que foi dito.

Genebra, 10 de junho de 1543.

# Apêndice II - Calvino, Comunhão Semanal e a Tradição Reformada Escocesa

Rev. Adam M Kuehner<sup>275</sup>

#### Um retorno à tradição?

Há muitos anos atrás, o *U.S. News and World Report* publicou um artigo intitulado "A Return to Tradition" [Um Retorno à Tradição], de Jay Tolson. De acordo com Tolson, um número sem precedentes de igrejas protestantes instituindo "algo que teria sido considerado quase herético na maioria das igrejas protestantes evangélicas cinco ou dez anos atrás: um culto com comunhão semanal (Ceia Semanal)". <sup>276</sup> Ele também observa que esta tendência para liturgia tradicional – que parece "ameaçar os membros da igreja que se identificam fortemente com a Reforma e com rejeição protestante das práticas católicas" – é anunciado por seus proponentes como um retorno à adoração centrada em Deus. <sup>277</sup> Não surpreendentemente, o efeito

<sup>&</sup>lt;sup>275</sup> Adam Kuehner serviu como pastor da Igreja Presbiteriana Reformada de Southfield (RPCNA) na região metropolitana de Detroit desde 2012. Ele é graduado pelo *Reformed Presbyterian Theological Seminary* e é autor de vários livretos teológicos, incluindo *Why We Sing the Psalms* [Por que cantamos os salmos]", *Jesus is King* [Jesus é rei] e *Do You Agree with the Roman Catholic Church?* [Você concorda com a Igreja Católica Romana?]. Adam e sua esposa Maegan têm quatro filhos.

<sup>&</sup>lt;sup>276</sup> Jay Tolson, "A Return to Tradition: A New Interest in Old Ways Takes Root in Catholicism and Many Other Faiths," in U.S. News and World Report (December 13, 2007), 1.

<sup>&</sup>lt;sup>277</sup> Tolson, "A Return to Tradition," 3. Tolson goes on to note a similar liturgical trend among Emerging Church advocates, such as Brian McLaren, who "instituted a Eucharistic liturgy" to reach un-churched postmodern seekers. McLaren explains what Tolson calls his "almost intuitive attraction to liturgy, ritual, and symbol," observing, "There is a certain kind of postmodern sensibility that loses confidence in the rational explanation of everything."

cascata deste movimento litúrgico também entrou nos círculos reformados, onde muitos retratam comunhão semanal como a única opção razoável para as igrejas. Keith Mathison escreve:

Quando começamos a entender a verdadeira natureza e propósito da Ceia do Senhor, nos perguntamos por que qualquer cristão não gostaria de receber tudo o que Deus oferece nele toda vez que a igreja se reúne para adoração.<sup>278</sup>

Uma linha comum de argumento afirma que a comunhão semanal é simplesmente um renascimento da abordagem de João Calvino ao sacramento. Calvino, eles afirmam, tentou instituir a comunhão semanal em Genebra, mas foi forçado pelo conselho da cidade a colocar com uma observância trimestral.<sup>279</sup> Portanto, dizem eles, os calvinistas das gerações seguintes "muitas vezes tiveram que se contentar com menos do que o ideal, e infelizmente com o que eles resolveram, ao invés do que eles preferiram, muitas vezes tornou-se parte da tradição recebida nas igrejas reformadas".<sup>280</sup>

Nesta visão, as igrejas reformadas posteriores seguiram a filosofia de Genebra quanto à frequência sacramental tão cegamente que "esta tradição arraigada é a única coisa que impede as igrejas reformadas de finalmente alcançar o objetivo dos primeiros reformadores como Calvino, de retornar à antiga prática cristã da comunhão semanal".<sup>281</sup> Tão comum quanto à polêmica na

<sup>&</sup>lt;sup>278</sup> Keith Mathison, Given For You: Reclaiming Calvin's Doctrine of the Lord's Supper (Phillipsburg, NJ: P & R, 2002), 293.

<sup>&</sup>lt;sup>279</sup> W. Robert Godfrey, John Calvin: Pilgrim and Pastor (Wheaton, IL: Crossway Books, 2009), 71-72; N. R. Needham, 2000 Years of Christ's Power, Part Three: Renaissance and Reformation (London: Grace Publications Trust, 2004), 214, 220-221.

<sup>&</sup>lt;sup>280</sup> Mathison, Given For You, 297.

<sup>&</sup>lt;sup>281</sup> Ibid., loc. cit.

comunidade reformada hoje,<sup>282</sup> a pergunta permanece para saber se isso é realmente algo preciso. Esse "retorno à tradição" é realmente um renascimento da perspectiva geral de Calvino ou esses apelos polêmicos nos está dando apenas parte da história? O restante deste trabalho buscará responder a esta pergunta examinando a compreensão de Calvino acerca da frequência da comunhão no contexto de seus próprios escritos e experiência.

#### Frequência da Comunhão nas Institutas de Calvino

Pouco antes de chegar a Genebra em 1536, a pedido de William Farel, Calvino lançou a primeira edição das *Institutas da Religião Cristã*, <sup>283</sup> na qual abordou especificamente a questão da frequência da comunhão. Naquela época, a prática da Igreja Romana continha um intrigante contraste de extremos. Enquanto os padres realizavam missas repetidamente ao longo da semana, o leigo médio ativamente comungava apenas uma vez por ano (somente o pão) na Páscoa. Calvino argumentou que essa participação pouco frequente e incompleta resultou no surgimento de cerimônias antibíblicas na igreja. Essas cerimônias, ele argumentou, foram lentamente substituindo a simplicidade da Ceia como ordenada por Cristo. Em vez disso, "deveria ter sido feito de modo muito diferente: a mesa do Senhor deveria ter sido posta pelo menos uma vez por

\_

<sup>&</sup>lt;sup>282</sup> Cf. R. Scott Clark, "The Evangelical Fall from the Means of Grace," in The Compromised Church: The Present Evangelical Crisis, ed. John H. Armstrong (Wheaton, IL: Crossway Books, 1998); John M. Mason, Letters on Frequent Communion (Belfast: Drummond Anderson, 1806); Mathison, Given For You; Jeffrey J. Meyers, The Lord's Service: The Grace of Covenant Renewal Worship (Moscow, ID: Canon Press, 2003); John W. Nevin, The Mystical Presence and Other Writings on the Eucharist, ed. Bard Thompson and George H. Bricker, Vol. 4 (Philadelphia: United Church Press, 1966).
<sup>283</sup> John Calvin, Institutes of the Christian Religion: 1536 Edition, trans. Ford Lewis Battles (Grand Rapids: Eerdmans, 1995).

semana para a assembleia dos cristãos".<sup>284</sup> De fato, "a Ceia poderia ser administrada de forma mais adequada se fosse posta diante da igreja frequentemente e pelo menos uma vez por semana",<sup>285</sup> desde os Apóstolos, ele argumenta, havia uma "regra invariável" de que "nenhuma reunião da igreja deve ocorrer sem [...] o participar da Ceia".<sup>286</sup>

Na mente de alguns, essas primeiras declarações provam que Calvino promoveu a comunhão semanal como um mandato divino universal. Por exemplo, Mathison apresenta a visão de Calvino em oposição à noção de que "as igrejas locais são livres para celebrar a Ceia do Senhor como frequentemente conforme cada igreja achar conveniente".287 No entanto, nada nestas citações de Calvino requer um mandato divino universal. Ele meramente afirmou o que a Igreja "poderia" e "deveria" ter feito em determinadas circunstâncias. Certamente, ele acreditava que os apóstolos celebravam a comunhão semanal, mas isso não significa necessariamente que ele via a comunhão semanal como divinamente ordenada para a igreja em todas as épocas. Como veremos, a posição diferenciada de Calvino permitiu-lhe citar os Apóstolos como precedente para sua própria preferência, sem sugerir que a sua prática era universalmente obrigatória para a igreja.

#### Frequência da Comunhão em Relação à Eficácia

Alguns defensores da comunhão semanal sugeriram que a compreensão de Calvino acerca da *eficácia* da comunhão determinou sua posição sobre a *frequência* da comunhão,

<sup>284</sup> Calvin, *Institutes*, 113.

<sup>285</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>286</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>287</sup> Mathison, Given For You, 295.

levando-o invariavelmente a abracar a comunhão semanal.<sup>288</sup> Em outras palavras, eles associam comunhão "não semanal" com uma negação do ensino reformado e calvinista que os comungantes dignos "se alimentem do corpo e do sangue de Cristo [...] de forma espiritual [...] verdadeira e realmente, enquanto pela fé eles recebem e aplicam a si mesmos Cristo crucificado e todos os benefícios de sua morte".289 Mathison escreve: "Não é difícil entender por que Calvino desejava a celebração semanal da Ceia do Senhor" já que "sua compreensão da natureza do sacramento naturalmente implicava a comunhão frequente". 290 Ele então acrescenta que "aqueles como Calvino, que veem a Ceia do Senhor como um meio real e eficaz de graça, compreensivelmente desejem celebrá-la com a maior frequência possível".291 Michael Horton, em uma tentativa de vincular a comunhão não semanal a uma concepção zwingliana do sacramento, escreve: "Se o sacramento é principalmente uma questão de lembrarmos ou atestarmos nossa fé e obediência, não é de se surpreender que seja pouco frequente".292

A visão de Calvino sobre a *eficácia* da comunhão não poderia deixar de impactar sua posição sobre a *frequência* da comunhão. No entanto, a alegação de que a comunhão semanal segue logicamente a noção da "a Ceia do Senhor como meio de graça reais e eficazes" levanta algumas questões sérias. Por exemplo, o que dizer da

<sup>&</sup>lt;sup>288</sup> Richard C. Gamble, The Whole Counsel of God, Vol. 1: God's Mighty Acts in the Old Testament (Phillipsburg, NJ: P & R, 2009), 71; Needham, 2000 Years, 3:214. <sup>289</sup> Catecismo Maior de Westminster, pergunta 170.

<sup>&</sup>lt;sup>290</sup> Mathison, Given For You, 293. He further asserts on p. 294, "The Lord's Supper is said by the apostle Paul to be the communion of the body and blood of Christ (1 Cor. 10:16). Here we encounter the central mystery of the Lord's Supper and probably the main reason why Calvin desired communion to be celebrated at least weekly."

<sup>&</sup>lt;sup>291</sup> Mathison, Given For You, 294.

<sup>&</sup>lt;sup>292</sup> Michael S. Horton, "At Least Weekly: The Reformed Doctrine of the Lord's Supper and of Its Frequent Celebration," in Mid-America Journal of Theology 11 (2000), 156.

frequência praticada por outras igrejas reformadas do século dezesseis que concordavam com a visão de Calvino acerca da *eficácia* sacramental? Os huguenotes, por exemplo, adotaram a Confissão Francesa (1559), que claramente ecoou a visão de Calvino.<sup>293</sup> Além disso, os huguenotes franceses "em tempos de liberdade" desfrutavam "da administração da Ceia do Senhor nos dias de festa" (ou seja, três vezes por ano).<sup>294</sup> Embora muito pudesse ser pesquisado e escrito sobre a frequência da comunhão entre os huguenotes franceses ou dentro da ilustre tradição reformada holandesa, vamos agora concentrar nossa atenção na tradição reformada escocesa de John Knox à Segunda Reforma. Poucas tradições teológicas fornecem um exemplo da eficácia sacramental reformada juntamente com uma frequência sacramental menor do que a semanal.

#### Frequência da Comunhão na Escócia (1560-1648)

Sob John Knox, a compreensão da igreja escocesa acerca da frequência e eficácia foi muito semelhante à de suas igrejas irmãs em Genebra e entre os huguenotes franceses. Enquanto a Confissão Escocesa (1560) afirmou a presença espiritual de Cristo na Ceia,<sup>295</sup> o *Book of Discipline* [Livro

<sup>&</sup>lt;sup>293</sup> Article 36 asserts, "Embora Ele esteja no céu até que venha julgar toda a terra, ainda cremos que pelo poder secreto e incompreensível de seu Espírito, Ele alimenta e nos fortalece com a substância do seu corpo e do seu sangue". Philip Schaff,The Creeds of Christendom, with a History and Critical Notes (Grand Rapids: Baker, 2007), 3:380. A Confissão Francesa foi quase certamente de autoria do próprio Calvino.

<sup>&</sup>lt;sup>294</sup> Charles Washington Baird. Eutaxia, or the Presbyterian Liturgies: Historical Sketches (New York: M.W. Dodd, 1855), 85. Baird is here giving a translation of Guillaume de Félice, Histoire des Protestants de France (Paris: Librairie Protestante, 1850), 458 <sup>295</sup> O capítulo 1, declara "...mas esta união e conjunção que temos com o corpo e sangue de Cristo Jesus no uso correto dos sacramentos é realizado por meio do Espírito Santo, que pela verdadeira fé nos eleva acima de todas as coisas que são visíveis, carnais e terrenas, e nos faz alimentar do corpo e sangue de Cristo Jesus, outrora quebrado e derramado por nós, mas agora no céu, e aparecendo por nós na presença de seu Pai. Apesar da distância entre seu corpo glorificado no céu e homens mortais na terra, devemos seguramente crer que o pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo e o

de Disciplina, 1561] estabeleceu a frequência da comunhão de acordo com "a ordem da Igreja de Genebra", ordenando que "a mesa do Senhor fosse ministrada quatro vezes ao ano". 296 Horton, após observar que este documento em outro lugar pedia uma comunhão "frequente", comenta que "na prática, isso foi muitas vezes frustrado pela falta de ministros protestantes suficientemente treinados". 297 No entanto, não há evidências para sugerir que os escoceses viam a comunhão não semanal como algo que "frustrou" sua agenda. Em suas mentes, a comunhão trimestral era uma comunhão frequente. Quaisquer que sejam os obstáculos práticos encontrados por falta de ministros protestantes, seu objetivo era a comunhão frequente trimestral.

O *Livro de Disciplina* continha uma declaração explícita sobre a lógica dos escoceses para a comunhão trimestral. Longe de negar uma forte visão da eficácia sacramental, os escoceses foram supremamente motivados por sua adesão ao ensino de Calvino sobre isso. Para evitar uma participação tão vã que traria o julgamento de Deus sobre comungantes indignos, uma disciplina mais estrita foi adotada. Essa disciplina mais rígida, conforme detalhado abaixo, seria quase impossível de coordenar semanalmente.

Todos os ministros devem ser admoestados a serem mais cuidadosos ao instruir o ignorante que deseja satisfazer seu apetite e aquele deseja usar mais afiado exame do que a indulgência em admitir este grande *Mistério* sendo ignorante acerca do uso e da virtude dele. Portanto,

cálice que abençoamos, a comunhão do seu sangue. Assim confessamos e cremos sem dúvida que os fiéis, no uso correto da Mesa do Senhor, assim comam o corpo e bebam o sangue do Senhor Jesus". Schaff, The Creeds of Christendom, 3:468-469.

-

<sup>&</sup>lt;sup>296</sup> James K. Cameron, ed., The First Book of Discipline (Edinburgh: Saint Andrews Press, 1972), 184.

<sup>&</sup>lt;sup>297</sup> Horton, "At Least Weekly," 165.

pensamos que a administração da Mesa nunca deve ser examiná-los previamente, visto que seu entendimento é suspeito.<sup>298</sup>

A comunhão trimestral escocesa não resultou de uma visão baixa da eficácia da comunhão, mas de uma robusta sensibilidade quanto à natureza dual do sacramento como uma bênção para os preparados e uma maldição para os despreparados. Ao não celebrar a comunhão semanalmente, eles pensavam em reduzir a participação indigna e aumentar a participação digna. Esta era simplesmente uma aplicação da visão de Calvino da Ceia, conforme sua administração mais frutífera. Como Calvino, os escoceses defendiam a comunhão frequente em termos gerais, enquanto permitindo que a extensão precisa desta frequência seja determinada por uma miríade de fatores pastorais e disciplinares.<sup>299</sup> Em outras palavras, eles observaram a Ceia com a mesma frequência que o mandato bíblico para o pastoreio consciente permitiria. 300 Portanto, caracterizar os escoceses como seguidores cegos de Genebra ou como aspirantes a praticarem a comunhão semanalmente porque não tinham ministros suficientes, é algo altamente enganoso. Na realidade, as práticas escocesas durante este período representam uma ponte de desenvolvimento teológico orgânico entre Calvino e a Assembleia de Westminster, cujos documentos a igreja escocesa finalmente adotou.

O Diretório da Assembleia de Westminster para o Culto Público a Deus, que foi adotado pela Igreja da

<sup>298</sup> Horton, "At Least Weekly," 184.

<sup>&</sup>lt;sup>299</sup> As such, Wallace's summary of the question is more helpful than most. Ronald S. Wallace, Calvin's Doctrine of the Word and Sacrament (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), 252-253.

 $<sup>^{300}</sup>$  Sherman Isbell, "The Lord's Supper," in The Master's Trumpet, No. 4 (2006), 18- 20

Escócia em 1645, continha a seguinte declaração sobre a frequência da comunhão:<sup>301</sup>

A comunhão, ou ceia do Senhor, deve ser frequentemente celebrada; mas a frequência, pode ser considerada e determinada pelos os ministros e outros governantes da igreja de cada congregação, conforme acharem mais conveniente para o conforto e edificação das pessoas entregues a seus cuidados.<sup>302</sup>

No mínimo, a declaração anterior indica uma rejeição da comunhão semanal divinamente ordenada, uma vez que deixa a frequência ao encargo dos tribunais da igreja. No entanto, é particularmente útil considerar as práticas de comunhão do século XVII da Igreja da Escócia, a única igreja a realmente adotar e aplicar o *Diretório*. Sem dúvida, a Igreja do século XVII da Escócia não praticava (nem mesmo tentava praticar) semanalmente a comunhão. Em vez disso, abraçou a prática trimestral e racional disciplinar delineada por Knox no *Livro de Disciplina*. Sherman Isbell observa:

A seriedade com que as autoridades abordaram o exame é indicado por um adiamento da comunhão em St. Andrews em 1600. Após seis semanas de exame da população paroquial,

<sup>&</sup>lt;sup>301</sup> A Igreja da Escócia do século XVII rejeitou a comunhão semanal. Enquanto a única Igreja a adotar formalmente o Diretório de Westminster, sua prática consistente é um indicador útil de como este documento foi originalmente entendido. Por exemplo, como Isbell observa: "A seriedade com que as autoridades abordaram o exame é indicado por um adiamento da comunhão em St. Andrews em 1600. Após seis semanas de exame da população paroquial, em que só os comungantes eram mais de três mil, o sacramento foi adiado uma semana para permitir que o exame fosse concluído. Em 1645, a Assembleia Geral confirmou que este costume de longa data de examinar as congregações antes de comunhão deveria ser continuada. Em meados do século XVII, o exame constituía uma responsabilidade exigente para os ministros, que podiam ser dispensados das reuniões do Presbitério para lhes dar tempo de preparar o povo desta forma para a Ceia do Senhor". Ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>302</sup> Westminster Confession of Faith: The Directory for the Publick Worship of God (Glasgow: Free Presbyterian Publications, 2003), 384.

em que só os comungantes eram mais de três mil, o sacramento foi adiado uma semana para permitir que o exame fosse concluído. Em 1645, a Assembleia Geral confirmou que este costume de longa data de examinar as congregações antes de comunhão deveria ser continuado. Em meados do século XVII, o exame constituía uma responsabilidade exigente para os ministros, que podiam ser dispensados das reuniões do Presbitério para lhes dar tempo de preparar o povo desta forma para a Ceia do Senhor. 303

Claramente, a Igreja da Escócia nunca teria adotado o *Diretório de Westminster* se tivesse entendido que ordenava ou mesmo encorajava um nível de frequência de comunhão que impediria a exame dos comungantes. Portanto, sua adoção do *diretório* indica que foi entendido que este documento é perfeitamente adequado para uso no contexto da comunhão trimestral.<sup>304</sup>

## Frequência da Comunhão no Pensamento e na Vida de Calvino

Sabemos pelas Institutas que Calvino via a comunhão semanal como uma prática ideal, contra os abusos papistas medievais. No entanto, há riqueza de dados para sugerir que ele também se sentiu bastante confortável em não administrar a comunhão semanalmente para acomodar a disciplina da igreja e a condição espiritual do povo.

<sup>303</sup> Isbell, "The Lord's Supper," 18.

<sup>&</sup>lt;sup>304</sup> Deve-se notar que a frequência da comunhão escocesa é muitas vezes vista de uma maneira simplista. Algumas congregações rurais escocesas celebravam a Ceia do Senhor apenas uma ou duas vezes por ano, enquanto outros mantinham uma programação trimestral. No entanto, a prática comum dos paroquianos comungarem em paróquias adjacentes, significava que muitos conseguiam comungar mais de quatro vezes por ano. Este fato é muitas vezes esquecido.

#### Ministrando em Genebra (1536-1538)

Em 16 de janeiro de 1537, Calvino fez a seguinte proposta aos ministros em Genebra:

Seria bom exigir que a Comunhão da Santa Ceia de Jesus Cristo seja realizada todos os domingos pelo menos como regra. Quando a Igreja se reúne para a grande consolação que os fiéis recebem o proveito que dela procede, em cada respeito de acordo com as promessas que são apresentadas à nossa fé, então nos tornamos realmente participantes do corpo e do sangue de Jesus, de sua morte, de sua vida, de seu Espírito e de todos Seus benefícios... Na verdade, não foi instituída por Jesus para fazer uma comemoração duas ou três vezes por ano, mas por uma exercício de nossa fé e caridade, da qual a congregação dos cristãos devem fazer uso quantas vezes fossem reunidos, conforme encontramos escrito em Atos capítulo 2, que os discípulos de nosso Senhor perseveraram no partir do pão, que é a ordenança da Ceia do Senhor. Mas porque a fragilidade das pessoas ainda é tão grande, existe o perigo de que este mistério sagrado e tão excelente seja incompreendido se for celebrado com tanta frequência. Diante disso, pareceu-nos bem, esperando que as pessoas que ainda estão enfermas sejam tanto mais fortalecidas, que se faça uso desta Santa Ceia uma vez por mês... Mas a regra principal que é exigida, e para o qual é necessário ter o maior cuidado, é que esta Santa Ceia, ordenada e instituída para unir os membros de nosso Senhor Jesus Cristo, como o Cabeça e uns para com os outros em um só corpo e um só espírito, não vos sujeis e vos contamineis por aqueles que, vindo à ela e comungando, declarem e manifestem por sua má conduta e vida má que eles não pertencem a Jesus Cristo. Pois nesta profanação de seu sacramento nosso Senhor é gravemente desonrado. 305

Esta proposta lança luz sobre a dupla abordagem de Calvino para a questão da frequência da comunhão.

<sup>&</sup>lt;sup>305</sup> J. K. S. Reid, ed., Calvin: Theological Treatises (Louisville: Westminster John Knox, 1954), 49-50.

Por um lado, ele conectou a eficácia da Ceia a um princípio geral de frequência, como exemplificado na suposta comunhão semanal dos Apóstolos. 306 Por outro lado, a extensão precisa dessa frequência deveria ser determinada pelo arbítrio pastoral. Sensível às necessidades espirituais de seu rebanho, Calvino propôs a comunhão mensal, minimizando assim perigos que podem surgir "se for celebrada com tanta frequência". No entanto, para seu desgosto, o Conselho optou por continuar a comunhão trimestral.

Logo depois, mais conflitos surgiram sobre a Ceia, pois o Conselho proibiu Calvino e Farel de *cercar a Mesa*. Ambos foram banidos de Genebra em 1538 por adiar a comunhão da Páscoa para acomodar procedimentos disciplinares. É significativo que, embora Calvino estivesse disposto a cumprir a comunhão trimestral (em vez de mensal), ele não foi tão complacente quando solicitado a parar *de cercar a Mesa do Senhor*. Isso sugere que a frequência da comunhão não era uma prioridade tão alta para ele quanto *o cercar da mesa*. 308

#### Exilado em Estrasburgo (1538-1541)

Sem perder tempo, os recém-exilados Calvino e Farel levaram suas queixas ao Sínodo de Zurique na primavera de 1538. Com a ajuda de Martin Bucer de Estrasburgo, eles expressaram várias de suas preocupações, uma das

<sup>&</sup>lt;sup>306</sup> Que os apóstolos praticavam a comunhão semanal é certamente um argumento exegético discutível. Ainda assim, Calvino afirmou isso.

<sup>&</sup>lt;sup>307</sup> J. H. Merle D'Aubigne, The History of the Reformation in the Time of Calvin (Albany, OR: AGES Software, 1998), 6:319-320.

<sup>&</sup>lt;sup>308</sup> Cercar a Mesa (fencing the Table, no original em inglês) refere-se a não ministrar a Ceia para qualquer pessoa que não tenha sido examinada previamente pelo conselho da igreja para tal. Esta é a prática das igrejas de tradição reformada na Escócia ainda hoje (nota do tradutor).

quais relacionada com a frequência da comunhão. "Nós exigimos", diziam, "uma administração mais frequente da Ceia; que deve ser celebrada, se não de acordo com o costume da Igreja primitiva, pelo menos uma vez por mês".<sup>309</sup> Vemos aqui uma referência a comunhão semanal como praticada na Igreja primitiva, mas também uma vontade de defender a comunhão mensal como uma alternativa viável.

Eventualmente, Calvino aceitou um convite para se juntar a Bucer em Estrasburgo, onde se tornou professor e também pastoreou uma congregação de língua francesa. Como pastor local, ele agora tinha a liberdade para iniciar conscientemente seu "primeiro esforço conhecido – e possivelmente o melhor – na formulação de uma liturgia".<sup>310</sup> O pedido de Calvino para a comunhão mensal em 1537 não era nada mais do que um compromisso estratégico com as autoridades municipais em Genebra, que se recusou a permitir a comunhão em todas as semanas.<sup>311</sup> Seja ou não este o caso, a situação em Estrasburgo parece ter

\_

<sup>309</sup> Ibid., 342

<sup>&</sup>lt;sup>310</sup> Teresa Jane Lessor, The Communion Service in the Reformed Churches in Switzerland, France, and Scotland in the Sixteenth Century (Ann Arbor, MI: Pro Quest Company, 1968), 86.

<sup>&</sup>lt;sup>311</sup> Paul F. Bradshaw, The New Westminster Dictionary of Liturgy and Worship (Westminster John Knox Press, 2003), 402; William D. Maxwell, Outlines of Christian Worship: Its Development and Forms (London: Oxford University Press, 1930), 100-102; Keith F. Pecklers, Worship: A Primer in Christian Ritual (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2003), 70-71. Em seu artigo "Ao menos semanalmente", Horton afirma: "Como em Genebra, a Câmara Municipal de Estrasburgo recusou-se a conceder a comunhão semanal, apesar das súplicas de Calvino e Bucer" (149). No entanto, ele não cita fontes para apoiar isso. N. R. Needham escreve: "Ao contrário dos desejos de Calvino, os magistrados de Estrasburgo permitiram que a congregação francesa celebrasse apenas a Ceia do Senhor uma vez por mês" (Needham, 231). Nenhuma fonte primária é citada para isso também. E embora ele provavelmente esteja seguindo Maxwell (112) neste ponto, a referência de Maxwell também aparece sem confirmação da fonte primária. Depois de entrar em contato com cada um desses estudiosos em particular e recebendo uma resposta de um deles, este escritor ainda tem ainda para descobrir uma base de fonte primária para a afirmação de que a cidade de Estrasburgo conselho proibiu a comunhão semanal.

sido muito diferente, já que o conselho da cidade permitiu que Bucer servisse a comunhão semanalmente na catedral local.<sup>312</sup> Não há razão para acreditar que esta disposição de permitir a comunhão semanal também não se aplicaria para a congregação de Calvino. Portanto, a escolha da frequência de comunhão de Calvino em Estrasburgo certamente lançaria uma luz única sobre a aplicação prática de sua perspectiva sobre a eficácia, frequência e administração da comunhão.

Pode ser surpreendente para muitos saber que Calvino escolheu instituir a comunhão mensal em Estrasburgo, e não a semanal. Em carta a Farel, de Estrasburgo, em outubro de 1538, Calvino escreveu: "Pela primeira vez, administramos o sacramento da Ceia em nossa pequena igreja segundo o costume do lugar, o que nos propomos a repetir todo mês". A frase "de acordo com o costume do lugar" provavelmente se refere ao conteúdo da liturgia sacramental de Calvino, que foi fortemente influenciado pelos "costumes" existentes de Bucer. Em termos de frequência de administração, devemos simplesmente considerar Calvino em suas palavras, que a comunhão mensal era algo que "nós propomos" fazer, não algo que lhe foi imposto por autoridades locais.

<sup>&</sup>lt;sup>312</sup> John Calvin, Tracts and Letters, ed. Jules Bonnet., trans. David Constable (Edinburgh: Banner of Truth, 2009), 4:92 É importante notar que Calvino aqui descreve sua administração da Ceia (não sua decisão de fazê-lo mensalmente) como sendo "segundo o costume do lugar". Em outras palavras, como tem sido universalmente reconhecido, Calvino foi altamente influenciado pela ordem da liturgia de Estrasburgo de Bucer. Se a congregação francesa tivesse agendado a comunhão "segundo o costume do lugar", isso teria sido feito semanalmente.

<sup>&</sup>lt;sup>313</sup> John Calvin, Tracts and Letters, ed. Jules Bonnet., trans. David Constable (Edinburgh: Banner of Truth, 2009), 4:92. É importante notar que Calvino aqui descreve a sua administração da Ceia (não sua decisão de fazê-lo mensalmente) como sendo "segundo o costume do lugar". Em outras palavras, como tem sido universalmente reconhecido, Calvino foi altamente influenciado pela ordem da liturgia de Estrasburgo de Bucer. Se a congregação francesa tivesse agendado a comunhão "segundo o costume do lugar", isso teria sido feito semanalmente.

Em abril de 1539, Calvino escreveu a Farel, de Estrasburgo, sobre um caso de disciplina em andamento, observando algumas vantagens da comunhão menor do que semanal. "É bom", escreveu ele, "que ainda temos quinze dias antes da Ceia do Senhor, para que tenhamos alguns exames de antemão". 314 Em 31 de dezembro de 1539, Calvino escreveu a Farel sobre a grande importância da disciplina na igreja, lamentando a "forma limitada de disciplina em Basle", 315 que também passou a ser a única cidade reformada na Suíça a celebrar a comunhão semanal naquela época. 316 Em 29 de março de 1540, Calvino dirigiu outra carta a Farel, desta vez descrevendo em detalhes sua própria síntese prática da frequência de comunhão e pastoreio fiel:

Neste lugar, até então, muitos indivíduos tinham o hábito de fazer uma abordagem precipitada ao sacramento da Ceia. No dia de Páscoa, quando dei a insinuação de que iríamos celebrar a Ceia no próximo dia do Senhor, anunciei, ao mesmo tempo, que ninguém seria admitido à mesa do Senhor por mim que não tenha se apresentado previamente para o exame. A maior dificuldade surgirá em corrigir essa ansiedade boba de serem apressados que tomou posse de alguns franceses, de modo que dificilmente poderá ser expelida deles.<sup>317</sup>

Calvino consistentemente exigia que a igreja examinasse cada comungante antes de cada administração da ceia do Senhor. <sup>318</sup> Sua recusa em administrar a comunhão

\_

<sup>314</sup> Ibid., 138-139.

<sup>315</sup> Calvin, Tracts and Letters, 2:169.

<sup>316</sup> Cameron, The First Book of Discipline, XI:9.

<sup>317</sup> Calvin, Tracts and Letters, 4:176.

<sup>&</sup>lt;sup>318</sup> John Calvin, Institutes of the Christian Religion, ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles (Louisville: Westminster John Knox, 1960) 1:638; G. S. M. Walker, Calvin and the Church, Vol. 10, in Articles on Calvin and Calvinism, ed. Richard C. Gamble (New York: Garland Publishing, 1992), 135; Ronald S. Wallace, Calvin, Geneva

sem este processo mostra que ele priorizou o pastoreio consciente acima da frequência da comunhão. Quando se compara o modelo de Estraburgo de Calvino com o *Livro de Disciplina* de Knox, os procedimentos são surpreendentemente semelhantes. <sup>319</sup> Como Calvino e Knox compartilhavam uma visão elevada da eficácia espiritual da Ceia, ambos instituíram uma periodicidade que permitiu a devida preparação prévia. Em contraste, os oponentes zwinglianos e anabatistas, de Calvino – ambos grupos vendo a ceia como um mero memorial – fortemente se opuseram ao exame dos comungantes, considerando-o como algo "*papístico*". <sup>320</sup> Em maio de 1540, Calvino respondeu a essas críticas em uma carta a Farel:

Quando se aproxima o dia do sacramento da Ceia, aviso do púlpito para que aqueles que desejam comungar devam antes de tudo me avisar; ao mesmo tempo eu acrescento para qual o propósito, para aqueles que ainda não foram instruídos e inexperientes em religião, de serem mais bem treinados; além disso aqueles que precisam de advertência especial podem ouvi-la; e por último, que se há pessoas que podem estar sofrendo com problemas em sua mente, elas podem receber consolo... Depois disso, eu ensino, que isso de maneira nenhuma derroga a nossa liberdade cristã, já que eu não ordeno nada o que o próprio Cristo não tenha designado. Que desavergonhamento e afronta seria para qualquer um nem mesmo condescender com o testemunhar da sua fé diante da Igreja com a qual buscou comunhão! E quão miserável seria o estado e

and the Reformation: A Study of Calvin as a Social Reformer, Churchman, Pastor and Theologian (Grand Rapids: Baker, 1988), 88; Wallace, Calvin's Doctrine of the Word and Sacrament, 174-175.

<sup>&</sup>lt;sup>319</sup> E isso apesar da tentativa de Needham de divorciar as duas tradições: "Modernos 'calvinistas', escreve ele, "especialmente na Grã-Bretanha, podem se surpreender ao ver a forte natureza litúrgica da ordem de culto de Calvino. . . Isso simplesmente destaca o fato de que muito do culto reformado atual no mundo de língua inglesa é derivado do Puritanismo do século 17 ao invés de Calvino." Needham, 2000 anos, 3:232.

<sup>&</sup>lt;sup>320</sup> Amy N. Burnett, "Church Discipline and Moral Reformation in the Thought of Martin Bucer," in Sixteenth Century Journal, XXII, No. 3 (1991), 442.

condição da Igreja se ela pudesse ser compelida a receber aos participantes em tão grande mistério, aqueles acerca de quem ela é totalmente ignorante, ou, talvez, os considera com suspeitas!<sup>321</sup>

As semelhanças entre este trecho e o *Livro de Disciplina* escocês é notável. Como Knox, Calvino mantinha uma profunda convicção de que o exame do comungante foi designado por Cristo para a paz e pureza de Sua igreja. Embora tal prática possa reduzir a frequência da Ceia, ele acreditava ser uma responsabilidade essencial da Igreja, ao "participar de tão grande mistério" como a Ceia do Senhor.

Em 23 de outubro de 1540, Calvino aceitou um convite para participar a Assembléia de Worms para consultar com vários líderes da igreja. 322 Durante este tempo, o Pastor Nicholas Parent ministrou em seu lugar. Quando Parent se esqueceu de dar à congregação de Calvino o seu costumeiro aviso prévio uma semana antes do sacramento, Calvino o aconselhou por carta, de Worms a adiar a sua administração "para que, ao deixar de lado os usuais exames antes de receber o sacramento, este exame superficial pode nos causar alguma perturbação no futuro".323 Três semanas mais tarde, sabendo da obediência de Parent, Calvino respondeu: "Estou contente por ter adiado a Santa Ceia por mais um mês, pois no momento você não poderia administrá-la sem negligenciar essa ordem que, por razões muito suficientes, eu sinceramente desejo de ser cuidadosamente atendido". Ele então expressou seu grande deleite de "que nenhum inconveniente seja sentido por minha ausência", implicando que a falha da

<sup>&</sup>lt;sup>321</sup> Calvin, Tracts and Letters, 4:184-185.

<sup>&</sup>lt;sup>322</sup> Ibid., 2:209. <sup>323</sup> Ibid., 4:221.

congregação em participar mensalmente (muito menos que semanal) da comunhão em nada os prejudicaria ou os privaria espiritualmente. 324

Enquanto em Estrasburgo em 1540, Calvino escreveu seu Breve Tratado sobre a Ceia do Senhor, que mais tarde foi publicada em 1541. Incluído neste trabalho está uma seção intitulada: Tempos de Uso da Ceia: A Propriedade da Comunhão Frequente, onde declarou o seguinte:

> Quanto ao tempo de uso, nenhuma regra certa pode ser prescrita para todos [...] No entanto, se considerarmos devidamente o fim que nosso Senhor tem em vista, perceberemos que o uso deve ser mais frequente do que muitos o fazem, pois quanto mais a enfermidade oprime, mais necessário é frequentemente recorrer ao que pode e servirá para confirmar a nossa fé e nos avance na pureza de vida; e, portanto, a prática de todas as igrejas bem ordenadas deve ser celebrar a Ceia com frequência até onde a capacidade do povo permite.<sup>325</sup>

Em vez de afirmar um mandato bíblico universal para a comunhão semanal, Calvino aqui prescreveu um princípio geral de frequência, modificada por uma certa medida de discrição pastoral em relação à "capacidade do povo". Ele afirmou explicitamente que "nenhuma regra pode ser prescrita para todos", distanciando-se assim das visões mais dogmáticas de muitos defensores contemporâneos da comunhão semanal. De fato, durante seu breve pastorado em Estrasburgo, um irrestrito Calvino livremente instituiu e manteve menos do que semanalmente a

325 Ibid., 2:179-180.

<sup>324</sup> Compare isso com a declaração de R. C. Sproul (Mathison, Given For You, Prefácio): "Sem a Palavra e o sacramento, enfrentamos uma fome espiritual". Esta atitude contradiz os ensinamentos de Calvino, que afirmou: "Como o uso dos sacramentos não conferirão nada mais aos incrédulos do que se eles tivessem se abstido dele, pois é apenas destrutivo para eles, então, sem seu uso, os crentes recebem a realidade que está aí

figurado." Calvino, Tracts and Letters, 2:218 (ênfase nossa).

comunhão, por amor, preocupação e bem estar do seu rebanho.

#### De volta a Genebra (1541-1564)

Ao aceitar o convite da Câmara Municipal para regressar a Genebra em 1541, Calvino iniciou o processo de ajudar seus colegas ministeriais desenvolver ordenanças eclesiásticas. Em 13 de setembro de 1541 – antes a quaisquer emendas por parte da magistratura civil – a seguinte declaração foi adotada por Calvino e pelo Conselho de Ministros:

Como que a Ceia foi instituída para nós por nosso Senhor para ser usada frequentemente, e também foi observada na Igreja antiga até que o diabo a virou de cabeça para baixo, erguendo a missa em seu lugar, é uma falta a ser corrigida, o celebrá-la tão infrequentemente. Portanto, convém que seja sempre administrado na cidade uma vez por mês, de tal forma que a cada três meses seja realizada em cada paróquia. Além disso, deve ocorrer geralmente três vezes por ano, ou seja, na Páscoa, Pentecostes e Natal, de tal forma que não seja repetida na mesma paróquia no mês em que deveria ocorrer em outro lugar. 326

Considerando que o Conselho de Ministros havia rejeitado a proposta anterior de Calvino de comunhão mensal, eles agora pareciam prontos para que ele institua a sua preferência de como era em Estrasburgo. Os oficiais civis de Genebra, no entanto, não foram tão complacentes. O rascunho final aprovado por ambos os Conselhos

\_

<sup>326 0</sup> Calvin, Theological Treatises, 67.

de Genebra incluiu uma revisão reafirmando a comunhão trimestral,<sup>327</sup> claramente contra a vontade de Calvino.<sup>328</sup>

Em geral, a disciplina em Genebra passou por vastas melhorias durante o segundo trabalho de Calvino em Genebra. Ministros e presbíteros se reuniam toda semana "para ver se havia alguma desordem na igreja".<sup>329</sup> Além disso, "todos os estrangeiros e recém-chegados" tiveram que "apresentar-se primeiro na igreja para que fosse instruído" antes de participar da ceia.<sup>330</sup> Em 17 de dezembro de 1546, os pastores de Genebra declararam solenemente:

Ninguém será admitido à ceia, a menos que primeiro tenha feito confissão de sua a fé, isto é, que tenha declarado perante os ministros que deseja viver segundo a Reforma do Evangelho e conhecer o credo, a oração do Senhor e os mandamentos de Deus.<sup>331</sup>

Esta foi uma grande vitória para Calvino, que já havia sido banido de Genebra sobre a questão do *cercar da Mesa.* Não era, no entanto, sem seus oponentes. Em várias ocasiões, leis foram propostas (embora nunca finalmente implementadas) para reduzir suas medidas do cercar a mesa, levando-o a defender a importância da autoridade disciplinar da Igreja. Em carta a Pierre Viret, em 4 de setembro de 1553, ele afirma que

\_

<sup>&</sup>lt;sup>327</sup> Hughes nos fornece o rascunho final desta seção, aprovado pelo magistério, que diz o seguinte: "Visto que a Ceia foi instituída por nosso Senhor para ser mais muitas vezes observada por nós e também desde que este era o caso na Igreja primitiva até que que o diabo perturbou tudo colocando a missa em seu lugar, o defeito deve ser remediado celebrando-o com um pouco mais de frequência. Ao mesmo tempo, por enquanto, concordamos e ordenamos que seja administrado quatro vezes por ano, isto é, no Natal, na Páscoa, no Pentecostes e no primeiro domingo de setembro no outono". Philip Edgcumbe Hughes, ed. The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin, trans. Philip Edgcumbe Hughes (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), 44.

<sup>328</sup> Cf. Calvin, Tracts and Letters, 6:162.

<sup>329</sup> Hughes, Register, 47.

<sup>330</sup> Ibid., 45.

<sup>331</sup> Ibid., 56.

por esta lei meu ministério é abandonado, se eu deixar a autoridade do consistório ser pisoteada e estender a Ceia de Cristo aos escarnecedores que se gabam que os pastores não são nada para eles. Na verdade, prefiro morrer cem vezes, do que sujeitar Cristo a tal escárnio torpe.<sup>332</sup>

Apesar de muitos grandes avanços na disciplina eclesiástica, Calvino não estava totalmente satisfeito com o que havia conseguido em Genebra. Enquanto em Estrasburgo, ele estava livre para exigir o exame do comungante antes de cada sacramento. Em Genebra, um único exame foi considerado suficiente, desde que o comungante permanecesse livre de escândalo externo. Durante a segunda disputa de Calvino com Joachim Westphal em 1556, o apologista papista o acusou de admitir comunicantes à *Mesa* sem exame prévio. Em resposta, o reformador reconheceu abertamente sua insatisfação com a processo de exame em Genebra. Ele escreve:

Não nego que em todos os lugares erramos por excesso de facilidade. A regra é que os jovens não se apresentem à mesa sagrada até que tenham prestado contas de sua fé. As pessoas idosas são examinadas, se não forem de piedade conhecida e apurada. Eu admito, no entanto, que ganhamos menos com esta disciplina do que eu poderia desejar, embora seja muito falso dizer que, consciente e voluntariamente, oferecemos a Ceia indiscriminadamente a estranhos e pessoas não aprovadas.<sup>333</sup>

Deve-se notar que a edição final das Institutas de Calvino, publicado em 1559, incluiu seus comentários anteriores sobre comunhão semanal, mas praticamente sem maiores detalhes. Calvino também citou essas passagens

333 Ibid., 4:321.

-

<sup>332</sup> Calvin, Tracts and Letters, Vol. 5, 424.

em um debate com o romanista Tileman Hethusius no final da década de 1550,<sup>334</sup> criticando a prática romana de comunhão anual, mas não fazendo nenhum apelo específico para comunhão semanal. Em 1561, apesar de ajudar a trazer mais reformas para *Ordenações Eclesiásticas de Genebra,*<sup>335</sup> Calvino lamentou a perpetuação da comunhão trimestral. "Tomei o cuidado", escreve ele, "de registrar publicamente que nosso costume é falho, de modo que aqueles que vierem após mim possam ser capazes de corrigi-lo mais livre e facilmente". <sup>336</sup> Conspicuamente, ausente em todas essas passagens, é a noção de que a comunhão semanal é a única alternativa da Igreja à celebração anual de Roma ou a observância trimestral de Genebra.

#### Frequência e Preparação da Comunhão

Tendo examinado a administração da Ceia do Senhor ao longo ministério de Calvino, é evidente que seus pontos de vista sobre o exame da comunhão foi um fator decisivo para sua prática. "Se, portanto", ele escreve "você fosse celebrar a Ceia corretamente, você deve ter em mente que uma profissão de sua fé é exigida de você". Ao mesmo tempo, Calvino também colocou um alto valor em na preparação e auto exame antes de receber o sacramento. Mesmo que uma pessoa passasse no exame da comunhão, ela ainda era obrigada a sondar o próprio coração e preparar-se diligentemente para comungar em fé. Assim, o fracasso em se engajar nesta preparação pessoal constituía-se uma participação indigna no sacramento.

<sup>&</sup>lt;sup>334</sup> Ibid., 556-557. Date via Calvin, Theological Treatises, 257.

<sup>&</sup>lt;sup>335</sup> Robert M. Kingdon, Calvin's Ideas about the Diaconate: Social or Theological in Origin? Vol. 10, in Articles on Calvin and Calvinism, ed. Richard C. Gamble (New York: Garland Publishing, 1992), 290-291.

<sup>&</sup>lt;sup>336</sup> Wallace, Calvin, Geneva and the Reformation, 92.

<sup>&</sup>lt;sup>337</sup> John Calvin, Commentaries (Grand Rapids: Baker, 2003) 20:384.

Em seu comentário sobre 1 Coríntios 11:17-34, Calvino explica o que significa para um comungante comer e beber de maneira indigna:

> Comer indignamente, então, é perverter o uso puro e correto [da Ceia] pelo nosso abuso dela. Portanto, existem vários graus dessa indignidade, por assim dizer; e alguns ofendem mais gravemente e outros menos. Algum fornicador, talvez, ou perjuro, ou bêbado, ou trapaceador (1 Coríntios 5:11), se intromete sem arrependimento. [...] Outro, talvez, se apresentará, que não é adepto de nenhum vício aberto ou flagrante, mas ao mesmo tempo não está preparado no coração como deveria. Como este descuido ou negligência é um sinal de irreverência, este também merece punição de Deus. 338

A definição de Calvino de comunhão indigna não incluía apenas a participação de incrédulos impenitentes, mas também de crentes arrependidos que negligenciam preparar seus corações. Tais crentes despreparados

> recebem a Cristo verdadeiramente na Ceia, e ainda são culpados do corpo e do sangue do Senhor, ninguém se aproxime que não esteja devidamente preparado. Que todos, portanto, tomem cuidado de si mesmos, para que não caiam neste sacrilégio por ociosidade ou descuido.339

Assim, tanto para o incrédulo impenitente quanto para o crente despreparado, "este alimento, de outra forma saudável, resultará em sua destruição, e será convertido em veneno".340

Deve-se notar, é claro, que Calvino entendeu o julgamento de crentes despreparados como constituindo de castigo paternal em vez de ira judicial. Deus traz

<sup>338</sup> Ibid., 385.

<sup>339</sup> Ibid., 387.

<sup>340</sup> Ibid., 389.

julgamento temporal sobre descuidados comungantes "para nos sacudir de nossa sonolência e nos despertar para arrependimento [...] de modo que, entretanto, não nos esqueçamos de sua misericórdia". <sup>341</sup> De fato, ele acrescenta, Deus finalmente castiga os crentes despreparados "para que Ele possa buscar o bem-estar deles". <sup>342</sup>

Antecipando várias questões, Calvino forneceu algumas dicas práticas sobre como fazer o auto exame como meio de preparação para o sacramento:

Mas agora é perguntado sobre que tipo de exame deveria ser o qual Paulo nos exorta. [...] Se você deseja usar corretamente os benefícios conquistados por Cristo, traga fé e arrependimento. Quanto a estas duas coisas, portanto, o exame deve ser feito, se você vier devidamente preparado. [...] Ao mesmo tempo, não é uma fé ou arrependimentos perfeitos que são necessários, como alguns que indo além dos limites, requerem uma perfeição que não pode ser encontrada em nenhum lugar, fechariam para sempre a Ceia para cada indivíduo da humanidade. Se, porém, aspiras à justiça de Deus com o desejo sincero de tua mente, e, estremece sob a vista de tua miséria, você se apoia totalmente na graça de Cristo, e repousa sobre ela, saiba que você é um convidado digno para se aproximar da mesa, como digno, quero dizer a este respeito que o Senhor não te exclui. Se

Infelizmente, porém, a negligência da preparação pessoal parece ter sido um grande problema na experiência pastoral de Calvino. Refletindo sobre esses assuntos, ele não podia deixar de lamentar:

Nem mesmo entre nós, que tivemos a administração pura da Ceia restaurada a nós, em virtude de um retorno, por assim

343 Ibid., 388.

<sup>341</sup> Ibid., 392-393.

<sup>342</sup> Ibid., 393.

<sup>344</sup> Ibid., 388.

dizer, do cativeiro. Quanta irreverência! Quanta hipocrisia da parte de muitos! Que mistura vergonhosa, enquanto, sem qualquer discriminação, pessoas perversas e abertamente dissolutas se intrometem, como nenhum homem de caráter e decência admitiria em relações comuns! E ainda assim, nos perguntamos por que há tantas guerras, tantas pestes, tantos fracassos das colheitas, tantos desastres e calamidades - como se a causa não fosse manifesta! E, com certeza, não devemos esperar um término de nossas calamidades, até que tenhamos removido a ocasião delas, corrigindo nossas falhas.<sup>345</sup>

Além de seu comentário sobre 1 Coríntios, encontramos um maravilhoso resumo da abordagem de Calvino para a preparação pessoal em seu *Short Treatise on the Lord's Supper* [Breve Tratado sobre a Ceia do Senhor, 1540]. Este trabalho notável descreve nosso dever como crentes de "examinar-nos cuidadosamente", 346 avaliando "se temos verdadeiro arrependimento em nós mesmos e verdadeira fé em nosso Senhor Jesus Cristo". 347 Não apenas devemos buscar a evidência de fé e arrependimento, mas também o exercício ativo dessas graças. Por isso, Calvino enfatizou a necessidade de conscientemente meditar sobre a pecaminosidade pessoal, bem como na perfeita justiça de Cristo:

Se pensamos que toda a nossa felicidade está em Sua graça, devemos entender como somos miseráveis sem Ele. Se descansarmos nEle, devemos sentir em nós mesmos apenas inquietação e tormento. Agora tais sentimentos não podem existir sem produzir, primeiro, insatisfação com toda a nossa vida; em segundo lugar, ansiedade e medo; enfim, um desejo e amor por justiça. Pois aquele que conhece a torpeza de seu pecado e a miséria de seu estado e condição enquanto alienado de Deus, está tão envergonhado que é constrangido a

\_

347 Ibid., 2:175.

<sup>345</sup> Ibid., 392-392.

<sup>346</sup> Calvin, Tracts and Letters, 2:174.

ficar insatisfeito com si mesmo, a condenar-se, a suspirar e gemer de grande tristeza. 348

Calvino foi, claramente, rápido em condenar a introspecção mórbida e egocêntrica (em vez de centrada em Cristo) pela qual "médicos sofistas levaram as más consciências a perigos perplexidade". 349 "É um modo perigoso de ensino que alguns adotam", ele escreveu, "quando eles requerem perfeita confiança de coração e perfeita penitência e exclua todos os que não as têm". 350 Ele continuou a afirmando que "a fé que os filhos de Deus têm é tal que eles sempre têm ocasião de orar: Senhor, nos ajude em nossa incredulidade".351 Reconhecendo o perigo muito real de se erigir um padrão inatingível de preparação pessoal, Calvino observou que, desde que haja um exercício da fé e arrependimentos verdadeiros, a "fraqueza da fé que sentir em nosso coração, e as imperfeições que estão em nossa vida, devem admoesta-nos a vir à Ceia, como remédio especial para corrigi-lo".352 Em sua mente, quando um verdadeiro crente repetidamente negligencia a administração regular do sacramento devido a sentimentos de indignidade, este é um trágico mal-entendido de preparação.

Alguns dizem que não se sentem dignos, e sob este pretexto, abstêm-se por um ano inteiro... pergunto...como a consciência pode permitir que permaneçam mais de um ano em um estado tão pobre, eles não ousam invocar a Deus diretamente... não intenciono forçar consciências atormentadas por certos escrúpulos que sugerem a si mesmas, elas mal sabem como, mas aconselham-se a esperar até que o Senhor os

<sup>348</sup> Ibid.

<sup>349</sup> Ibid.

<sup>350</sup> Ibid., 2:177.

<sup>351</sup> Ibid., 2:177-178.

<sup>352</sup> Ibid., 2:179.

liberte. Da mesma forma, se houver uma legítima causa de impedimento, não nego que seja lícito atrasar. Eu apenas desejo mostrar que ninguém deve ficar satisfeito com a abstenção sob fundamento da indignidade, visto que, ao fazê-lo, priva ele próprio da comunhão da Igreja, na qual consiste todo nosso bem-estar.<sup>353</sup>

Da mesma forma, disse Calvino, a participação digna é inconsistente com um arrependimento parcial, que permanece relutante em confessar, repudiar e procurar fugir de todo pecado conhecido. Alguns cristãos professantes assumem em vão "que basta condenar seus vícios, embora continuem a persistir neles, ou melhor, desistirem deles por um tempo, para retornar a eles imediatamente depois". No entanto, ele declara: "O verdadeiro arrependimento é firme e constante, e nos faz guerrear contra o mal que há em nós, não por um dia ou uma semana, mas sem fim e sem intervalos". Assim, aproximando-se da *Mesa* do Senhor sem investigar a condição do próprio arrependimento pessoal era, para Calvino, uma marca indigna de participação.

Além disso, Calvino sustentou que comer e beber é impossível sem o tipo de fome espiritual genuína que só pode ser despertado por meio de oração e meditação diligentes. Pensando nisso, comentou:

E, de fato, que zombaria seria sair em busca de comida quando não temos apetite? Agora para ter um bom apetite não é suficiente que o estômago esteja vazio, também deve estar em boas condições e capaz de receber seu alimento. Daí se segue que nossas almas devem ser oprimidas pela fome e

354 Ibid., 2:178

\_

<sup>353</sup> Ibid., 2:180.

<sup>355</sup> Ibid.

ter um desejo e um anelo ardente de alimentar-se, a fim de encontrar o seu alimento adequado na Ceia do Senhor.<sup>356</sup>

Dada a compreensão de Calvino acerca do autoexame do comungante e a preparação pessoal, é de se admirar que ele se decidiu contra a comunhão semanal em Estrasburgo, ou que tenha adiado a Ceia sem aviso prévio? É surpreendente o que disse ao Conselho de Genebra que "porque a fragilidade do povo é ainda tão grande, há o perigo de que este mistério sagrado e tão excelente seja incompreendido se for celebrado com tanta frequência"? Deveríamos ficar chocados que, ao abordar a frequência da comunhão, ele afirmou que "nenhuma regra certa pode ser prescrita para todos" e essa frequência deve ser ordenado apenas "na medida em que a capacidade do povo permitir"?

Enquanto Calvino descreveu a incapacidade do crente comum de preparar-se a cada semana como "fragilidade", a realidade é que poucos crentes desde o tempo da Reforma foram capazes de se engajar em exercícios espirituais vigorosos semanalmente. Pode ser pela mesma razão que as igrejas reformadas posteriores em grande parte se afastaram da comunhão semanal pela mesma razão que o próprio Calvino parece ter se decidido contra ela? Essas igrejas reconheceram ao longo do tempo que a maioria dos comungantes são muito "frágeis" para se preparar corretamente para o sacramento todas as semanas? À luz dos dados históricos, a "frequência modificada" dos teólogos de Westminster parece cada vez menos como um afastamento de Calvino. Em vez disso, parece ser nada mais do que uma aplicação equilibrada de seus pontos de vista sobre o exame e preparação.<sup>357</sup>

<sup>356</sup> Ibid., 2:175

<sup>357</sup> Poucos documentos eclesiásticos capturam a abordagem de Calvino à preparação para a comunhão melhor do que as questões 170-175 do Catecismo Maior de

Esse mesmo equilíbrio talvez se reflita melhor na posição do teólogo holandês Herman Witsius, que, depois de expressando alguma simpatia geral para com o tratamento de Calvino de comunhão semanal nas Institutas, escreveu:

Embora, nosso Senhor não tenha determinado nada quanto ao tempo, e em geral só recomendou a comunhão frequente, por essa palavra (1 Cor 11:25, 26), para um certo equilíbrio, especialmente em meio a tal corrupção dos modos, deve parecer ser observada; para que não seja, pelo uso muito frequente deste alimento sagrado, que o mesmo seja desprezado ou negligenciado, juntamente com aquela augusta mesa do Senhor.<sup>358</sup>

#### Conclusão

Com base nas provas anteriores, parece haver acordo entre Calvino e a tradição reformada escocesa posterior quanto aos seguintes dogmas:

- 1. O corpo e o sangue de Cristo estão espiritualmente presentes no Ceia do Senhor para ser recebido somente pela fé.
- 2. A Ceia do Senhor deve ser celebrada com frequência.
- 3. O exame preparatório (pastoral e pessoal) é um dos meios ordenados por Deus para cercar a *Mesa* do Senhor.
- 4. Visto que as Escrituras não determinam uma "fórmula de frequência específica", o cercar da Mesa do Senhor (tanto pastoral quanto pessoal) deve determinar sua frequência.

Westminster. Uma leitura cuidadosa deste material torna muito difícil imaginar que a média comungante em uma igreja reformada e confessional seria capaz de se engajar em essas disciplinas semanalmente. De fato, fica-se com a nítida impressão de que os teólogos escreveram este material com um cronograma de comunhão menos do que semanal.

<sup>358</sup> Herman Witsius, The Economy of the Covenants Between God and Man: Comprehending a Complete Body of Divinity, trans. William Crookshank (Phillipsburg, NJ: P & R, 1990), 2:459.

Na verdade, se alguém abandonou o legado de Calvino, são aqueles que defendem os dois primeiros pontos desta lista (eficácia e frequência) enquanto descarta os dois últimos (*o cerca da Mesa*). Congregações onde a Ceia do Senhor é celebrada semanalmente sem qualquer forma de exame do comungante ou sem ênfase suficiente no auto exame pessoal<sup>359</sup> se afastaram significativamente da teologia sacramental e prática de Calvino. Infelizmente, a tendência de minimizar o elemento disciplinar na eclesiologia de Calvino é bastante comum entre os que defendem a comunhão semanal hoje. Este fato torna a afirmação de estarem perpetuando a visão de Calvino altamente enganosa. Como Filipe Schaff observou a respeito de Calvino:

A disciplina foi a causa de sua expulsão de Genebra, a base do florescimento francês da congregação em Estrasburgo, o principal motivo de seu retorno, a condição de sua aceitação, a luta e triunfo de sua vida, e o segredo de sua influência moral até hoje.<sup>360</sup>

Espero que esse refrescante exame dos fatos capacitará mais crentes reformados a apreciarem as nuances da perspectiva de Calvino e a confessarem com ele que disse "assim como a doutrina é a alma da Igreja para vivificação, assim a disciplina e a correção dos vícios são como os nervos para sustentar o corpo em estado de saúde e vigor".<sup>361</sup>

<sup>359</sup> Isso é comumente chamado de "comunhão aberta", que J. G. Vos define como um serviço de comunhão no qual "todos os que desejam participar são admitidos sem qualquer investigação de sua fé ou vida". Johannes G. Vos, The Westminster Larger Catechism: A Commentary, ed. G. I. Williamson (Phillipsburg, NJ: P & R, 2002), 502.

<sup>&</sup>lt;sup>360</sup> Philip Schaff, History of the Christian Church, (Grand Rapids: Eerdmans, 1910), 8:484

<sup>&</sup>lt;sup>361</sup> Calvin, Tracts and Letters, 5:197.

### João Calvino (1509-1564)

"nesse dia o sol se pôs e o maior luzeiro que houve neste mundo para a direção da Igreja de Deus foi recolhido ao céu" (Theodoro de Beza)